

P. JOSÉ ROLIM, O. F. M.

O  
ADVENTISMO



UNIÃO GRÁFICA/LISBOA





P. JOSÉ ROLIM, O. F. M.

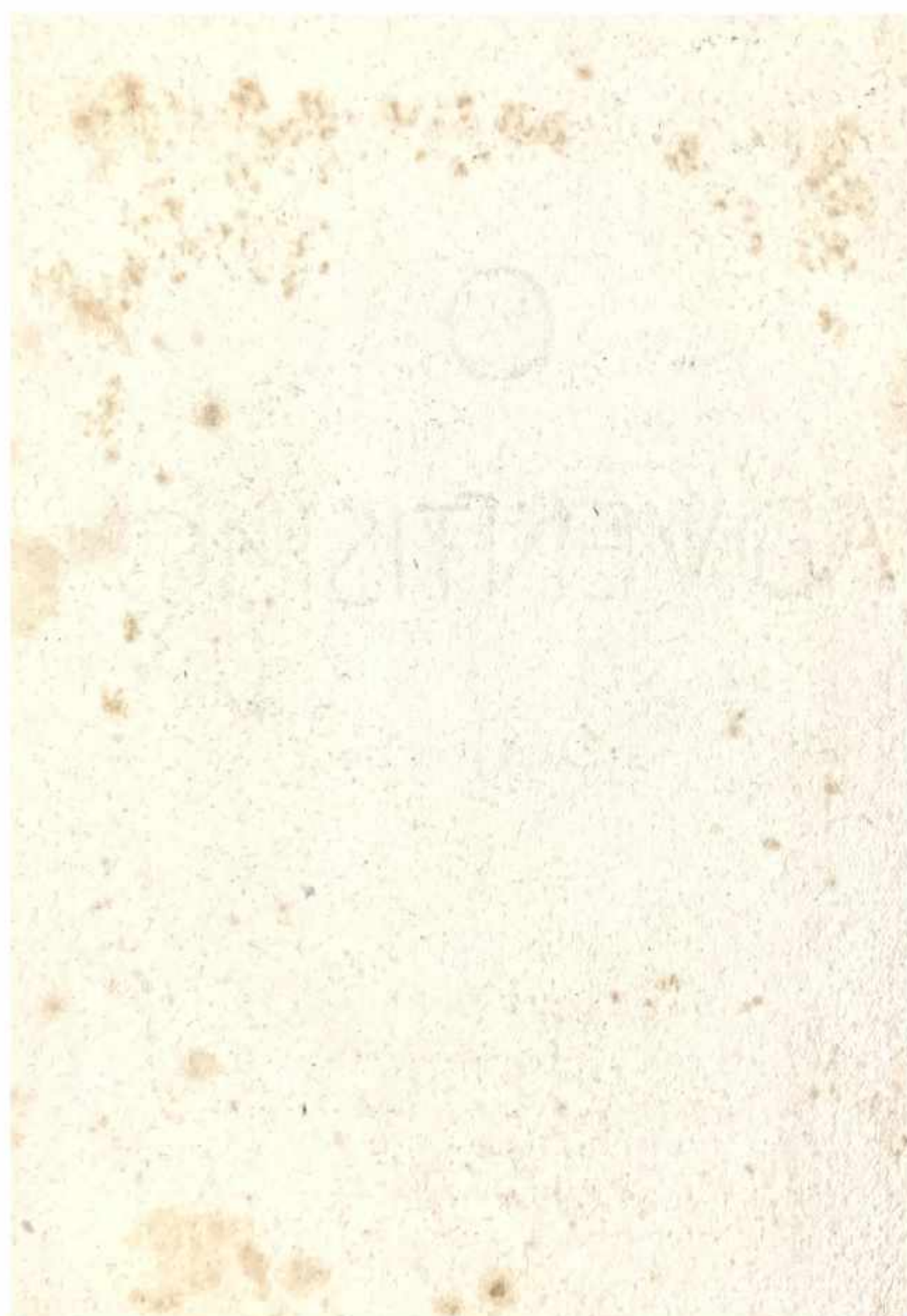
O

# ADVENTISMO

**PE. JOSÉ LELIO MENDES FERREIRA**  
**BRAGANÇA PAULISTA**

---

**UNIÃO GRÁFICA**  
**R. DE SANTA MARTA, 48**  
**LISBOA - 1943**



NIHIL OBSTAT

Ulysipone, die 5 Septembris 1942

*Fr. Cyprianus do Vale, o. f. m.*

Censor

IMPRIMI POTEST

Ulysipone, die 12 Septembris 1942

*Fr. Emmanuel Taveira da Silva, o. f. m.*

Min. Prov.

NIHIL OBSTAT

Ulysipone, 16 Septembris 1942

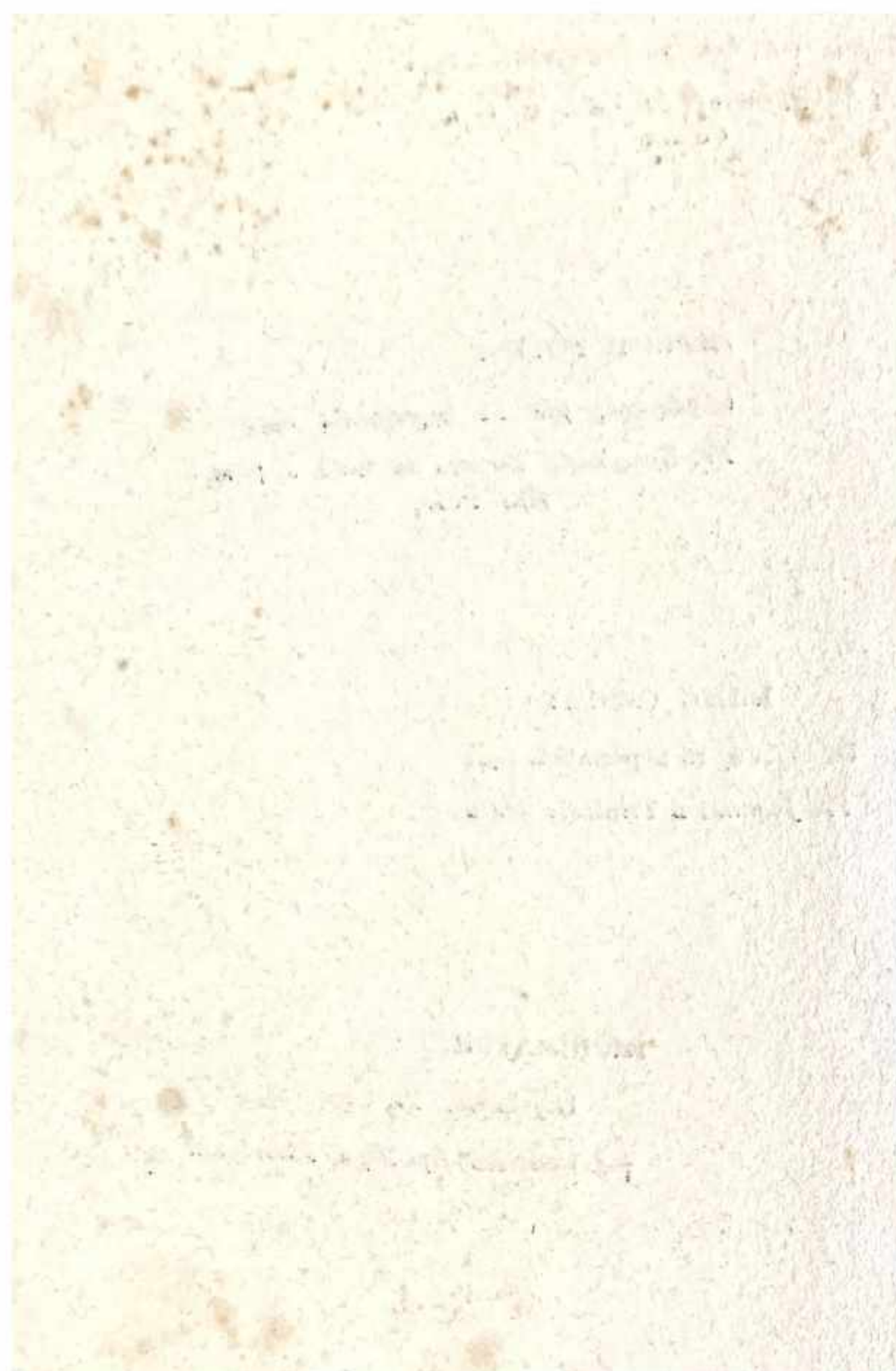
*Fr. Joannes a Trinitate Sousa*

IMPRIMATUR.

Ulysipone, 16 Sept. 1942

† JOANNES, *Episcopus Vatarbensis*







## Eu e o leitor

*Somos os interlocutores dêste meu livro.*

*A princípio, não éramos, nem elle estava para ser o que e.*

*Não é obra que immortalize o autor, mas esteve para ser bem menos.*

*Travei da pena para dar popularmente umas ripadas fortes mas de intuito caridoso em «povinho», ontem ainda católico, e já hoje adventista, calvinista e não sei que mais.*

*Mas, depois, a uma idéa adveio outra; idéias por vezes impõem normas, e por fim veio a dar no que apresento ao leitor sob o título: «O Adventismo».*

*Talvez ficasse mais certo:*

*«Questões religiosas e políticas em volta do Protestantismo e Adventismo».*

*Prefiro porém o primeiro por mais simples e mais breve.*

*Se alguém vir nêle outros intuitos que não sejam o maior amor da religião e da pátria, da Igreja e de Portugal, viu mal e demais.*

*Quere-se muito bem aos homens e muito mal aos seus erros.*

*Estes, que não aquêles, são visados em nossas apóstrofes.*

*Talvez haja quem observe, — visto apparecer uma ou outra forma dialogada:*

— Para que são interlocutores?

*É que a experiência diz-me, — e supponho que me não engana —, que o leitor gosta de interrogar o livro e de que elle lhe responda.*

*E pode ser que alguém diga que eu escrevo sempre no meu estilo.*

*Pois em que estilo hei-de eu escrever, se eu sou eu, sempre eu e o estilo é o homem?*

*Embora o critiquem, dar-me-ei por satisfeito e pago, se elle fizer muito bem.*

*Seminário da Luz*

*Lisboa, 15/ VIII/942*

**P. José Rolim**

*o. f. m.*



## I

Os desertores.  
Crise geral.  
A maior das crises é a de juízo.  
A pasmosa exegese e hermenêutica adventista.  
Os adventistas presumem de faróis.  
Justa observação de Apeles ao sapateiro.  
O que hoje mais se vê: são sapateiros a subir  
acima de chinelas.  
As mais graves e mais delicadas questões po-  
líticas.  
A crise de reflexão e a actual guerra.  
A crise de reflexão e a vocação profissional.  
Vocações eclesiásticas e religiosas feitas a mar-  
telo.  
Ofensiva de idéias.  
Ignorância religiosa.  
A escola de religião do povo é a igreja.  
Desperdício e aproveitamento do tempo.  
Verdade e mentira.  
A verdade salva. A mentira arruína.  
A mentira protestante não salva ninguém.

## Os desertores

«Ai dos filhos desertores» (1).

Desertores do exército de Cristo e do exército da  
Pátria.

---

(1) Is. 30, 11.



«Dilatar a Fé e o Império» foi o ideal dos portugueses de antanho; mas «entre portugueses traidores houve algumas vezes», — escreveu o imortal Cantor das nossas glórias.

Traidores à Pátria e traidores à Religião.

E a sua ominosa e ignominiosa dinastia ainda se não extinguiu.

Limitemo-nos à segunda, caro leitor.

Não falta entre nós quem troque a crença de seus avós e de seus pais pelo luteranismo, anglicanismo, calvinismo, espiritismo, teosofismo, *adventismo* e outros estrangeirismos religiosos.

A última moda, — em religião também há modas —, é, ou parece ser, o «*adventismo*».

Para os desertores do verdadeiro exército de Cristo, a sua religião, que povoou o mundo de grandes figuras, grandes santos, grandes sábios e grandes artistas, está velha, está exausta; a religião católica em que os nossos antepassados creram, que viveram e apostolizaram; que os auxiliou a serem grandes, grandes como os maiores, pois o aventureiro e esforçado luso bateu-se com povos cultos e incultos, com mares navegados e por navegar, e a todos venceu; descobriu novos mundos e hasteou sobre eles o Pendão das Quinas e a Cruz de Cristo; depois, quási foi dando uns e quási sem protesto lhe foram levando outros; e ainda hoje é invejado de muitos e admirado de todos; pois, para alguns, esta bendita religião católica, que Portugal tanto dilatou e a que Portugal tanto deve, caducou, deu o que tinha a dar.

Querem coisa nova: religião «à papo sêco»; religião «futurista».

— E porquê?

— Porquê? O «porquê» sabem-no eles e basta.

Certamente não é por serem santos e patriotas demais.



É, sim, de certeza, por serem santos e patriotas de menos.

Nada há que tanto una os povos como a unicidade de religião e nada que tanto os desuna como a multiplicidade de crenças.

A divisão religiosa leva à divisão política.

## **Crise geral**

— Vê-se que há crise em tudo?

— Em tudo, não! Nas paixões não há crise. Vão sempre de maré alta em maré mais alta.

Mas há muitas crises de diversa espécie. São tantas que renuncio a enumerá-las.

## **A maior das crises é a de juízo**

*A maior de tôdas porém não é de dinheiro; é a de juízo.*

Geralmente, quando se fala em crise, entende-se a de dinheiro.

Mas é justamente a crise em que eu não creio, sobretudo agora com o volfrâmio.

Há dinheiro em superabundância. Há dinheiro até para queimar.

E não falo do que se queima na guerra. Esse atingiu sem dúvida já proporções tais que só cabem na matemática divina.

Falo de loucuras quâsi infinitamente somenos, mas que em verdade o são: acender havanos com notas de 50 e 100 escudos.

E talvez ontem dessem vivas à Soviécia, para que os ricos descessem a pobres e os pobres subissem a ricos...



E não é a crise de juízo de tôdas a maior?

Há uma coisa em que eu desejava houvesse crise, crise funda, crise a valer: era em tôda a espécie de munições de guerra, de instrumentos de ruína e de morte.

Esta, com certeza, debelaria a crise de juízo.

— Lá haver crise de dinheiro, há. Os «volframistas» são poucos, são excepções.

Todo o mundo se queixa.

— Queixa-se, porque se pôs nesse mau costume.

Depois, todo o mundo, é modo de falar.

Pelo menos, os *adventistas da Madeira* supponho que não.

— Porquê, se, ainda há pouco, andaram a pedir fervorosamente para as «missões»?!

— Para as «missões»?

A mim explicaram-me, não sei se é verdade, que foi para construir uma igreja adventista no Funchal e até que iam comprar ou já compraram terreno para ela, por sinal que em sítio invejável.

É assim mesmo: quando seguiam a religião de seus pais e avós, a religião em que foram nados, baptizados, crismados e talvez também casados, não tinham 10 centavos para dar para igreja, para o culto; agora têm dinheiro em superabundância para construir «vaticanos adventistas».

## **A pasmosa exegese e hermêutica adventista**

Também, enquanto eram católicos, não tinham tempo para aprender o essencial da religião; eram de uma ignorância crassa e daí o deixarem-se facilmente iludir.

Passaram-se para o «*Protestantismo*», para «*adventistas*», e chega-lhes o tempo até para aprender de cor e salteado «*textos*» e «*textos bíblicos*», para os in-



terpretar a seu modo e molestar com êles os católicos ignorantes, quando não conseguem enredá-los completamente.

Tornam-se em pouco tempo e sem canseiras uns exegetas de respeito.

\*

Ainda não há muito, perguntou alguém a um dos tais *adventistas*:

— O sr. já leu «*A Igreja e o Protestantismo*» do R. Dr. Cónego Jardim?

Resposta desempoeirada:

— Para quê? Ele nunca foi dos nossos; não entende nada disto.

É assim mesmo.

O *ignorantissimo* católico de ontem e *sapientissimo adventista* de hoje é que sabe tudo: história, filosofia, teologia, hermenêutica e o mais que se quiser.

Para se saber alguma coisa, é necessário ser-se *adventista*.

\*

Outro facto e este mais recente ainda.

Alguém, que sabe o que diz, encontrou-se casualmente com um antigo condiscípulo em teologia e em mais alguma coisa, mas que se fizera *adventista*.

Estranhando-lhe o procedimento, por muitos títulos altamente criminoso, êle observou-lhe:

— Que quere? Encontrei a luz...

A condigna resposta não se fez esperar:

— Não venha com tais coisas, com tais desculpas.

Todos nós sabemos o que elas significam...

Encontraram a luz depois de lhe haverem voltado as costas...



Depois acrescentou que havia pouco se registara civilmente.

Eis a nova luz que lhe apparecera.

Discípulo que sai ao mestre, filho que sai ao pai (Lutero), não degenera.

Que Deus illumine êstes cegos, que presumem de haver encontrado a luz!

Efectivamente:

## **Os adventistas presumem de faróis**

Outro facto histórico, tão autêntico como as Pirâmides do Egito, a Tôrre de Belém e o Pico Ruivo.

Deu-se muito longe daqui: na Oceânia, Polinésia, cidade de Honolulu.

Prêgava ali, na catedral, um missionário português à colónia portuguesa, bastante numerosa.

Calculava-se a assistência em 1.200 pessoas.

No dia 2 de Setembro de 1911, penúltimo da missão, o prêgador foi procurado no Paço Episcopal, onde estava hospedado, por dois cavalheiros portugueses: sogro e genro.

Pediam uma entrevista particular.

Recebeu-os em seus aposentos.

Fechada a porta e trocados os cumprimentos do estylo, o mais idoso saiu-se com êste melífluo arrazoado:

— Então o irmão anda por aqui a prêgar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo?

Muito bem! muito bem!

Mas o irmão não crê nas profecias...

Olhe! eu sou ministro *adventista-sabatista*.

Venho aqui fazer-lhe uma visita de luz e de amor: convidar o irmão a entrar na nossa seita...

— Que arrôjo! Que pedantismo!, — exclamará o leitor.



— E ainda eu lhe não disse que era um pobre comerciante de panos; ex-católico, e que já mudara de religião quasi tantas vezes como a cobra muda de pele e o camaleão de côr.

São ousados; são fanáticos.

O mundo todo andou em trevas até o primeiro quartel do século XIX; e continua a andar, menos êles, que «viram a luz».

Agora querem espargi-la. São faróis.

A resposta precisa que o missionário lhe deu, é natural se me tenha desluzido há já muito da lembrança; de certeza sei porém que por tal modo o apertou com argumentação durante duas horas e meia, que, embora êle viva tantos anos como Matusalém, não terá mais a diabólica tentação, nem a petulância, de convidar um missionário católico a entrar na sua seita.

O missionário chegou a ficar com escrúpulo de ter sido tão severo e tão duro.

A polémica foi com o sogro.

O genro, mais sabido e ponderado, — tinha o curso liceal —, conservou-se em absoluto silêncio.

Ao retirar, pediu desculpa de haver acompanhado o sogro para tal fim.

É incontestável que *a crise das crises é a de juízo.*

\*

Um comerciante, que nem sequer exame de instrução primária teria, feito ministro de religião adventista-sabatista, intérprete da Bíblia e nomeadamente das profecias danielianas e apocalípticas!...

E pretende-se que tomemos estas seitas, estas religiões humanas a sério e que por elas troquemos a religião católica, a verdadeira Igreja de Cristo, que se nos apresenta com vinte séculos de provas de sua divindade?



Oh, crise do juízo! Oh, crise de bom senso!  
Mas quando não foram cegas as paixões e ousada a ignorância?

### **Justa observação de Apeles ao sapateiro**

Conto-a numa palavra ao leitor que a desconheça.  
Apeles foi um célebre pintor da antiguidade.

Um dia, depois de concluir um quadro, pô-lo à exposição e colocou-se atrás de uma cortina, para ouvir a crítica que lhe fizessem.

Passou um sapateiro e notou-lhe um defeito nos sapatos.

Apeles disse de si para si: «Ele nisto é mestre. Deve ter razão». E corrigiu o defeito.

Tornando a passar por ali o sapateiro, envaidecido por ver que o grande artista corrigira o defeito que indicara, pôs-se a pesquisar outros, mas já para cima dos joelhos.

Então Apeles levantou inesperadamente a cortina e disse:

— «Não suba o sapateiro acima das chinelas».

— Efectivamente, dirá o leitor:

### **É o que hoje mais se vê, sobretudo em matéria de religião: sapateiros a subirem acima de chinelas**

Pessoas e de tôdas as classes, altas e baixas, analfabetas e instruídas, a sentenciarem em coisas que não sabem e de que não entendem.

Não se viu já entre nós ousarem legislar para a Igreja, não tendo sabido legislar para a Pátria?



— O leitor tem razão.

Há coisas que enojam; que o bom senso repele, tais como: autorizar a República Portuguesa os padres a casar. É de ficar espantado e revoltado contra tal ousadia.

Maior crise de juízo em nossa história, não sei quando a houvesse.

A mudança de regime, Portugal perdeu o seu rumo histórico, não tanto por haver aceitado a República, como por haver aceitado a República que aceitou.

Sim! porque, em suma, a felicidade de uma nação não consiste «em formas de governo», mas em ser bem governada.

E o que sucede aos países no campo político, sucede aos indivíduos no campo religioso: o essencial não é ser católico; o essencial *é ser bom católico*.

Vale mais um *protestante de boa fé, que cumpre integralmente o seu dever*, do que um *católico, que vive pior do que um muçulmano*.

— E há hoje muito disso!

— Claro que há, caro leitor; ao invés não o diria.

## **As mais graves e mais delicadas questões políticas**

Mas, — retomando o fio a coisas de *política* —, há nela questões gravíssimas, delicadíssimas; a meu ver porém há duas que sobrelevam tôdas as demais: *estômago e religião*.

O *político*, que não as respeitar, baqueia.

É que, sem uma como sem outra, não se vive; e pela vida luta-se até à morte.

E ainda não saímos, nem sairemos tão cedo, caso cheguemos a sair, do círculo da *crise do bom senso*.



Que maior prova de falta de compreensão da natureza da alma humana e de sua história, que pretender tornar de súbito irreligioso e acatólico um *povo que foi o maior missionário da religião e fé católica?*

A reacção era de esperar e felizmente veio.

Os povos sofrem, mas não abusem de sua paciência.

Quanto mais tiverem sofrido, mais violenta será a reacção.

Isto é elementar; escreve-se todavia, porque é enorme a crise de reflexão.

## **A crise de reflexão e a actual guerra**

E já o era no tempo de Jeremias, pois escreveu:

«Tôda a terra está desolada, porque não há quem reflita em seu coração» (1).

A propósito:

Se os condutores dos povos tivessem reflectido bem, tê-los-iam atirado para os campos de batalha?

Não teriam cedido de parte a parte o preciso para manter a paz, perdendo menos, por muito que perdessem, do que têm perdido e hão-de continuar a perder com a guerra?

Jesus Cristo convidava a reflectir, dizendo:

O que quizer edificar uma torre, antes de a começar, veja bem primeiro se tem meios para a concluir.

O que pretender declarar guerra ao seu inimigo, não o faça ao de leve; reflita antes e reflita bem, se o pode vencer. Não podendo, é melhor conservar-se em paz, do que ter depois que lha pedir (2).

Na presente guerra mundial, guerra como o nosso velho mundo ainda não viu outra, só Deus sabe ao certo quem levará a vitória; todos sabemos porém, porque

(1) *Jerem.* 12, II.

(2) *Lc.* 14, 28-32.



os próprios condutores dos povos o têm publicamente confessado, que se não prestou a esta elementar advertência de Cristo tôda a atenção que ela merecia; ao invés, não teríamos a guerra, nem por isso mesmo as suas desastrosas e caóticas conseqüências: teríamos a inapreciável paz.

O mundo pacificamente dividido, em justiça e caridade, ainda chegava bem para todos, sem ser preciso devorar-nos mutuamente.

— Isso em teoria é verdade; mas praticamente é uma utopia, dirá o leitor.

— Perfeitamente de acôrdo, porque somos homens e sê-lo-emos sempre.

Haverá portanto sempre paixões e sempre luta entre elas. Mas nem por isso estamos dispensados de reflectir. Se o não fizermos, sofreremos as conseqüências das paixões e da crise de reflexão.

Não restrinjam a advertência de Jesus Cristo à guerra; ampliemo-la.

## **A crise de reflexão e a vocação profissional**

Um jovem tira, com empenhos de diversa espécie, um curso de jurisprudência, de medicina, etc., para que não tem aptidões, ou tem bem poucas.

Resultado: em vez de ganhar uma questão forense, perde-a; em vez de curar um doente, mata-o.

É evidente que nos referimos a questões e a doenças que, só por ignorância, irreflexão ou descuido, se não ganham, ou se não curam.

Outro jovem vai para um *seminário diocesano* ou *regular* e *teima em ser padre* ou *em ser frade*, sem pesar as suas fôrças, nem as responsabilidades que pretende assumir; sem cotejar umas com outras. Vai até o fim sem reflectir convenientemente, impondo-se para tôda a



vida «*sob voto*» obrigações gravíssimas, que não cumpriu, quando de simples «*mandamento*».

Resultado?

Catástrofe: ou leva vida secreta infeliz, ou vida de escândalo pública.

Talvez caia na luxúria; talvez adultere; talvez recorra à união civil; talvez passe ao maçonismo, ao teosofismo, ao protestantismo, ao adventismo.

## **Vocações eclesiásticas e religiosas feitas a martelo**

— Consequência, muitas vezes, de pressão de família, etc., observar-me-á o leitor.

— Não desconhecemos as muitas e diversas influências que soem imiscuir-se na solução do *mais grave e pessoal dos problemas da vida: a vocação, a eleição de estado*.

Vocações feitas a martelo não são apenas atentatórias da liberdade humana: infelicitam os indivíduos e deslustram, se não desonram as colectividades.

Mas, se o jovem tem energia e coragem bastantes para quebrar os vínculos sagrados com que se ligou ou o ligaram, por que não as teve para se não maniar nem deixar maniar?

Este seria um acto de fôrça e de prudência; o outro é um acto de fraqueza e de traição.

Para colorir uma e outra, passa-se à religião verdadeira, que se professava, um atestado de falsa e à falsa, que se abraça, um atestado de verdadeira.

Quantas crises não denuncia esta só crise?!

Ainda mais uma palavra, leitor, sôbre as *vocações eclesiásticas e religiosas feitas a martelo*.

Obriga-se um jovem a dizer que quer entrar num seminário diocesano ou regular.



Entra.

Enquanto está, tem que sujeitar-se ao regulamento e praxes da Casa.

Aparentemente pode até ser havido por modelo; mas em realidade pode ser um mal-acostumado.

Deus é que sabe a repugnância e indignidade com que tudo faz.

Um dia lá tem a coragem de dizer à família, a alguém que superintende nêle, na ordem material ou espiritual: Eu não continuo, ou, se é em férias, eu não volto para o Seminário, ainda que me matem; ou, ainda, comete ostensiva e propositadamente uma falta grave para que o expulsem.

Este ex-seminarista, êste ex-frade sai para a vida do mundo saturado de actos religiosos, que praticou violentado durante anos e dá num ímpio...

Depois é uma admiração de se fazerem quedar a terra e os céus.

Deviam antes admirar-se da sua *crise de bom senso*, de compreensão das coisas, e respeitar mais a liberdade humana, não a coagindo, nem física nem moralmente, pois até Deus a respeita.

— Nem todos os ex-seminaristas e ex-grades deram em Renans, Luteros e Calvinos, — dirá o leitor.

Limitando-me a seminaristas e a gente nossa.

Não foram seminaristas os Doutores António de Oliveira Salazar, Serras e Silva, Mário de Figueiredo, os falecidos Fortunato de Almeida, Mendes dos Remédios, etc., etc.?

— Sem dúvida! Mas é que nem todos os que entram e desistem, entram e desistem pelo mesmo motivo.

Falo apenas dos forçados; e, quanto a êstes, o geral é isto.

As excepções confirmam as regras e nenhuma há que não as tenha. Tem-as portanto até a *crise de reflexão*.



Há quem entre e se conserve de bom ânimo e recta intenção durante anos no Seminário; e depois saia por muito e mui prudentemente haver reflectido. Mas êstes quasi sempre, se não sempre, abonam com a sua vida a educação religiosa que receberam no seminário ou no convento.

Depois, a Providência é quem tudo governa <sup>(1)</sup>.

Santo António ofereceu-se a Cristo e partiu a imolar-se por Ele em Marrocos.

Cristo aceitou-o, mas ofereceu-o à Itália e à França.

Cada um tem sua missão a cumprir e no lugar e tempo que Deus lhe destina.

A de Salazar era *fundar e organizar o Estado Novo*.

*Talvez por isso a Providência o não quis no sacerdócio religioso.*

Reservava-o para o *sacerdócio político*.

*A política de verdade também é um sacerdócio.*

Vocações erradas, qualquer que seja a sua causa, artificiais, forçadas, fraquezas e paixões de toda a espécie e em plena liberdade, inconcebível ignorância das verdades basilares da fé católica, diametral opposição entre os princípios e a prática naqueles que os não podem ignorar, inesperadas deserções, ou incompetências, ou inércias dos ministros do santuário, a soma de todas estas parcelas e demais que se omitem dá-nos isto: verem-se entre nós, que nos dizemos todos católicos, aqui, ali e além falsos cultos a perturbar a unidade religiosa e política da Pátria.

Quando terminará a propaganda de idéias anti-católicas e anti-patrióticas?

## Ofensivas de idéias

Há idéias mais ruínas do que os bombardeiros, os aviões de guerra.

---

Sap. 14, 3.



Os aviões apavoram multidões de milhares e milhares de cidadãos e fazem-nos fugir para subterrâneos, pelos caminhos, pelas estradas, pelas campinas, pelos montes e pelos vales; incendeiam edifícios, arruinam cidades, dispersam exércitos, afundam navios, fazem voar pelo ar fortalezas, semeiam terrores, escombros, lágrimas, mortandades; povoam o mundo de orfandades, viúvezes e desventuras de toda a sorte.

E não há ofensivas de idéias, que produzem tudo isto e mais do que isto?

Não há idéias revolucionárias, incendiárias, anárquicas, desmoronadoras, que abatem tronos e suprimem dinastias?

Quem arma o braço ao assassino?

Quem amotina os povos? quem lhes rouba a honra, a paz, a religião, a felicidade?

Não são elas que desencadeiam as guerras, com o interminável séquito de todos os seus flagícios e horrores?

Pelos efeitos se conhecem as causas.

Porque desceu tanto em si mesmo e no conceito dos povos o tão nobre e honrado Portugal de antanho e de hoje antes do *Estado Novo*?

Todos o sabem, para que seja preciso eu dizê-lo.

Não andem pois portugueses em nova sementeira de idéias religioso-separatistas, que são idéias demolidoras da união nacional, quando de união mais se precisa.

*Uma só Pátria e uma só Fé.*

Herdou a segunda de seus avós, como herdou a primeira.

Não lha roubem mais, que já lha não roubaram pouco.

Tenham a certeza de que, com o amor da religião, lhe roubarão o amor da pátria.



Os dois amores em portugueses andaram sempre juntos.

Para onde fôr um, vai o outro.

Não organizemos «*quintas-colunas*» contra nacionais a favor de estrangeiros.

É um dos meios e talvez o mais poderoso de as organizar:

### **Ignorância religiosa**

De relance toquei já êste ponto, mas de novo o acentuo.

A ignorância religiosa é um dos nossos maiores males, se não o maior.

Lemos tudo, estudamos tudo, sabemos tudo, menos religião.

Não a lemos, não a estudamos, não a sabemos.

Ignoramos os *formulários da sua doutrina*, os seus mistérios, os seus dogmas, os seus preceitos morais, a sua liturgia, os seus sacramentos.

Se a aprendemos em crianças, esquecemo-la depois.

Pusemos o catecismo de lado e por vergonha de que no-lo vejam na mão, nunca mais o abrimos.

Um homem feito, um homem abastado, um homem rico, um artista de renome, um estudante de liceu, um estudante de universidade, um doutor em medicina, em direito, em ciências, em letras, etc., de catecismo na mão ?!...

Todavia não há motivo para confusões, por mais elevada que seja a nossa posição social e categoria científica.

Senão, que é o catecismo?

É uma síntese, um resumo da doutrina dogmática, moral, litúrgica, sacramental, em suma, da verdade, da religião cristã que se encontra na Bíblia, na tradição, na patrologia e teologia católica.

Que não daria o profissional de qualquer ramo de



humano saber por uma síntese tão sucinta, tão perfeita e tão inalterável da ciência que cultiva, de que carece, que porventura ensina?

E o homem pode dizer-se que não cora perante nada que lhe vejam, menos se lhe virem um catecismo na mão!...

— O motivo é outro.

Não há tempo! A vida é tão ocupada...

— Sim! temos tempo para tudo, menos para a estudar.

As conseqüências são, entre outras, as seguintes:

Se somos pessoas sabidas em conhecimentos profanos, ou vivemos numa grande inquietude de espírito e coração, ou duvidamos de tudo, ou não cremos em nada, ou aderimos a sistemas religiosos humanos de mais fácil cumprimento e mais benigna sanção, — pretendendo assim iludir-nos e iludir o próximo, pois não ter nenhuma religião é não ser homem, é ser puro animal.

Anda-se nisto com sinceridade?

Em tal hipótese, ainda entra aqui uma enorme crise de conhecimentos e de reflexão.

Nada valem religiões humanas, pois se o homem alguma coisa manda neste mundo, nada manda no outro.

O Juiz soberano é Jesus Cristo e Ele retribuirá a cada um segundo a economia de sua graça e não segundo economias criadas pela fantasia dos homens.

Os pouco ou nada instruídos, que mal sabem refletir em coisas de fora do âmbito das quotidianas materialidades da vida, movem-se como cata-ventos, ora para as parlendas de um, ora para as parlendas de outro aventureiro que os ilude e explora.

## **A escola de religião do povo é a igreja**

Não freqüentamos escolas? Temos a igreja.



*Foi sempre, é e continuará a ser a grande escola religiosa do povo. Escola secundária. A primária é o lar.*

Mas quantos não faltam a ela? Não tiveram a *primeira* e faltam à *segunda*.

Infelizmente é a maioria.

Assim se vão perdendo a fé e os costumes cristãos.

A sociedade vai-se paganizando ascendentemente; ascendentemente dispondo para receber tôdas as modalidades religiosas. Para ela, tôdas são boas, excepto a que abandonou: a católica. Esta não o é, porque condena tôdas as paixões desregradas e recomenda, aconselha, persuade e impõe tôdas as virtudes.

## **Desperdício e aproveitamento do tempo**

— Não há tempo, dizeis, para estudar religião?

— «Há tempo para tudo»; — responde-vos o Eclesiastes <sup>(1)</sup> e a experiência não vai fora disso.

Não o desperdiceis. Aproveitai-o.

Quanto se não perde em passatempos mundanos e até em arruinar a saúde?

Quanto se não perde em serões à lareira, durante as longas noites do inverno e de mil outros modos, esfaqueando a honra alheia, jogando o próprio e o alheio, etc., etc.?

Quanto se não perde em leituras de nenhum proveito e muito dano?

Os próprios comerciantes e seus empregados enquanto cuidam de aumentar o seu «capital-dinheiro», não podiam cuidar de ir aumentando o seu «capital-instrução»?

Enquanto esperam fregueses, não podiam ir lendo

---

(1) *Ecles. 3, 1-8*



livros succulentos, proveitosos, seguros, que os ensinassem a bem viver e a bem morrer?

Mas para êstes não há tempo; para ler «*romança-da*» que esquenta a fantasia, faz dar voltas à cabeça e avaria o coração, e ainda outros livros anti-católicos, não falta o tempo; há tempo de sobra.

Há muito quem não seja mais instruído em coisas de religião e noutras, porque não quiere, ou porque não sabe aproveitar o tempo, ou porque não tem iniciativa própria e lhe falece o estímulo da alheia.

Quantos não passam horas esquecidas sem nada fazer, a não ser contemplar as manobras estratégicas e pelejas aéreas das môscas, que me trazem à lembrança as manobras ofensivas e defensivas dos aviões?

Quantos não esquecem o que aprenderam por preguiça de o ir uma e outra vez recordando?

A preguiça!... ruim companhia.

Depois, por vezes, nem o «*Pai-nosso*» se sabe; e discute-se a religião, os seus dogmas e mistérios; e negam-se, porque se não compreendem...

Onde está a reflexão?

Que *crise de tudo, menos de temeridade!*

## Verdade e mentira

O leitor achará duras muitas destas verdades; mas não serão flagrantes?

A minha bôca não sabe, nem quiere mentir.

Posso enganar-me. Só Deus é que se não engana. Agora mentir conscientemente, não. É mentiroso, para mim ao menos, é todo aquêlê que não tem a necessária coragem para afirmar a verdade, quando se torna mister, estando persuadido dela.

Eu sei que na crise geral entra necessariamente a crise de princípios, de carácter, de dignidade pessoal;



que há muito fingimento, muita hipocrisia, muito bajulador que toma tôdas as atitudes, como o camaleão tôdas as côres, consoante o meio e circunstâncias em que se encontra e o proveito que pode tirar delas.

Fala-se e procede-se à maré das próprias conveniências.

A verdade parece ter sido banida do mundo a tiros de canhão.

Quem se atreve a dizê-la *nesta hora de colossal, tremenda, pavorosa e internacional mentira?*

E em *política* então, quem a diz?

Se exceptuarmos Salazar que, desde sua entrada para o «Govêrno», anunciou faria «política de verdade» e tem feito, sem ofensa, talvez ninguém mais.

Todavia

## **A verdade salva. A mentira arruína**

O mundo, infelizmente, está em armas. Parece querer destruir-se a si mesmo.

Muito se tem mentido e mente...

Mas, se Deus nos conservar a vida, veremos quem vence: se é a verdade dos factos, se a mentira das vitórias.

Não foi a mentira da política liberal que nos arruinou? que nos escravizou?

E não tem sido a «política de verdade» de Salazar que nos tem salvo e imposto ao respeito, consideração e admiração do mundo?

O que êle antes de Salazar dizia de nós e o que diz hoje...

## **A mentira protestante não salva ninguém**

Passemos do mundo político para o mundo religioso.



Não é a mentira do «Protestantismo», de nenhuma de suas inúmeras seitas, dêem-lhe a denominação que quiserem, desde Luteranismo, Anglicanismo, Calvinismo até Adventismo, não é essa colossal mentira religiosa, filha das mais degradantes paixões, que há-de salvar o mundo.

O que o há-de salvar é a verdade religiosa, católica de Cristo, proclamada pelo órgão autêntico que Ele estabeleceu para a pregar ao mundo de todos os tempos e de todos os espaços: a sua Igreja: a Igreja que Ele fundou sobre Pedro: a Igreja católica, apostólica, romana.

Queira-se ou não se queira, a verdade divina e histórica é esta.

O mais são «invenções humanas, criações de cérebros esquentados, soberbos, orgulhosos, apaixonados», que procuram encobrir as suas misérias, colorir a sua situação perante os homens, mas nada conta para a entrada no reino de Cristo.

Ele é a «Porta» do redil <sup>(1)</sup>; Ele o «Pastor» supremo do rebanho <sup>(2)</sup>; e em seu nome e por sua mesma instituição Pedro e seus legítimos sucessores.

---

(1) Jo. 10, 7, 9.

(2) Jo. 10, 11, 14.



## II

Princípios e factos.

Divina e hierárquica fundação da Igreja.

Pedro — o supremo Pastor dos cordeiros e ovelhas de Cristo.

Cristo impõe a Simão o nome de Pedro e promete-lhe a entrega das Chaves.

Infalibilidade e pecabilidade.

Investição de Pedro no Sumo Pontificado.

Supremacia religiosa da Igreja Romana.

### Princípios e factos

Existimos. Não nos fizemos a nós mesmos. Portanto alguém nos fez. Todos tivemos pai e mãe.

O primeiro homem e a primeira mulher é que não vieram de outro casal humano, senão andaríamos sempre em busca do *primeiro* e a encontrar-nos com o *segundo*.

Também não vieram da terra, nem da pura animalidade.

A terra dá tudo, menos homens.

Animais dão animais e não homens, como o trigo dá trigo e não centeio.

A origem simiana do homem é uma infeliz e degradante teoria da ciência sem fé, que prefere vir do orangotango, do gorila, do macaco, a vir de Deus.



Que lhe preste a sua tão nobre, distinta e fidalga ascendência

Não lha cobiçamos.

Basta-nos a nossa, que é divina e por isso mesmo de infinita excelência.

Os homens vimos de Deus, como de Deus veio tudo quanto existe.

Ele a tôdas as criaturas deu leis em conformidade com a natureza de que as dotou e o destino que lhes estabeleceu.

Havia de abrir uma excepção para o filho predilecto do seu amor?

\*

Criou-o «à sua imagem e semelhança» (1), «em justiça e santidade de verdade» (2), elevando-o à ordem sobrenatural.

Sinalou-lhe como fim supremo quinhoar em sua mesma glória.

Deu-lhe as leis que devia cumprir para o alcançar.

Ao conjunto destas leis dá-se o nome de «religião».

Todos os homens têm o mesmo princípio, a mesma natureza, o mesmo fim, e portanto as mesmas leis, a mesma «religião» a cumprir.

Foi assim na *lei natural*; foi assim na *lei escrita*; é assim na *lei da graça*, no *Evangelho*.

A própria razão nos diz que assim devia ser, que assim está bem, que de outra sorte estaria mal, pois Deus faria distinção de pessoas, e não faz (3).

«Não há senão um Senhor, uma fé, um baptismo,

---

(1) *Gén.* 1, 27; *Eclis.* 17, 1.

(2) *Efés.* 4, 24.

(3) *Mt.* 22, 16; *Gal.* 2, 6; *Act.* 10, 34; *Rm.* 2, 11; *Efés.* 6, 9; *Col.* 3, 25; *I Petr.* 1, 17, etc.



*um Deus e Pai de todos, que... governa tôdas as coisas...*» (1)

Assim, *Jesus Cristo instituiu uma só Igreja*, na qual delegou a missão e os poderes que recebera de seu Pai.

*Não fundou muitas igrejas para se combaterem umas às outras.*

*A Igreja que Jesus Cristo, Filho de Deus e Salvador de todos os homens, instituiu, para a todos salvar e por isso se chama católica, é a Igreja de S. Pedro, a Igreja Romana.*

Esta questão, — questão fundamental —, apresenta-se e apresentou-se sempre ao meu espírito com tanta evidência que não compreendo o motivo de tanta discussão sobre o assunto.

Os espíritos sinceros não carecem dela.

Basta-lhes a simples exposição dos «*princípios e factos*».

As paixões é que discutem e discutem sempre, porque se não saciam nunca.

Domina-as constante inquietude.

A mentira nunca deu paz à consciência, porque o homem foi feito para a verdade e para o bem.

A tranquilidade de espírito é filha da virtude e a virtude é o ajustamento da vida com a lei que a rege; e, no caso presente, com o *Evangelho*; não como cada um o interpreta, mas como o expõe quem recebeu o dom da inteligência d'ele e a missão de o pregar e difundir pelo mundo.

Isto de os homens se arvorarem por sua própria autoridade em fundadores e reformadores de religiões para substituir a de Jesus Cristo, a que Ele pessoalmente fundou, é uma das muitas comédias humanas.

Deram-se ao «*livre exame*», a interpretar a Bíblia, cada um a seu modo, e é isto que se vê: religiões a brotarem no seio da sociedade como tortulhos nos montes.

(1) *Efés. 4, 5-6.*



## Divina e hierárquica fundação da Igreja

Jesus Cristo foi bem claro, bem positivo, bem formal.

Quere que haja «um só rebanho e um só pastor» (1).

Declara ainda:

«Eu sou a porta das ovelhas» (2).

«Eu sou o bom pastor» (3).

É o Pastor supremo.

Os Apóstolos e seus legítimos sucessores são seus delegados.

Não foram eles porém que usurparam esta delegação.

Foi Ele que espontaneamente lha conferiu.

Dá claro e solene testemunho desta verdade o grande Paulo de Tarso, dizendo:

«Nós somos embaixadores de Cristo» (4).

«Confiou de nós o ministério da reconciliação» (5).

«Ele mesmo fez a uns certamente apóstolos, e a outros profetas, e a outros evangelistas, e a outros pastores e doutores; Para consumação dos santos, em ordem à obra do mistério, para edificar o corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé» (6).

Temos maior e mais solene testemunho todavia: é o do mesmo Jesus Cristo:

«Não fostes vós que me elegestes a mim; mas fui eu que vos escolhi a vós...» (7).

Efectivamente, o facto do chamamento e eleição dos Apóstolos vem expressamente consignado nos Sinópticos (8).

(1) Jo. 10, 16

(2) Jo. 10, 7, 9.

(3) Jo. 10, 11, 14.

(4) 2 Cor. 5, 20.

(5) 2 Cor. 5, 18.

(6) Efés. 4, 11-13; 1 Cor. 12, 28.

(7) Jo. 15, 16.

(8) Mt. 4, 18-22; 10; Mrc. 3, 13-19; Lc. 6, 13-16.



Jesus continua:

«*Tem-se-me dado todo o poder no céu e na terra*» (1).

«*Assim como o Pai me enviou a mim, também eu vos envio a vós*» (2).

Isto é: com a mesma missão e os mesmos poderes.

«*Eu vou mandar-vos o dom que vos está prometido por meu Pai*» (3).

«*Quando vier... aquêlê Espírito de Verdade (que eu vos hei-de enviar* (4)), *êlê vos ensinará tôdas as verdades... e anunciar-vos-á as coisas que estão para vir*» (5).

«*Espírito de Verdade ficará eternamente convosco e em vós*» (6).

«*Êlê vos ensinará tôdas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito*» (7).

«*Abriu-lhes o entendimento para alcançarem o sentido das Escrituras*» (8).

Atentemos bem em que de nenhuma destas promessas pode valer-se o «livre exame», pois não foram feitas à igreja discente, aos fiéis, mas à Igreja docente, aos Apóstolos.

«*Ide pois por todo o mundo*», continua o Senhor, «*prêgai o Evangelho a tôda a criatura*» (9); «*ensinai tôdas as gentes, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a observar tôdas as coisas que vos tenho mandado*» (10).

«*O que vos recebe, recebe-me a mim; e o que me recebe a mim, recebe aquêlê que me enviou*» (11).

(1) Mt. 28, 18.

(2) Jo. 20, 21; 17, 18.

(3) Lc. 24, 49.

(4) Jo. 15, 26.

(5) Jo. 16, 13.

(6) Jo. 14, 16-17.

(7) Jo. 14, 26.

(8) Lc. 24, 45.

(9) Mrc. 16, 15.

(10) Mt. 28, 19-20.

(11) Mt. 10, 40.



*«O que vos ouve, ouve-me a mim; e o que vos despreza, despreza-me a mim. E o que me despreza, despreza aquêle que me enviou» (1).*

*«O que crer e fôr baptizado, será salvo; o que porém não crer será condenado» (2).*

*«Recebei o Espírito Santo.*

*Aos que perdoardes os pecados, ser-lhes-ão eles perdoados; e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-ão retidos» (3).*

No Cenáculo, após a instituição da Eucaristia:

*«Fazei isto em memória de mim» (4).*

*«Estai certos de que eu estou convosco todos os dias até à consumação do século» (5).*

## **Pedro — o supremo Pastor dos cordeiros e ovelhas de Cristo**

Jesus Cristo, ao convidar Simão Barjona para seu discípulo, deu-lhe logo a entender que lhe estava reservado singular destino.

Disse-lhe:

*«Tu és Simão filho de João; tu serás chamado «cefas», que quiere dizer Pedro» (6), ou «pedra».*

Não faltará à sua promessa.

## **Cristo impõe a Simão o nome de Pedro e promete-lhe a entrega das Chaves**

Chegou o momento de a cumprir.

Foi em Cesareia de Filipe.

---

(1) *Luc. 10, 16.*

(2) *Mrc. 16, 16.*

(3) *Jo. 20, 22-23.*

(4) *Lc. 22, 19; e Cor. 11, 25-26.*

(5) *Mt. 28, 20.*

(6) *Jo. 1, 42.*



Disse-lhe solene e arroubadamente perante os demais discípulos:

*«Bem-aventurado és tu, Simão filho de João...*

*Eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.*

*Eu te darei as chaves do reino dos céus.*

*E tudo o que tu ligares sobre a terra, será ligado também nos céus; e tudo o que tu desatares sobre a terra, será desatado também nos céus» (1).*

\*

Está revelado o singular destino de Simão Pedro: será a pedra angular da Igreja de Cristo, o seu Chefe supremo.

Esplêndida, magnífica promessa!

Cumpri-la-á, como cumpriu a primeira.

Fundará sobre ele a sua Igreja.

As portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Dar-lhe-á a chave do reino dos céus, isto é: a suprema autoridade no reino dos céus que vem estabelecer: a sua Igreja; e os poderes redentores que recebera de seu Pai, em tal maneira que, no exercício deles, aprovará nos céus, quanto ele fizer, como seu Vigário, na terra.

## **Infalibilidade e pecabilidade**

Mas Pedro, com ser constituído Chefe supremo da Igreja de Cristo, não deixará de ser homem e como tal, como indivíduo, frágil, sujeito a pecar. Como Chefe supremo porém da Igreja, não.

Eis por que lhe disse mais o Senhor:

---

(1) Mt. 16, 17-19.



«Simão, Simão: eis aí vos pediu Satanás com instância para vos joeirar como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não falte; e tu enfim, depois de convertido, conforta teus irmãos» (1).

Como se vê, o próprio Jesus Cristo estabelece *diferença entre Pedro indivíduo particular e Pedro Chefe supremo de sua Igreja*.

E o que se diz de S. Pedro, deve dizer-se de todos os seus legítimos sucessores no sumo Pontificado.

Efectivamente e infelizmente *Satanás venceu Pedro como indivíduo particular*: êle negou o seu divino Mestre e por três vezes e em circunstâncias bem agravantes; *Satanás porém não conseguiu vencer Pedro como Chefe supremo da «Sociedade cristã», nem vencerá jamais os seus legítimos sucessores*, porque Jesus Cristo orou por êles, para que a sua fé não desfalecesse, prometendo-lhes solenemente que *«as portas do inferno não prevaleceriam contra a Igreja»*, cuja guarda lhes confiou.

A missão de Pedro e de seus legítimos sucessores era e é confirmar os seus irmãos na fé, os filhos do reino, os fiéis: «Confirma os teus irmãos» (2).

Como o poderiam fazer, se êles mesmos, como tais, estivessem sujeitos a atraioá-la? pudessem perdê-la?

## **Investição de Pedro no Sumo Pontificado**

Um dia, junto ao mar de Tiberíades, após a pesca miraculosa e a refeição que se lhe seguiu, perguntou Jesus a Simão Pedro:

«Simão filho de João, tu amas-me mais do que êstes?

Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.

---

(1) *Le. 22, 31-32.*

(2) *Le. 22, 32.*



Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.  
Preguntou-lhe outra vez: Simão filho de João, tu  
amas-me?

Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que eu  
te amo.

Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.  
Preguntou-lhe terceira vez: Simão filho de João, tu  
amas-me?

Pedro ficou triste, porque terceira vez lhe pergun-  
tara:

Tu amas-me? e respondeu:

Senhor, tu conheces tudo: tu sabes que eu te amo.

Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas» (1).

Pedro está pois investido na suprema chefia da  
Igreja de Cristo, na suprema pastoreação de todo o seu  
rebanho.

Bem dizia eu que Jesus Cristo cumpriria a sua pro-  
messa.

Pois assim como cumpriu as referidas, cumprirá  
necessariamente tôdas as demais.

Eis, em resumo, os «princípios e os factos», geral-  
mente aceitos e confirmados por vinte séculos de pele-  
jas e vitórias.

Nem Pedro, o Chefe da Igreja, ainda morreu, —  
o Papa não morre nunca, revive em seus sucessores —,  
nem a Igreja ainda tombou.

Há, sempre houve e haverá, ovelhas que se tres-  
malham; mas o «Rebanho» e o «Pastor» continuam.

## **Supremacia religiosa da Igreja Romana**

É uma das conclusões dos «*princípios e factos*» que  
acabámos de enunciar.

---

(1) Jo. 21, 15-17.



Não a podem ver os *adventistas* e demais *sectários*,  
*protestantes*, *cismáticos* e *hereges*.

— E porquê?

— «A verdade, diz Santo Agostinho, é mãe do ódio».

As trevas não podem ver a luz.

O próprio Jesus Cristo disse a Nicodemos:

«O que não crê, já está condenado...»

E a causa desta condenação é: que a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque eram más as suas obras.

Porquanto todo aquêlê que obra mal, aborrece a luz, para que não sejam argüidas as suas obras» (1).

Ora a Igreja de S. Pedro, a Igreja Romana, é a luz que Jesus Cristo acendeu e deixou no mundo para o alumiar.

Ele mesmo disse: «Eu sou a luz do mundo» (2).  
«Vós sois a luz do mundo» (3).

Ele é a luz essencial; ela, a sua Igreja, é a luz reflectida.

Luz de verdade, ao seu clarão aparece o êrro.

Os *anti-romanos* de tôda e qualquer denominação pretendiam a liberdade de fundar igrejas independentes, de crer e praticar o que lhes aprouvesse e ao mesmo tempo blasonar de verdadeiros e autênticos discípulos de Jesus Cristo.

Como a Igreja de Roma protesta e os condena em nome e virtude de sua suprema autoridade, — daí a ira, a raiva, o ódio, os insultos, as calúnias.

Os *adventistas* accusam-na falsamente de haver exterminado com sua influência política os reis simbolizados na «*fera danicliana*»: os hérulos, os vândalos, os borguinhões, os ostrogodos, os alanos e suevos de Espanha, e usurpado o seu domínio.

(1) Jo. 3, 18-20.

(2) Jo. 8, 12 etc.

(3) Mt. 5, 14 etc.



Data, dizem, da queda dêstes povos, de 533, a supremacia religiosa da Igreja Romana, que a ficou devendo a Justiniano.

Ora é historicamente falso que êstes reinos, êstes povos, tenham baqueado aos golpes da Igreja.

Os hérulos foram vencidos pelos ostrogodos, em 489; os vândalos, por Belisário, general constantinopolitano, em 534; os borguinhões, pelos francos, em 470; os ostrogodos, por Justiniano, em 533; os alanos e os suevos de Espanha, pelos visigodos.

\*

A supremacia religiosa da Igreja Romana veio-lhe de Jesus Cristo; data do momento em que Ele a constituiu sobre S. Pedro e lhe confiou a pastoreação de todo o seu rebanho: «*Apascenta os meus cordeiros. Apascenta as minhas ovelhas*» (1).

Eu quero que haja «*um só rebanho e um só pastor*» (2).

Tudo o que ligares ou desligares na terra, será também ligado ou desligado nos céus (3). O que fizeres, está bem feito.

Isto é claro como a água que brota da rocha.

Ou rasgar a Bíblia, ou responder: *Amen*: assim é; assim foi sempre; assim será até à consumação dos séculos!

É para estas e outras passagens fulminantemente claras que devemos apelar para resolver tôdas as dúvidas que nos suscitem passagens obscuras.

Tôda a interpretação particular da Bíblia ou da

---

(1) Jo. 21, 15-17.

(2) Jo. 10, 16.

(3) Mt. 10, 19.



tradição que colida com os referidos textos ou os infirme deve rejeitar-se como inteiramente falsa.

Tudo o que se opõe a uma verdade claramente expressa, é erro.

Erro é portanto dizer que a Igreja primitiva traíu a sua missão.

Não a traíu, nem a podia traír.

Jesus Cristo não pode abandonar a sua Igreja, nem a Igreja o pode abandonar a Ele.

A promessa é positiva, terminante, clara, solene:

«*Eu estou convosco todos os dias até à consumação do século*» (1).

«*Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*» (2).

Digam-me os *adventistas* e todos os demais que atacam a Igreja católica por motivo de sua *supremacia religiosa*, que culpa tem ela de que Jesus Cristo lha tenha concedido?

\*

A supremacia da Igreja Romana sobre tôdas as outras igrejas não lhe vem, pois, de Roma ser capital do Império Romano, nem da ambição dos pontífices romanos, como pretendem Harnack e outros protestantes; mas de ser a Igreja de Pedro e o Pontífice Romano seu legítimo sucessor.

Assim, a voz da Igreja Romana é a mesma voz de Cristo, como a voz de Cristo é a voz do Pai, que o enviou (3).

A sua palavra é a última palavra da fé, do dogma, da moral, da sacramental.

---

(1) *Mt.* 28, 20.

(2) *Mt.* 16, 18.

(3) *Lc.* 10, 16; *Jo.* 7, 16; *Jo.* 8, 55; *Jo.* 17, 14.



Ela decide sem apêlo tôdas as questões e dúvidas que surjam àcerca de tôdas estas verdades, como já o proclamava Santo Agostinho: «*Roma locuta est, causa finita est*»: Roma falou, terminou a questão».

\*

Ainda mais uma palavra.

A divina Providência conduziu Pedro, humanamente falando, um pobre pescador, sem ideal, a estabelecer a *capital do cristianismo, a Cátedra da verdade divina, a sede do «Quinto Império»* — o Império de Jesus Cristo através dos séculos —, que os *adventistas* confundem com o seu «*milénio*», como veremos, na *sede do Império dos Césares, na capital do paganismo, no Panteão da mentira humana*.

Vê-se pois que foi sábio e divino o movimento de conquista e difusão do Evangelho, do *reino de Jesus Cristo*.

Não me custa a crer que Pedro tenha dado êste passo gigantesco por directa e immediata indicação do mesmo divino Fundador, que depois de sua «*ressurreição*», segundo S. Lucas, «*apareceu aos Apóstolos por 40 dias, falando-lhes do reino de Deus, a sua Igreja, e lhes deu preceitos pelo Espírito Santo*» (1).

---

(1) *Act. 1, 2-3.*



### III

Quem não é católico necessariamente se condena, ou poderá salvar-se?

Fora da Igreja não há salvação.

Que é a Igreja?

Em que consiste a alma da Igreja?

Que é necessário para pertencer à alma da Igreja?

Fé sobrenatural.

Graça santificante.

Quem pertence à alma da Igreja?

### **Quem não é católico necessariamente se condena, ou poderá salvar-se?**

— Perante a exposição dos «*princípios*» e «*factos*» a pergunta do leitor tem tãda a razão de ser.

Parece efectivamente que os *pagãos*, os *gentios*, os *protestantes*, de qualquer denominação, os *adventistas*, os *hereges*, os *cismáticos*, não pertencem ao rebanho de Cristo, não são ovelhas suas, não ouvem a sua voz, que é a voz de sua Igreja, não crêem nas referidas verdades, riem-se delas, e portanto se não podem salvar.

Falando em geral, assim é.

Jesus Cristo o diz clara e expressamente, como se lê em S. João (1):

---

(1) Jo. 10, 26-27.



*«Vós não crêdes, porque não sois das minhas ovelhas.*

*As minhas ovelhas ouvem a minha voz e eu conheço-as e elas seguem-me».*

Ele decretou que todos os que cressem n'Ele, que tôdas as suas ovelhas formassem *«um só rebanho sob a guarda de um só pastor»* (1).

Portanto tôdas as *ovelhas e cordeiros* que não fizerem parte *dêste* rebanho e não obedecerem a *êste* pastor, *não são ovelhas nem cordeiros de Cristo.*

Como se hão-de pois salvar, se Ele é o único Salvador e a ninguém salva que não pertença ao *seu* rebanho, i. é, à sua Igreja?

— Então hão-de condenar-se todos os que não pertençam à verdadeira Igreja de Cristo, à Igreja católica apostólica, romana?

— Questão gravíssima. Não obstante, é de fé:

## **Fora da Igreja não há salvação**

*«Fora da Igreja ninguém, absolutamente ninguém, se pode salvar»* (2).

Fora de Cristo não há salvação (3); e Cristo não se encontra fora de sua Igreja (4). Portanto fora dela não há salvação.

*«Fora da arca noémica, o dilúvio e a morte; fora da Igreja católica, a condenação»* (5), diz S. Cipriano.

E Santo Agostinho (6): *«Ninguém pode ser salvo, nem obter a vida eterna, se não tem Cristo por cabeça; ninguém tem Cristo por cabeça, se não pertence ao seu corpo, que é a Igreja».*

(1) Jo. 10, 16.

(2) Conc. Later., C. IV, «Firmiter»; Conc. Florent «Decretum pro Jacobitis».

(3) Act. 4, 12.

(4) Mt. 28, 20.

(5) S. Cipr. «De unit. Eccles. VI»

(6) S. Cipr. «De unit. Eccl., XIX.»



«A salvação na Igreja e só na Igreja — eis a lei. Não foram os homens que a fizeram, sob a inspiração de um rigorismo intransigente; emana d'Aquele que, tendo-nos resgatado com o seu sangue e a sua morte, tinha o direito de ditar as condições mediante as quais devíamos gozar dos benefícios da redenção.

Ele disse aos seus Apóstolos: «*Ide, prègai o Evangelho a tôda a criatura*», isto é, multiplicai a Igreja, que sois vós», o que acreditar e fôr baptizado, será salvo, o que não acreditar, será condenado (1).

Delegou pois a sua missão e os seus poderes redentores em sua Igreja.

Logo fora dela não há salvação.

Por outro lado, «*Deus nosso Salvador quer que todos os homens (católicos, hereges, cismáticos e gentios) se salvem e cheguem a ter o conhecimento da verdade; porque só há um Deus e um só mediador entre Deus e os homens, que é Jesus Cristo homem que se deu a si mesmo para redenção de todos*» (2).

É pois absolutamente necessário encontrar meio de conciliar a divina misericórdia, que a todos quer salvar, com a divina justiça, que os quer salvar pela sua Igreja.

Felizmente já não carecemos de o buscar, porque há muito foi encontrado; carecemos apenas de o expor.

Resumiremos os autores que têm versado de um modo especial este tão importante argumento (3).

Há diversos modos de pertencer à Igreja.

Pode pertencer-se-lhe «visível» ou «invisivelmente», por simples «desejo» ou em «realidade», ao «corpo» e

(1) Monsabré: Conf. 51.

(2) I Tim. 2, 3-6. Cf. Pio IX: Alloc. 9 de Dez. de 1854

(3) Cf. R. P. E. Hugon: «Hors de l'Eglise point de salut»; J. V. Bainvel: «Hors de l'Eglise pas de salut»; E. Dublanchy: De axiome: «Extra Ecclesiam nulla salus»; Dictionnaire de Theologie catholique; Caperan: «Le Problème du salut des infidèles»; Monsabré: conf. 51-60.



à «*alma*», ou *sòmente* ao «*corpo*», ou *sòmente* à *alma*».

Quantos pertencem à Igreja sem o saber!

Pertencem-lhe pelo coração, por desejo implícito, que Deus aceita como realidade. Não pertencem ao corpo; pertencem à alma.

Tôda a clareza é pouca em assunto de tanto momento e por isso esclarecemos ainda:

Não basta porém o *simples desejo* de pertencer à alma da Igreja para «*de facto*» lhe pertencer; é necessário pertencer-lhe «*em realidade*».

O simples desejo da fé e o simples desejo da graça por si mesmos não bastam para justificar a alma.

É óbvio: não basta desejar ser rico, sábio, médico, pintor, etc., para o ser.

*É necessário pertencer, ao menos por desejo, ao corpo da Igreja.*

Jesus Cristo instituiu-a como *sociedade visível e economia única do sobrenatural*. Confiou-lhe todos os instrumentos da salvação. Em seu nome e por sua autoridade deve continuar entre os homens até à consumação dos séculos a mesma missão redentora que o Pai Lhe confiara: «*Assim como o Pai me enviou a mim, também eu vos envio a vós*» (1).

Desejar, portanto, eficazmente a salvação é unir-se implícita e necessariamente à Igreja, como a fonte única da vida sobrenatural.

O pertencer «*de facto*» ao corpo da Igreja é um *simples preceito* e por isso mesmo o *escusam a boa fé ou a impossibilidade de o cumprir*.

Não concorrendo porém nem uma nem outra, há *obrigação grave de pertencer ao corpo da Igreja*, não bastando o simples desejo, por insincero e por isso mesmo ineficaz.

Mas procedamos ordenadamente, embora não ultrapássemos os limites de uma síntese:

(1) Jo. 20, 21.



## Que é a Igreja?

A Igreja, em sua ampla acepção, é a sociedade de todos os chamados ao reino dos céus, de todos os que aderiram a Deus pela fé e pelo amor.

Uns combatem ainda sôbre a terra; outros expiam no purgatório; outros já triunfam no céu.

Constituem todos uma só família, porque têm todos o mesmo Pai, seu primeiro princípio e último fim, para o qual tendem pelo mesmo meio: a graça.

O Chefe desta sociedade imensa é Jesus Cristo.

«O Pai constituiu-O... cabeça de tóda a Igreja, que é o seu corpo e inteiro complemento...» (1).

«Em nenhum outro há salvação» (2).

«Foi do agrado do Pai que residisse n'Ele tóda a plenitude» (3): plenitude da vida, plenitude da graça e plenitude da glória.

«É dela que todos nós participamos» (4).

De Cristo nos vem tóda a influência vital sobrenatural.

Em sentido menos amplo, por Igreja entende-se a sociedade dos redimidos.

Começou em Adão e Eva.

Em sentido estricto, é a sociedade dos redimidos como Jesus Cristo a instituiu: é a plenitude de Cristo (5); é o prolongamento da incarnação, imagem e semelhança do «Verbo feito carne» (6).

Devem portanto encontrar-se nela os seus principais traços, a sua fisionomia.

E de facto encontram:

Jesus Cristo é Deus e homem.

---

(1) Efés. 1, 17, 22-23.

(2) Act. 4, 12.

(3) Colos. 1, 19.

(4) Jo. 1, 16.

(5) Efés. 1, 13.

(6) Jo. 1, 14.



*A Igreja é divina e humana: divina, participa do poder e imortalidade do seu divino Fundador; é capaz, como Ele, de sobreviver a todos os ódios e perseguições; é una, santa, indefectível, infalível...; humana, é formada de elementos enfermos, perseguida, combatida e combatente.*

*Jesus Cristo é o autor da fé <sup>(1)</sup>, o princípio do sobrenatural. Sua missão é salvar; por isso recebeu um nome superior a todo o nome <sup>(2)</sup>: Jesus: Salvador.*

*A Igreja é uma sociedade sobrenatural por seu fim e pelos meios por que o realiza. Seu fim: salvar as almas.*

*Os meios são especialmente os sacramentos.*

*O Verbo incarnado é Deus e homem.*

*O homem é corpo e alma.*

*É da alma que o corpo recebe a vida, a energia, a fecundidade.*

*A Igreja consta de alma e de corpo; e toda a vida, energia, actividade, fecundidade e santidade do corpo da Igreja lhe vêm igualmente da sua alma.*

## **Em que consiste a alma da Igreja?**

*A alma da Igreja é o Espírito Santo.*

*É d'Ele que ela recebe os dons sobrenaturais que a fazem viver: a justiça, a graça e a caridade.*

*São estes dons que constituem a alma da Igreja.*

*Leão XIII na Encíclica «Divinum illud munus», de 9 de Maio de 1897, diz expressamente que «Jesus Cristo é a cabeça da Igreja e o Espírito Santo a sua alma» e confirma-o com a autoridade de Santo Agostinho, que escreveu:*

*«O que a alma é para o nosso corpo, é o Espírito Santo para o Corpo de Cristo, que é a Igreja» <sup>(3)</sup>.*

(1) *Hebr.* 12, 2.

(2) *Filip.* 2, 9.

(3) *Serm.* 257, C. VI.



## Que é necessário para pertencer à alma da Igreja?

Para pertencer à alma da Igreja, é necessário participar dos dons do Espírito Santo que a constituem.

Em primeiro lugar é necessário pois

### Fé sobrenatural

«Duas grandes virtudes são necessárias à salvação» e portanto para pertencer à alma da Igreja, (visto só nela haver salvação): «a fé e a caridade» (a fé sobrenatural e a graça santificante): «a fé, que é o começo da vida; a caridade, que é o seu fim» (1).

A graça santificante, a graça da caridade, é a veste nupcial necessária para tomar parte no banquete divino (2).

Mas a graça da caridade começa pela fé, que é o germe da vida eterna (3).

«O que não crê já está julgado» (4):

A salvação é possível aos mesmos gentios, todavia é certo que ninguém pode obter a justificação sem fé divina (5).

O Concílio do Vaticano, no lugar citado, expressa-se nos termos seguintes:

«Como sem fé é impossível agradar a Deus (6) e chegar ao consórcio dos seus filhos, nunca sem ela alguém se justificou».

(1) S. Inac. Epist. ad Ephes. XIV, XVI.

(2) S. Greg. Magn. Hom. in Evang. 1, 2, hom. 38.

(3) S. Thom. Qq. Dqq. De veritate, q. 14, a. 2.

(4) Jo. 3, 18.

(5) Conc. Trid. sess. VI, c. VII, Cf. can. VIII e III, Conc. Vatic. c. III, De Fide.

(6) Hebr. 2, 6.



O Concílio afirma a *necessidade absoluta da fé divina, da fé sobrenatural*, mas não da *fé católica*, pelo menos explícita, para a salvação.

É que a proposição das verdades divinas pela Igreja é o *meio ordinário e a regra comum* porque Deus confiou exclusivamente toda a sua revelação à *Igreja infalível, a qual, e ninguém mais, recebeu a missão de ensinar até à consumação dos séculos*.

Não é porém da *essência da fé sobrenatural* que o *objecto revelado seja proposto por um magistério exterior*.

Os anjos e os homens, que receberam a *divina revelação*, não tiveram necessidade dêste meio.

Assim, os *hereges materiais e os gentios*, que aproveitem as graças sobrenaturais que Deus lhes conceda, podem ter *fé verdadeiramente divina sem ser católica*, isto é, sem que a verdade revelada lhes tenha sido apresentada pela Igreja.

*Esta fé seria da mesma espécie que a nossa, porque teria o mesmo princípio, a graça; o mesmo objecto formal, Deus, verdade primeira; o mesmo motivo, a autoridade de Deus revelador* (1).

A *regra da crença* seria diferente: *não seria a proposição da Igreja, mas a luz interior e divina pela qual as almas conhecem que Deus lhes revela os mistérios* (2).

Para que o *motivo de crer dos ignorantes, não culpados, seja sobrenatural*, não é necessário que dêem conta de que crêem por causa da autoridade de Deus revelador.

Basta que queiram crer, da maneira que Deus

---

(1) Hugon: obr. cit.

(2) Genet: «De fide», disp. 1, a 2, N. 43.



prescreve, o que Ele ensinou, o que vem d'Ele, segundo as vias que Lhe apraz escolher.

Também *não é necessário ter conceito teológico do sobrenatural*: na crença das verdades transcendentais contém-se virtualmente a autoridade de Deus revelador e sobrenatural.

*Há fé salutar e divina*, quando se crê, não por motivo de evidência natural, mas por motivo superior (1).

Deus pode suprir por sua luz interior o magistério da Igreja, como sucede com os infiéis, que crêem nos missionários, embora não vejam os motivos de credibilidade como nós (2).

## **Graça santificante**

*É a segunda condição necessária à salvação, quer se pertença também ao corpo da Igreja, quer somente à alma.*

Mas que é a graça santificante?

A graça é um mistério.

A Bíblia usa das seguintes expressões para nos fazer conceber uma idéia dela:

Que é a «*vida nova*» que recebemos ao ser baptizados em Cristo (3); que ela nos despoja do homem velho; renova em nós o espírito de Deus; nos reveste do homem novo, criado em justiça e santidade (4); nos torna «*uma nova criatura*» (5); capazes de obras meritorias de vida eterna em Jesus Cristo..., por cuja graça somos salvos, mediante a fé (6); que por ela nasce-

(1) Billuart: De fide, diss. 1, a. 2. cf. Dublanchy: obr. cit. Pgs. 157-159.

(2) Billuart: ibidem.

(3) Rm. 6, 3-4.

(4) Efés. 4, 22-24.

(5) Gal. 6, 15.

(6) Efés. 2, 4-10.



mos de Deus <sup>(1)</sup>; somos seus filhos <sup>(2)</sup>; renascemos para a vida nova <sup>(3)</sup>; em suma, que ela nos torna participantes da natureza divina: «*Divinae consortes naturae*» <sup>(4)</sup>. Fixemo-nos um momento nestas últimas palavras.

A natureza de um ser é a fonte de suas propriedades e o princípio de suas operações.

Ora, «*Deus lux est*»: Deus é luz <sup>(5)</sup>; «*Deus caritas est*» <sup>(6)</sup>; «Deus é caridade».

Deus conhece-se, ama-se, procura sua glória.

Participar da natureza divina é participar destas divinas propriedades e operações.

Esta nossa participação da natureza divina e portanto de suas propriedades e operações evidentemente é accidental, mas real e física: «*Genus sumus Dei*»: «Somos da linhagem de Deus» <sup>(7)</sup>; «somos seus filhos e por isso mesmo também seus herdeiros; verdadeiramente herdeiros de Deus, coerdeiros de Cristo» <sup>(8)</sup>.

Ele operou em nós e connosco e nós operámos nEle e com Ele obras divinas, merecedoras portanto de eterno quinhão na herança de sua glória.

«*A fé obra pela caridade*» <sup>(9)</sup>.

## Quem pertence à alma da Igreja?

Pertencem, segundo a doutrina exposta, todos os que se encontrem na graça de Deus.

Já dissemos que a graça pressupõe a fé, fé divina, sobrenatural.

(1) Jo. 1, 16.

(2) 1 Jo. 3, 1.

(3) 1 Petr. 1, 23.

(4) 2 Petr. 1, 4.

(5) 1 Jo. 1, 5.

(6) 1 Jo. 4, 16.

(7) Act. 17, 28-29.

(8) Rm. 8, 17.

(9) Gal. 6, 6.



Ora, «Deus não nega a sua graça, a graça suficiente, ao que faz da sua parte o que pode».

Concede-a aos justos para que cumpram os preceitos da sua lei <sup>(1)</sup>; aos pecadores para que se convertam <sup>(2)</sup>; aos infiéis para que se aproximem das luzes da santa verdade. A doutrina contrária foi condenada <sup>(3)</sup>.

A divina Providência provê o homem de tudo o que lhe é necessário à sua salvação.

A misericórdia de Deus não conhece obstáculos, ou então só conhece um: o livre arbítrio humano. Ele e só ele pode levantar obstáculos à recepção da graça.

Portanto a êle sòmente pode imputar-se a condenação <sup>(4)</sup>.

Ao que se condena pode Deus dizer: «*Volui... et noluisti*»: Eu quis salvar-te, mas tu não quiseste <sup>(5)</sup>.

As tuas obras, a tua vida, foram a tua perdição: «*Perditio tua ex te*» <sup>(6)</sup>.

Devemos crer que as obras de salvação são imputadas à nossa liberdade <sup>(7)</sup>.

O que nos criou sem nós, não nos salvará sem nós.

Que injustiça cometerá Deus em não salvar quem se podia salvar e se não salvou, porque não quis? <sup>(8)</sup>.

Não lhe faltou a graça; foi o seu livre arbítrio que lhe resistiu.

A acção da graça é absolutamente, soberanamente livre no seu princípio.

(1) *Conc. Trid. sess. VI, can. 18.*

(2) *Êseq. 33, 11; Conc. Trid. sess. VI.*

(3) *Por Alex. VIII e Clem. XI.*

(4) *Sum. cont. Gent. 1. III, c. 159.*

(5) *Mt. 23, 37; Lc. 13, 34.*

(6) *Ose. 13, 9.*

(7) *Conc. Trid. sess. VI, c. 32.*

(8) *S. Agost. Enchirid. c. 94.*



O homem não pode merecê-la, aliás não seria graça, dom gratuito <sup>(1)</sup>.

Todavia Deus, em sua infinita misericórdia e amorosa condescendência, vem em auxílio da alma com tudo o de que ela há mister para salvar-se, sempre que se lhe dirige com tóda a sinceridade, como Paulo de Tarso: «*Senhor, que quereis que eu faça?*» «*Domine, quid me vis facere?*» <sup>(2)</sup>.

\*

Pio IX, depois de proclamar altamente o dever que têm todos os homens de pertencer à Igreja de Cristo, declara altamente também que nem os gentios serão condenados por sua ignorância, *desde que seja invencível*; e que *desta ignorância, vencível ou invencível, só Deus é o juiz*.

O que de certeza sabemos, diz, é que há um só Deus, uma só fé e um só baptismo <sup>(3)</sup>. Não podemos ir mais longe.

A mão de Deus não é abreviada <sup>(4)</sup>; os dons da graça celeste jamais faltam a quem com sincera vontade os deseje e peça <sup>(5)</sup>.

E na *Encíclica* de 10 de Ag. de 1863 aos Cardeais, Arcebispos e Bispos:

«Todos aquêles que invencivelmente ignorem a nossa santa religião, mas observem com fidelidade a lei natural e os preceitos graves por Deus gravados no coração de todos os homens, estejam dispostos a obedecer ao Senhor e vivam honestamente, podem com o socorro da luz e graça divinas chegar à vida eterna; porque *Deus*, que vê, perscruta e conhece os espíritos, os

(1) *Rm.* 11, 6.

(2) *Act.* 22, 10.

(3) *Efés.* 4, 5.

(4) *Isai.* 59, 1.

(5) *Aloc. cons.* «*Singulari quadam*», de 9 de Dez. 1854.



corações, os pensamentos e os hábitos de todos os homens, não permitirá, em sua bondade e clemência, que alguém seja entregue ao suplicio eterno sem haver cometido falta grave.

Mas é preciso não esquecer também o dogma católico que «ninguém pode salvar-se fora da Igreja».

\*

Está pois assegurada, da parte da divina misericórdia, a salvação de todos os homens, a universal redenção de Cristo.

Quem se perde, perde-se portanto porque quer. Trabalhemos, sim, pela conversão dos infiéis. É nosso dever: Jesus Cristo o deseja: «Tenho também outras ovelhas que não são dêste aprisco; e importa que eu as traga, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um pastor» (1).

Jesus Cristo o ordena: «Ide pelo mundo todo, pregai o Evangelho a toda a criatura» (2).

Todavia não nos preocupemos em excesso com a dolorosa situação dos povos infiéis. Eles não estão tão abandonados como nos parece.

«O sol da graça levantou-se sobre o seu horizonte e faz penetrar os seus raios onde as sombras da morte são mais espessas» (3).

«O misterioso sol da justiça», diz Santo Ambrósio, e eu acrescento: e da misericórdia, «nasceu e veio para todos» (4).

E dizem que Cristo não conquistou ainda senão uma diminuta minoria...

Sim! mas a influência da sua doutrina invadiu já o mundo inteiro.

(1) Jo. 10, 16

(2) Mrc. 16, 15.

(3) Monsabré: Conf. 24: «A acção da graça»

(4) In ps. 118.



Não vai ela de geração em geração e de país em país influindo, mais ou menos, em tudo?

Se a barbárie, até em nações cristãs, ainda é grande, que não seria sem Cristo? sem o seu Evangelho? sem a sua Igreja?...

\*

Conclusão:

Pròpriamente falando, *só os justos*, não importando nem a lei, nem a religião, nem o tempo, nem o meio em que se tenham justificado, *sô êles pertencem à alma da Igreja.*



## IV

Que se entende por Corpo da Igreja?

Jesus Cristo propôs-se estabelecer uma Igreja visível.

Obrigação de pertencer ao Corpo da Igreja.

Obrigação grave de receber o baptismo.

Os três baptismos.

O baptismo da água.

O baptismo de sangue.

O baptismo de desejo.

### Que se entende por Corpo da Igreja?

Os justos que pertencem à alma da Igreja constituem uma «*sociedade interior*» e por isso mesmo «*invisível*»: «*a sociedade das almas*».

Esta «*sociedade interior e invisível*», a «*sociedade das almas*», vive num «*corpo*», numa «*sociedade exterior e visível*».

O «*Corpo da Igreja*» é pois uma «*sociedade exterior, visível e completa*», com o seu magistério, ministério e governo próprios.

A idéia de «*corpo*» implica multidão e desigualdade de membros.

«*Se todos os membros fôsem um só membro, onde estaria o corpo?*» (1).

---

(1) Cor. 12, 19. Ver todo o c.



Visibilidade, desigualdade dos membros: leigos, clérigos, sacerdotes, religiosos; diversidade de vocações, de officios, de ministérios — eis o *Corpo místico de Cristo, o Corpo da Igreja completo*.

Será preciso provar que este «*Corpo é visível*»? Ao menos, duas palavras.

## **Jesus Cristo propôs-se estabelecer uma Igreja visível**

O *Protestantismo*, ao romper com a Igreja, ao separar-se violentamente do *Corpo místico de Cristo*, inventou, como refúgio, uma *Igreja invisível*, uma *sociedade misteriosa* unicamente composta de *justos e predestinados*.

Já demonstrámos a existência desta *sociedade interior e invisível: a sociedade das almas justas*. Pretender porém limitar a isto a instituição de Jesus Cristo, é um *êrro dogmático* e um *êrro histórico*.

Jesus Cristo fundou uma *sociedade exterior e visível* em que devia funcionar a *Igreja invisível*, a *sociedade das almas*.

Na verdade:

«reúne apóstolos em volta de si, instrui-os, comunica-lhes a sua missão, a sua autoridade e o seu poder; envia-os depois às cidades da Judeia; pede-lhes contas da sua missão; escolhe e designa o seu chefe; dá-lhe auxiliares; forma com solicitude comovente o grupo tipo e princípio, que chama ternamente o seu *pequeno rebanho*: «*Pusillus grex*» (1).

É manifestamente um *corpo social, exterior e visível* que desabrocha.

Tudo o indica: os nomes que lhe dá, o poder que lhe confere, a missão que lhe confia.

---

(1) *Lc. 12, 32.*



Chama-lhe a *sua assembleia*, a *sua Igreja*: «*Ecclesiam meam*»; um redil, onde as ovelhas se reúnem sob o mando de um mesmo pastor; um *campo*, onde há boas e más sementes; um *festim*, para o qual todos são convidados, uma *rêde*, lançada no grande mar da humanidade e que colhe tôda a espécie de peixes; o *reino de Deus*, aberto a todos os povos do mundo.

Atribui à sua Igreja o poder de julgar sem apelação: «*Se o teu irmão pecar di-lo à Igreja; se não ouvir a Igreja, seja para ti como um pagão e um publicano*» (1).

E logo acrescenta: «*Tudo o que vós ligardes sôbre a terra, será ligado nos céus; e tudo o que vós desligardes sôbre a terra, será também desligado nos céus*» (2).

Enfim, quer que, aquêles que formou, se espalhem pelo mundo inteiro, preguem a sua doutrina e apliquem a todos os povos os benefícios da redenção pelo sacramento do baptismo.

Haverá coisa mais clara?

Ater-se unicamente ao Evangelho, como faz o Protestantismo, e negar a instituição, por Jesus Cristo, de *uma sociedade religiosa, exterior e visível*, é querer fechar os olhos à luz do texto sagrado» (3).

Para o *Protestantismo liberal* hodierno o *cristianismo* é apenas o «*Reino de Deus interior, espiritual*» que consiste no *amor de Deus-Pai*. Tudo o mais é produto da evolução.

Semelhante afirmativa é, como se disse, anti-dogmática e anti-histórica.

Todos os *elementos que constituem o Corpo da Igreja são visveis*.

«*São muitos membros e um só corpo*» (4).

---

(1) *Mt.* 16, 15, 17.

(2) *Mt.* 18, 18.

(3) *Monsoyé*. Conf. 51.

(4) *I Cor.* 12, 20; 10, 17.



E não são êles, os fiéis visíveis?  
Não professam êles externamente uma e a mesma fé?

E não comungam todos no mesmo culto externo?  
Não recebem os mesmos sacramentos?  
Não obedecem aos mesmos pastores?

*Magistério, ministério, govêrno, tudo é visível.*

E como não, se a missão da Igreja é ensinar, santificar e governar os fiéis?

O *Corpo da Igreja* é pois *uma sociedade essencialmente visível*, cujos membros, leigos, sacerdotes, religiosos, estão entre si ligados pela «*unidade da fé, do govêrno e do culto*», — tríplice unidade que só se encontra na Igreja católica.

## **Obrigaçào de pertencer ao Corpo da Igreja**

É dogma fundamental da fé católica, como já vimos, que ninguém pode salvar-se sem pertencer de alguma forma ao *Corpo da Igreja*: quando seja impossível pertencer «de facto», deve pertencer-se ao menos «por desejo».

Os motivos estão igualmente ditos.

*Como se entra no Corpo da Igreja e como nos conservamos nêle?*

*É o baptismo*, convenientemente recebido, *que nos introduz no Corpo místico de Cristo*; e é a *unidade da fé, do govêrno e do culto que nos conserva nêle*.

Portanto

## **Obrigaçào grave de receber o baptismo**

O baptismo, «em realidade ou por desejo», é absolutamente necessário à salvação (1).

(1) *Trid. sess. VI, c. IV.*



«Anátema ao que pretender que o baptismo é livre i. é, que não é necessário à salvação» (1).

Poderia a Igreja deixar de assim falar, depois de Jesus Cristo ter sido tão claro, tão positivo, tão formal?

A Nicodemos afirmou Ele com juramento: «Na verdade, na verdade te digo que não pode ver o reino de Deus, senão aquêle que renascer de novo...

Em verdade, em verdade te digo que quem não renascer da água e do Espírito Santo, não pode entrar no reino de Deus» (2).

E por S. Mateus: «Ide pois e ensinai tôdas as gentes, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (3).

E por S. Marcos: «O que crer e fôr baptizado, será salvo; o que porém não crer será condenado» (4).

O baptismo é portanto, segundo as expressões do próprio divino Redentor dos homens, *um renascimento para uma vida nova*, a «vida em maior abundância» que Ele afirmou vir trazer ao mundo (5); a *vida divina, vida cristã, vida católica*; vida de unidade de fé, de govêrno e de culto.

## Os três baptismos

O baptismo introduz-nos na Igreja.

Como só nela há salvação, só há salvação para os baptizados.

O baptismo infunde-nos a vida divina da graça, prelúdio necessário da vida da glória. É pois a abertura do reino dos céus.

(1) Trid. sess. V; *Decretum de peccato originali*, e sess. VII, *De baptismo...*, c. V.

(2) Jo. 3, 3, 5.

(3) Mt. 28, 19.

(4) Mrc. 16, 16.

(5) Jo. 10, 10.



Indispensável sacramento de salvação, Deus devia à sua infinita bondade e misericórdia torná-lo acessível e fácil a todos.

E quem poderá dizer que não tornou?

## **O baptismo da água**

Que coisa mais à mão de todos do que a água? Deus derramou-a com infinita liberalidade por toda a parte: por montes, vales, colinas e oiteiros. Onde não a encontraremos?

É certo que a não podemos tomar por nós mesmos, para justificar nossas almas. Mas Jesus Cristo multiplicou indefinidamente os ministros do seu baptismo: quando a necessidade urge, todos podem baptizar; todos: clérigos, leigos, homens, mulheres, crianças, crentes, hereges ou infieis.

Que se requiere para a sua validade?

Apenas duas condições: que se observe o rito da Igreja e se tenha intenção de fazer o que ela faz.

E nada mais?

Mais nada.

E, se apesar de tôdas estas providenciais facilidades, o «*baptismo de água*» é impossível, está para sempre irremediavelmente perdida uma alma?

Não!

A divina bondade quis que outros *baptismos* o suprissem.

## **O baptismo de sangue**

O candidato ao martírio anela banhar-se nas águas baptismas; o tirano porém não lho permite e abre-lhe as veias com o ferro desumano?



O mártir é baptizado em seu próprio sangue. Cada gota dêle, à proporção que corre, está como que a dizer a Deus: É por Ti que o derramo! Não te posso amar mais: Tu mesmo o disseste: «*Ninguém tem maior amor do que este: dar a vida por seus amigos*» (1).

Mas a auréola do martírio concede-a Deus relativamente a poucos. E os demais? os que não têm quem os baptize, nem são baptizados em seu próprio sangue?

## O baptismo de desejo

Deixou-lhes o Senhor êste supremo recurso: o simples mas *sincero desejo do sacramento*, que, sob o impulso do Espírito Santo, *produz um acto perfeito de contrição, de caridade*.

S. Gregório Nazianzeno chama-lhe «baptismo de lágrimas» (2).

Santo Ambrósio, escrevendo àcêrca da morte do imperador Valentiniano, que pedira o baptismo mas que o não recebera, porque a morte se antecipou, diz: «Certamente recebeu-o, pois o pedira: *Certe, quia poposcit, accepit*» (3).

«E não é necessário que êste desejo seja explícito.

Está contido na amorosa vontade daqueles que, não conhecendo sequer a virtude e até a existência do baptismo, estão dispostos a fazer tudo que é necessário para que sejam justificados» (4).

Dêstes três baptismos pode e deve dizer-se com toda a verdade: «*Tres sunt et hi tres unum sunt*»: São três e os três são um só» (5). «*Unum baptisma*»: Há um só baptismo (6).

(1) Jo. 15, 13

(2) Orat. 39, 17.

(3) De obitu Valent., 51.

(4) Monsabré: 64 conf.

(5) I Jo. 5, 7-8.

(6) Efés. 6, 5.



As causas que operam no «baptismo de desejo e de sangue» são as mesmas que operam no «baptismo de água»: o sangue de Cristo e a graça do Espírito Santo.

O baptismo impõe obrigações. Nobreza obriga. Constitui o baptizado membro de um corpo divino: o Corpo místico de Cristo: a Igreja, e impõe-lhe deveres divinos.

O primeiro é permanecer na unidade da fé.



## V

Dever grave de pertencer ao Corpo da Igreja pela unidade da fé.

Os Apóstolos e a unidade da fé.

Os Santos Padres e a unidade da fé.

Os Concílios e a unidade da fé.

Procedimento da Igreja para com os hereges.

A «heresia» é directamente oposta à fé.

A unidade da fé não pode basear-se no «livre exame».

O Protestantismo e a Dogmática cristã.

Os Chefes protestantes e o «Magistério superior».

### **Dever grave de pertencer ao Corpo da Igreja pela unidade da fé**

*«O que crer, será salvo; o que não crer, será condenado» (1).*

Eis a lei; lei promulgada pelo divino Redentor dos homens.

A unidade da fé exigida por nosso Senhor é imposta a todos os que quiserem participar dos méritos de sua vida, paixão e morte e abrange *tôdas as verdades propostas pelo magistério visível e infalível dos Apóstolos e seus legítimos sucessores: «O Evangelho...»* (2) *«Tudo quando vos mandei»* (3).

---

(1) *Mrc.* 16, 16.

(2) *Mrc.* 16, 15-16.

(3) *Mt.* 28, 20.



O que o rejeitar, será condenado.  
A negação de um só dogma é um desafio à ciência e à veracidade do Criador.

Crime de lesa-divindade!

*Rejeitar o Magistério infalível* que Jesus Cristo instituiu para salvar os homens em seu nome, *é rejeitá-lo a Ele próprio.*

Injuriar um delegado, um embaixador, rejeitá-lo, que é senão injuriar e rejeitar quem o enviou?

## Os Apóstolos e a unidade da fé

Os Apóstolos zelaram a unidade da doutrina do Senhor.

S. Pedro lança anátemas aos falsos profetas, aos doutores da mentira, que corrompem a integridade da fé e *introduzem seitas de perdição* (1).

S. Paulo:

Aos gálatas: *«Eu me espanto de que, deixando aquêle que vos chamou à graça de Cristo, passeis assim tão depressa a outro Evangelho; Porque não há outro, se não é que há alguns que vos perturbam e querem transformar o Evangelho de Cristo.*

*Mas ainda quando nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie um Evangelho diferente do que nós vos temos anunciado, seja anátema...»* (2).

Aos coríntios: *«Irmãos, rogo-vos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo... que não haja entre vós cismas...*

*Está dividido Cristo?...»* (3).

A Tito: *«Foge do homem herege...; sabendo que, o que é tal, está pervertido e peca, sendo condenado pelo seu próprio juízo»* (4).

---

(1) 2 Petr. 2. Ler todo o c.

(2) Gál. 1, 6-9.

(3) I Cor. 1, 10, 13.

(4) Tit. 3, 10-11.



A Timóteo: «*Ó Timóteo, guarda o depósito, evitando as profanas novidades de palavras e as contradições de uma ciência de falso nome, da qual, fazendo alguns profissão, descaíram da fé*» (1).

A perda da fé é um verdadeiro naufrágio (2).

É mais: é o maior de todos os naufrágios: é o naufrágio da salvação eterna. Nêle tudo se perde, tudo se abisma.

Para S. João, «*os hereges são anti-cristãos*» (3).

S. Judas (4) suplica aos cristãos que combatam pela fé que receberam do ensino oficial e denuncia os inovadores.

## **Os Santos Padres e a unidade da fé**

Os santos Padres prègaram enèrgicamente esta mesma verdade, procurando reconduzir os hereges à unidade da Igreja:

S. Inácio de Antioquia (5):

«É necessário perseverar até o fim na fé, para ser admitido no reino de Deus.

Os que corrompem a fé, são entregues ao fogo inextinguível»: «Para ser filho de Deus é necessário voltar à unidade da Igreja; e ai daquele que segue doutrina estranha» (6).

Santo Ireneu (7) considera separado de Cristo e votado à condenação aquêle que se desvia, embora num só ponto, da doutrina revelada.

O mesmo ensina S. Cipriano (8).

Diz expressamente: «Todos os hereges são adver-

---

(1) I Tim. 6, 20-21.

(2) I Tim. 1, 19.

(3) I Jo. 2, 18-19.

(4) Epis. Jud.

(5) Epist. ad Ephes. XIV e VI.

(6) S. Ignat. ibid. III.

(7) S. Iren. Adv. haeres.

(8) De unitat. Eccl.



sários de nosso Senhor, gentios, publicanos, rebeldes, inimigos.

Seus altares são falsos, seu sacerdócio ilícito, seus sacrificios impuros e sacrílegos» (1).

«Todos os que pensam de Cristo diferentemente da santa Igreja estão fora da Igreja; e todos os que pensam d'Ele como a Escritura, mas que não querem communhar na unidade da Igreja, estão fora da Igreja» (2).

S. Jerónimo (3): «Exprimirei claramente o meu pensamento: É necessário permanecer na Igreja fundada sobre os Apóstolos e que dura até o presente.

«Os que ousam dizer-se de Cristo, mas usam outro nome, como Marcionitas, Valentinianos, êstes, saibam-no bem, não são a Igreja de Cristo, mas a sinagoga do Anti-Cristo».

E S. Agostinho (4): «Os hereges não pertencem à Igreja, porque ela ama a Deus, nem os cismáticos, porque ela ama o próximo».

Quere dizer: a *heresia* é um pecado contra Deus, directamente oposto ao amor que lhe devemos; o *cisma* é contrário à caridade que devemos ao próximo.

Cassiano compara os hereges aos monstros mais perigosos (5).

S. Vicente Lirinense (6) taxa de impiedade o abandono de um só dogma, de um só artigo.

S. Tomás (7): «Os que violam a unidade da fé merecem não somente ser separados da Igreja pela excomunhão, mas também excluídos dêste mundo pela pena de morte».

A salvação é o único verdadeiro fim a que Deus enviou o homem a êste mundo.

(1) S. Cyprian. Epist. ad Magnum.

(2) S. Cypr. De unit. Eccle. IV.

(3) Dial. contr. Lucif. 28.

(4) De fide et symbolo, X.

(5) De Incarn. L. I.

(6) Commonit.

(7) 2 2.<sup>a</sup> e, q. 11, a. 4.



Portanto, infelicidade, infelicidade, só há uma: perdê-la.

Que crime não é pois envenenar a primeira fonte da vida sobrenatural — a fé?, introduzir na sociedade a causa da eterna condenação?

Assassinos do corpo e assassinos da alma; que são senão malfeitores públicos?

No campo da teoria, aceitos os princípios de ordem sobrenatural, parece que fica justificada a opinião de S. Tomás.

Todavia eu, como sempre fui e ainda sou contra a pena de morte, não ousaria dizer tanto.

## **Os Concílios e a unidade da fé**

«Muitíssimo longe estão da verdade os que reivindicam como direito do homem rejeitar a fé divina ou suspender o seu assentimento até examinar os motivos que os levaram a crer.

A obrigação de crer é perpétua, não sendo permitido subtrair-se a ela um só instante.

Deus também nos move e auxilia a crer constantemente com sua graça, não tendo nós direito a resistir-lhe.

Os motivos que levam à fé são tais que, quanto mais se estudam, mais se nos impõem e com maior clareza.

Daqui o não ser possível encontrar motivo que nos autorize a suspender o nosso assentimento, como se tantas provas não bastassem.

Eis por que de novo condenamos a opinião já condenada que estabelece como base de toda a inquirição teológica a dúvida positiva» (1).

---

(1) *Conc. Coloniense*, an. 1860, c. VI.



A esta declaração do Concílio de Colónia juntou o Concílio Vaticano a autoridade do seu infalível magistério (1):

«Deus misericordioso excita e auxilia com a sua graça os extraviados para que possam alcançar o conhecimento da verdade; e havendo-os transportado das trevas à sua admirável luz, os confirma com sua graça para que nela perseverem, não os abandonando sem primeiro ser dêles abandonado.

Não há pois paridade de condição entre os que pelo dom celeste da fé aderiram à verdade católica e os que, seduzidos por humanas opiniões, seguem falsa religião.

Os primeiros, os que receberam a fé pelo magistério da Igreja, não podem ter nunca motivo legítimo para mudar de fé ou duvidar dela».

\*

Pode dar-se o caso, e êsse não se nega, de um ou outro homem rejeitar de boa fé verdades definidas, por só as conhecer através das mentiras e blasfêmias da «*imprensa*» e meio social em que vive.

Em tal hipótese porém a sua heresia será apenas material e por isso mesmo não deixará de ser católico.

Todavia só culposamente pode um católico chegar a negar e rejeitar *todo o sobrenatural*, a tornar-se, em suma, inteiramente incrédulo.

A perda total da fé é um crime de lesa-majestade divina, não sendo nunca excessiva a severidade com que se condena o *falso liberalismo* que ousa inocentar os apóstatas.

---

(1) Conc. Vatic.



## Procedimento da Igreja para com os hereges

Deve porém notar-se que os *hereges materiais*, como os *formais*, não pertencem ao Corpo da Igreja, pois romperam o laço social, que é a profissão visível da mesma fé.

Assim, a Igreja, praticamente, no *fôro externo*, não distingue entre *hereges formais* e *hereges materiais*.

Ao tornar a recebê-los em seu maternal seio, impõe-lhes igualmente *retratação pública*.

Mas no *fôro interno* atende às circunstâncias, à educação, aos preconceitos.

Recebe com ternura os inocentes, cujos erros tenham sido involuntários, e os que, atormentados pela dúvida, buscam ardorosamente a verdade, a luz de Deus.

«Conheci», escreve um convertido célebre (1), «conheci intimamente, entre os que estão fora da Igreja, almas que viviam, pela fé, esperança, caridade e graça santificante, com os sete dons do Espírito Santo, em humildade, a pureza absoluta de vida e de coração».

É que, como explica outro convertido não menos famigerado (2), «elas estão fora da unidade da Igreja sem culpa alguma de sua parte.

Estão onde estão, porque foram deserdadas.

Foram educadas numa atmosfera de preconceitos tradicionais contra a Igreja de Roma».

E um terceiro, certamente mais eminente ainda (3), mais ou menos, assim se expressa num dos seus livros:

---

(1) C. Manning.

(2) C. Vaughan.

(3) Faber: *Le précieux Sang*. pg. 59-60.



O favor de pertencer à verdadeira Igreja é o maior de todos os dons de Deus... É a pérola preciosa de que fala o Evangelho.

Assim, não é possível dizer toda a desventura dos que estão fora da Igreja. Duvido mesmo que o nosso espírito a possa figurar.

Oh! é possível que tenhamos perdido Jesus de tal maneira que tenhamos saído para fora de sua Igreja?

Ó pensamento insuportável!

## **A «heresia» é directamente oposta à fé**

Consiste em não aceitar a verdadeira doutrina católica ou em aceitar doutrina falsa, contrária.

*Os apóstatas e hereges formais não pertencem mais à sociedade do Salvador; pertencem à de Satã.*

Passaram ao campo do inimigo.

Não se iludam!

Peçam ao Senhor — *«luz de todo o homem que vem a este mundo»* <sup>(1)</sup>, que os ilumine e converta.

Ele a isso os convida por Isaías <sup>20</sup>: *«Voltai, prevaricadores, para dentro do vosso coração.*

*Ouvi-me, vós os de coração duro, que estais longe da justiça».*

Um dos grandes males do homem, senão o maior, é começar a andar fora de si mesmo, a vaguear por longe.

Na proporção em que vai fugindo de si mesmo, vai fugindo de Deus; e na medida em que vai fugindo de Deus, vai fugindo da sua Igreja, da salvação, da glória.

Não pertencem ao *Corpo da Igreja*, pois não professam exteriormente a mesma fé.

(1) Jo. 1, 9.

(2) Isai. 46, 12.



*Guardam todavia qualquer coisa da Igreja impressa na alma, que jamais poderão apagar: é o sinal indelével de Cristo: o carácter baptismal; e, se foram crismados e são sacerdotes, também o da «confirmação» e da «ordem».*

Por mais que se esforcem, não o poderão arrancar.

Por mais que o profanem, conservarão sempre esta fisionomia divina: *são consagrados.*

Dêem-se embora a tôdas as ignomínias e apostasias, jurem e perjurem até se saciarem, *conservarão sempre, conservarão eternamente o divino carácter.*

Serão sempre pessoas da Igreja, que por isso mesmo poderá sempre de *direito divino* tentar submetê-las à sua jurisdição, ferí-las com os seus *anátemas e censuras.*

Não perderá nunca nenhum dos seus direitos sobre eles.

*Pertencerão eles pelo menos à alma da Igreja?*

Será possível que estejam de boa fé?

Geralmente falando, os *apóstatas*, não.

A luz não se lhes apagou. Eles é que a apagaram.

Deus não abandona ninguém senão depois de abandonado.

Compreendem-se, como fica dito, as demoras, as hesitações, as dúvidas naqueles que nasceram no erro, na heresia, no cisma. Mas a Igreja severamente julga os que naufragaram na fé.

Quem a poderá, com justiça, acusar de arbitrariedade?



Os «*excomungados tolerados*» permanecem no *corpo*, mas são excluídos da *alma*.

E os «*hereges ocultos*» serão membros da Igreja?  
A divergência entre os teólogos é de meras palavras.

São *membros áridos*. Conservam todavia o seu lugar...

*Podem tomar parte no govêrno da Igreja.*

Ela pode servir-se dêles como de instrumentos para exercer actos de jurisdição sôbre os fiéis...

Não pertencem à *alma*.

## **A unidade da fé não pode basear-se no «livre exame»**

Os *protestantes* gritam: *A Bíblia! A Bíblia!*, todavia não baseiam a sua religião na autoridade divina da Bíblia, mas no «*livre exame da Bíblia*», que equivale a dizer: em sua própria autoridade.

O «*livre exame*» deu, nem podia deixar de dar, essa infinidade de seitas em que está dividido o Protestantismo: *luteranos, calvinistas, zuínglianos, presbiterianos, puritanos, quacres, baptistas, metodistas, anglicanos, anglo-episcopalianos, etc., etc., etc.*

São mais de 700 *designações*.

Podem reduzir-se tôdas a três tipos:

Episcopaliano, presbiteriano e congregacionista.

O *episcopaliano* reputa absolutamente necessário o *bispo* para a ordenação dos presbíteros e administração dos sacramentos.

O *presbiteriano* rejeita esta teoria.

Para êle *todos os ministros são iguais* e os *leigos* devem participar do govêrno da Igreja.



Para o congregacionista todos os fiéis são ministros e qualquer congregação de fiéis constitui uma igreja independente das outras.

Isto apenas quanto ao regime.

Quanto à doutrina, «quot capita, tot sensus»: cada protestante, cada interpretação bíblica.

Assim, o protestante não crê na Bíblia; crê em si mesmo.

Ele, e não a Bíblia, é a regra da sua fé.

A sua fé por isso mesmo não é propriamente «fé»; é uma maneira de ver, uma opinião humana, essencialmente vacilante e variável... Crer em si, é não crer em nada (1).

Não sem razão disse alguém da Bíblia: «*Hic liber est in quo ponit sua dogmata quisque*».

*Invenit et pariter dogmata quisque sua*: «Eis o livro em que cada um introduz e encontra os dogmas que quer».

Tendo o protestantismo como princípio fundamental o «livre exame», era natural que a sua história fôsse uma história de intermináveis divisões e subdivisões.

\*

O grande anelo de Jesus Cristo, anelo que Ele apresentou ao Pai num dos momentos mais solenes de sua vida mortal, sob a forma de prece extática, foi o de que todos os que haviam de crer n'Ele fôsem «um só»: «*Pater, ut unum sint*: Pai, que todos sejam um só, como tu, Pai, o és em mim e eu em ti, para que também eles sejam um em nós... E eu dei-lhes a glória que tu me havias dado, para que eles sejam um, como também nós somos um. Eu estou neles e tu estás em mim, para que eles sejam consumados na unidade...

Pai, a minha vontade é que, onde eu estou, este-

---

(1) Mgr. Bougaud: L'Eglise, pg. 281.



*jam também comigo aquêles que tu me deste, para verem a minha glória que tu me deste...» (1).*

\*

Ai de vós, *protestantes, hereges, cismáticos!* ai de vós que quebrastes esta «*unidade*» tão suspirada por Cristo, tão rogada ao Pai, no Cenáculo, no momento da instituição da divina Eucaristia e do novo sacerdócio, na véspera de sua paixão e morte de cruz, ao seguir para o Getsémani a suar sangue por nosso amor!

Ai de vós!

Ele quer que estejais com Ele onde Ele está; e Ele está e estará na sua Igreja até à consumação do século e à direita do Pai; e vós separaste-vos dEle, abandonando a sua Igreja!

Voltai! voltai a estar com Ele em sua Igreja, se não não estareis com Ele em sua glória!

## **O Protestantismo e a Dogmática cristã**

O Protestantismo suprimiu, entre outras verdades da fé, o dogma das «*indulgências*», deixando o homem a sós com as suas muitas faltas, os seus poucos méritos e a tremenda justiça de Deus (2); dogma fundado na da comunicação dos santos, como êste o é em nossa incorporação em Cristo.

Levado por uma lógica terrível mas fatal, suprimiu igualmente o dogma do «*purgatório*», roubando aos vivos a suprema consolação de sufragar os seus mortos.

Que digo? Roubou mais ainda: roubou aos que partem e aos que ficam quási a esperança da eterna

---

(1) *Jo.* 17, 21-24.

(2) *Hebr.* 10, 31.



salvação; a uns e a outros quási condenou ao inferno.  
Senão, quem é tão justo que logo após a morte mereça subir ao céu?

\*

«Oh! que não daria eu para me ajoelhar num confessional católico?» — dizia M.<sup>me</sup> Staël.

«Quem não voltou nunca olhos invejosos para o tribunal da penitência?

Quem não desejou, na amargura do remorso, na incerteza do perdão de Deus, ouvir uma bôca que lhe possa dizer com o poder de Cristo: *Vai em paz! Teus pecados te são perdoados?*» (1).

Pois esta consolação roubou também à alma, apunhalada pelo remorso, o Protestantismo, *suprimindo o dogma da confissão sacramental*.

E roubou a *Eucaristia* à alma piedosa e a todos a doce intercessão de Maria e dos santos...

Ah! o «*livre exame*» destruiu a «*unidade da fé!*»  
Como pode pois servir-lhe de base?!

\*

E o que é ainda mais horrível é que o Protestantismo não tem direito a expulsar do seu seio quem lá entrou, nem fôrça para o conseguir.

Assim, há lá quem não creia na Trindade, na Redenção, no pecado original, e continue *ministro*.

Quem pregue o horror e o desprezo do dogma, quem reduza tôda a religião a um vago deísmo e continue *prêgador oficial*.

Quem rejeite os milagres do Evangelho operados

---

(1) *Tese def. perante a Academia de Génova*, por M. J. E. Naville, 1839.



por Jesus Cristo, quem os explique pelo magnetismo e até quem os atribua a mentira, e continue *membro do «consistório»*.

Na Holanda, de 1.800 ministros 1.500 aderiram publicamente à «*Vida de Jesus*» de Renan, etc., etc., etc.

## Os Chefes protestantes e o «Magistério superior»

O Protestantismo viu-se coagido a confessar a necessidade de um «*magistério superior*», a fim de evitar o esfacelamento da crença.

«São tantas e tão diversas actualmente as interpretações da Escritura, escrevia Lutero a Zuínglio <sup>(1)</sup>, que se o mundo dura ainda muito e queremos conservar a «*unidade*», temos de recorrer novamente aos «*decretos dos Concílios*» e refugiar-nos nêles».

E Melantião <sup>(2)</sup>: «Necessita-se na Igreja de inspectores para manter a ordem, observar atentamente os que são chamados ao ministério sacerdotal, velar pela doutrina dos padres e julgar as questões eclesiásticas; de modo que, se não houvesse bispos, era necessário criá-los.

A «Monarquia Papal» seria também de grande utilidade para conservar uma forma de doutrina entre tão diversas nações.

E Grotius <sup>(3)</sup>:

«Sem a supremacia do Papa é impossível pôr fim às disputas».

E Calvino <sup>(4)</sup>: «Deus colocou a sede do seu culto no centro da terra e nela um Pontífice único que to-

(1) Luth. ad Zwingl.

(2) Melanct. Resp. ad Bell.

(3) Grot. Votum pro pace Ecclesiæ.

(4) Calv. Instit. VI, 2.



dos pudessem fitar, afim de melhor se conservarem na «unidade».

E Melantião ajunta: «Eis o em que todos convivimos».

\*

Era porém tarde.

Como voltar ao Papa de Roma, que tanto haviam desprezado e ridicularizado?

Impunha-se portanto a criação de um novo.

E tentaram criá-lo.

Criaram um «*Papa de papel*», — na expressão de Bucer.

Tôdas as tentativas falharam: falhou a de Lutero com o seu «*catecismo obrigatório*»; o «*corpo de doutrina*» redigido por Calvino; a «*jurada profissão de fé*» de Ausburgo; e dos «*sínodos provinciais e nacionais*» (1).

Jamais conseguiram formular um «*símbolo*» que fôsse admitido por todos, apesar das penas e excomuniões lançadas contra quem ousasse quebrar a «*unidade de ensino*» que em tais fórmulas de fé se propunha (2).

Viram-se por fim constrangidos a apelar para o cetro e para o gládio: proclamaram por tôda a parte «*suprema autoridade religiosa*» a «*suprema autoridade civil*».

Lutero foi o autor desta iniciativa (3); Zuínglio seguiu-lhe o exemplo em Zurique (4); Melantião em Naumburgo tenta provar com a Escritura que a Igre-

---

(1) *Syn. protest. de Vitré, 1617. Syn. nation. de Sainte Foi, 1573.*

(2) *Ver Bougaud, obr. cit. pg. 289 e seg.; Bossuet: Expos. de la doct. catholique.*

(3) *Œuvre. XIV, 520; XIX, 287.*

(4) *Dellinger: «L'Egl. et les églises, pg. 302.*



ja deve estar sujeita ao poder civil; Grotius compôs uma obra que intitulou: «*De imperio summarum potestatum circa sacra*», — a fim de demonstrar que os príncipes são juizes soberanos em questões de fé e senhores absolutos da religião.

Foi o arsenal em que se proveram de armas Claude, Jurieu e outros.

«Obra», diz Bossuet, «de prodigiosa mas vã erudição».

«A grande tentativa da libertação do pensamento humano», como lhe chama Guizot, deu nisto: em vez de submissão à autoridade espiritual e divina, servidão ao jugo temporai; em vez do Papa, sucessor de S. Pedro, um Papa de papel <sup>(1)</sup>.

A cada um o que lhe pertence.

É mais uma prova, — e havemos de ver outras —, do amor dos protestantes à Bíblia.

Jesus Cristo disse, segundo S. Mateus <sup>(2)</sup>, S. Marcos <sup>(3)</sup> e S. Lucas <sup>(4)</sup>: «*Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*», e os protestantes tiram a autoridade que o Filho de Deus e divino Redentor dos homens conferiu à sua Igreja e dão-na a César.

---

(1) Ver Bougaud, obr. cit. pg. 293-294.

(2) Mt. 22, 21.

(3) S. Mrc. 12, 17.

(4) S. Lc. 20, 25.



## VI

Necessidade de pertencer ao Corpo da Igreja pela unidade de culto e de govêrno.

Os protestantes quebraram a unidade da fé, de culto e de govêrno.

São cismáticos e hereges.

O cisma, como a heresia, é igualmente condenado pelos Santos Padres.

Síntese e conclusão.

### **Necessidade de pertencer ao Corpo da Igreja pela unidade de culto e de govêrno**

O baptizado pertence ao Corpo da Igreja e conserva-se nêle pela profissão da mesma fé, prática do mesmo culto e sujeição à mesma divina autoridade estabelecida por Jesus Cristo para *reger o reino espiritual, sobrenatural, que veio fundar sôbre a terra* e administrar os seus bens.

Confiou-lhe o seu *magistério, ministério e govêrno*.

Não podemos continuar a pertencer ao Corpo da Igreja rejeitando um só que seja dêste tríplice direito.

Não temos autoridade para mudar a instituição de Jesus Cristo, nem ela carece de retoques de mãos humanas.

Está perfeita.

Acrescentamos ao que fica dito ainda o que segue,



embora o leitor o venha a qualificar de mera insistência. Talvez o seja e talvez não; e se fôr, bem o relevará a importância do assunto.

Religião onde há multiplicidade de seitas, não há, nem pode haver, unidade de culto, nem de governo.

Agrupamento onde todos mandam e ninguém obedece, não é sociedade; é anarquia.

\*

«A Igreja é a sociedade dos redimidos, unidos na profissão da mesma fé, na prática dos mesmos sacramentos, na submissão aos mesmos pastores e formando um corpo místico de que Jesus Cristo é a cabeça».

E isto por expressa vontade e preceito seu.

Deu à sua Igreja a mais bela forma de culto: o *sacrifício eucarístico*: *Fazei isto em memória de mim* <sup>(1)</sup>; e a mais bela forma de governo: a *forma monárquica*.

Declarou terminantemente que todos os que haviam de crer n'Ele constituíriam *um só rebanho* e obedeceriam *a um só pastor* <sup>(2)</sup>.

Ao encontrar-se a primeira vez com Simão Barjona, disse-lhe: «*Tu serás chamado Pedro ou pedra*» <sup>(3)</sup>.

Mais tarde cumpriu a promessa, dizendo: «*Tu és Pedro ou pedra e sobre ti edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*.

*E eu te darei as chaves do reino dos céus. E tudo o que tu ligares sobre a terra, será ligado também nos céus, e tudo o que tu desatares sobre a terra, será desatado também nos céus*» <sup>(4)</sup>.

(1) *Lc.* 22, 19; *I Cor.* II, 24-25.

(2) *Jo.* 10, 16.

(3) *Jo.* 1, 42.

(4) *Mt.* 16, 18-19.



Na véspera de sua morte: «*Eu roguei por ti, para que a tua fé não falte... Conforta os teus irmãos*» (1).

Deu-lhe alfim a posse do seu múnus supremo, dizendo-lhe: «*Apascenta os meus cordeiros. Apascenta as minhas ovelhas*» (2).

\*

Nomeou e deu-lhe ministros: os Apóstolos.

Primeiramente chamara-os, convidara-os a segui-lo (3), prometendo fazê-los pescadores de homens (4).

Depois instruíu-os e enviou-os, dizendo: «*Prègai que está próximo o reino dos céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demónios...*

*O que a vós vos recebe, a mim me recebe...*» (5).

Depois de sua ressurreição, solenemente:

*«Paz seja convosco.*

*Assim como o Pai me enviou a mim, também eu vos envio a vós.*

*Tendo dito estas palavras, assoprou sôbre elles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.*

*Aos que vós perdoardes os pecados, ser-lhes-ão elles perdoados; e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-ão elles retidos*» (6).

Já antes lhes dissera:

*«Em verdade vos digo, que tudo o que vós ligardes sôbre a terra, será ligado também no céu; e tudo o que vós desatardes sôbre a terra, será desatado também no céu»* (7).

---

(1) Lc. 22, 32.

(2) Jo. 21, 15-17.

(3) Mt. 4, 18-22; 9, 9; 10, 1-4; Mrc. 1, 16-20; 2, 14; 3, 13-19; Lc. 5, 10-11; 5, 27-28; 6, 13-16; Jo. 1, 37-43.

(4) Mt. 4, 19; Mrc. 1, 17.

(5) Mat. 10, 5-42.

(6) Jo. 20, 21-23.

(7) Mt. 18, 18.



E momentos antes de subir para o Pai:

*«Tm-se-me dado todo o poder no céu e na terra.*

*Ide pois e ensinai tôdas as gentes, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a observar tôdas as coisas que vos tenho mandado; e estai certos de que eu estou convosco todos os dias, até à consumação do século» (1).*

*«Eu vou mandar sôbre vós o dom que vos está prometido por meu Pai» (2).*

*«Ele vos ensinará tôda a verdade» (3); «tudo quanto deveis dizer» (4); «Ele vos lembrará tudo quanto eu vos disse» (5).*

É esta autoridade, — a de Pedro e a dos Apóstolos, a do Papa e a dos Bispos —, que os protestantes e todos os demais cismáticos rejeitam; é esta clareza que êles não entendem; e *aventuram-se* alguns dêles, como os adventistas, a interpretar as labirínticas profecias de Daniel e do Apocalipse. Mas não antecipemos.

\*

Que palavras, tão solenes, tão augustas, as de Jesus Cristo ao instituir o Episcopado, incumbindo-o de apascentar e governar com Pedro e sob a sua direcção o mundo das almas!

E note o leitor que a Pedro fala sempre no singular, embora estejam presentes os demais Apóstolos.

Há privilégios, direitos e deveres que são exclusivamente de Pedro, do Papa.

Quando fala para todos, não obstante Pedro estar presente, fala no plural.

---

(1) *Mt.* 28, 18-20; *Mrc.* 16, 15-20.

(2) *Lc.* 24, 49.

(3) *Jo.* 16, 13.

(4) *Lc.* 12, 12.

(5) *Jo.* 14, 26.



Quere que Pedro e demais Apóstolos, o Papa e os Bispos, sejam um só (1).

Ninguém tente pois separar o Papa dos Bispos, nem os Bispos do Papa.

\*

Estará completa a constituição hierárquica da Igreja?

Um dia Jesus, como que relanceando o mundo, exclamou:

*«Grande é na verdade a messe e poucos os trabalhadores. Rogai pois ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe»* (2).

*«E... designou... ainda 72 e mandou-os de dois em dois adiante de si, por tôdas as cidades e lugares para onde Ele tinha de ir»*, depois de lhes ter dado as necessárias instruções (3).

Eis a instituição dos sacerdotes, auxiliares dos Bispos.

Relativamente aos povos são «ovelhas»; relativamente aos Bispos são «cordeiros». São êles os «pais» dos fiéis, mas sob a direcção e jurisdição dos Bispos.

Todavia, assim como os poderes dos Bispos não vêm do Papa, também os poderes dos sacerdotes não vêm dos Bispos.

Vêm directamente de Jesus Cristo, embora sejam transmitidos pelos Bispos e se exerçam sob a sua jurisdição e direcção.

*O Sacerdócio é de instituição divina, como o Episcopado, como o Papado; eterno e indestrutível como êles.*

Melhor: há um só e único «Sacerdócio», cuja ple-

---

(1) Jo. 17, 11.

(2) Lc. 10, 2.

(3) Lc. 10, 1, 3-20.



nitude é o Episcopado e cujo princípio e coroa está no Papa.

*Há pois três degraus na divina hierarquia da Igreja: Papado, Episcopado e Presbiterado.*

Jesus Cristo disse a Pedro e aos Apóstolos, como o leitor viu: «Assim como o Pai me enviou a mim, também eu vos envio a vós».

O Papa, diz aos Bispos: «Assim como Jesus Cristo me enviou a mim, também eu vos envio a vós».

O Bispo diz aos Sacerdotes: «Assim como o Papa me enviou a mim, também eu vos envio a vós». <sup>(1)</sup>.

E a vós, protestantes, quem vos enviou?

## **Os protestantes quebraram a unidade da fé, de culto e de governo**

Ao passar por determinados edifícios, dizemos: *é um templo protestante.*

Não falamos com propriedade *teológica*.

Em rigor não merece o nome de templo.

Templo é um edifício consagrado à Divindade; e à Divindade sempre se ofereceram sacrifícios.

*O templo é para o altar, como o altar para o sacrifício.*

*Os protestantes levantam edifícios, mas não erigem altares, porque não têm sacrifício, como não têm sacerdócio.*

Quebraram a unidade da fé, do culto e do governo.

*Não têm, como vimos, uma só fé, nem um só culto, nem uma só autoridade.*

Sacudiram a autoridade da Igreja; rejeitaram o sacrifício do altar; cada assembleia dos seus prosélitos

---

(1) Ver Bougand: obr. cit., pg. 34-51.



é independente; cada um dos seus membros admite e rejeita o que lhe apraz.

Não pertencem portanto ao Corpo da Igreja.

## São cismáticos e hereges

Sendo actualmente dogma de fé o poder supremo do Papa, *todo o cismático é também herege e todo o herege é cismático.*

O «cisma» consiste em não aceitar o governo estabelecido por Jesus Cristo.

Separadamente considerados, *há diversas categorias de cismáticos, como de hereges: materiais, formais, públicos, ocultos;* e deve aplicar-se-lhes a mesma doutrina que aos hereges.

O «cisma» é directamente contrário à caridade que deve reinar na Igreja.

Os fiéis devem estar unidos ao Sacerdote, o Sacerdote ao Bispo, o Bispo ao Papa, o Papa a Jesus Cristo.

Jesus Cristo não está dividido, nem em si mesmo, nem em seu Corpo Místico <sup>(1)</sup>.

A Igreja é «*uma casa*» <sup>(2)</sup>; «*uma cidade*» colocada sobre «*uma montanha*» <sup>(3)</sup>; «*Um rebanho*» de almas <sup>(4)</sup>.

Ora toda a casa, a família, é governada por um só chefe; toda a cidade obedece a um só magistrado; todo o rebanho, a um só pastor.

«*Se não ouvir a Igreja, tem-no por gentio ou publicano*» <sup>(5)</sup>.

Não temos pois que admirar-nos das seguintes palavras de *Pio IX na Encíclica citada:*

---

(1) I *Cor.* 1, 13.

(2) I *Tim.* 3, 15.

(3) *Mt.* 5, 14.

(4) *Jo.* 10, 16; 11, 52.

(5) *Mt.* 18, 7.



«Os *contumazes* que resistem à autoridade e às definições da Igreja e se separam por sua má vontade da unidade visível e do Pontífice Romano, ao qual o Salvador confiou a guarda da sua vinha, *serão excluídos do reino dos céus*».

Os *Apóstolos* suplicam aos fiéis que evitem cismas (1).

Tratam de anti-cristos os fautores de divisões.

«Desde agora há muitos anti-cristos... Saíram de nós, mas não eram de nós, porque se tivessem sido de nós, ficariam connosco» (2).

S. Paulo classifica de pecado gravíssimo, que exclui do reino dos céus, tudo o que rompe a unidade da fé e o laço da hierarquia: «*Dissentiones, sectae*» (3).

## **O cisma, como a heresia, é igualmente condenado pelos Santos Padres**

S. Clemente Romano exorta os sediciosos, os revoltados a depor o orgulho, a reentrar na unidade, a submeter-se à hierarquia visível, na humildade e penitência (4).

*Hermas* (5) e S. Inácio de Antioquia (6) falam da submissão à Hierarquia, constituída por bispos, sacerdotes e diáconos.

E S. Ireneu: «Onde está a Igreja, lá está o Espírito de Deus; e onde está o Espírito de Deus, lá está a Igreja, porque o Espírito é a verdade.

Os que se subtraíram a esta comunhão não podem tomar do seio desta mãe única o alimento da vida, nem beber da fonte puríssima que brota do corpo

---

(1) I Cor. 1, 10-12.

(2) I Jo. 2, 18-19.

(3) Gal. 1, 18; 2, 2; 5, 20.

(4) I Cor. c. 57.

(5) Past. L. 3, simil. 9, cc. 12 e 13.

(6) Ad Ephes. 16; Ad Philadelph.; Ad Smyrn., etc.



de Jesus Cristo. Cavam cisternas que não podem conter a água, que a não têm, e bebem águas lodosas, envenenadas, desertando da fé da Igreja e desprezando o Espírito Santo» (1).

E ainda:

«O discípulo espiritual julgará todos os que estão fora da verdade, i. é, fora da Igreja, e ele por ninguém será julgado» (2).

Note o leitor como as duas passagens citadas estão em perfeita conformidade com esta de S. Paulo:

«A Igreja de Deus vivo é a coluna e o firmamento da verdade» (3).

S. Ireneu conclui: Fora da Igreja não há alimento, nem bebida saudável, nem verdade, nem graça, nem salvação.

E Orígenes (4).

«Fora da Igreja ninguém se salva.

Ninguém se iluda: fora desta casa, i. é, fora da Igreja ninguém se salva.

O que quizer sair dela, torna-se culpado de sua própria morte».

E Lactâncio (5): «Só a Igreja é a fonte da verdade, o domicílio da fé, o templo de Deus.

Todo o que por negligência não entrar nêle ou dêle sair, deve renunciar a tôda a esperança de vida e de salvação eterna».

S. Cipriano (6):

«O que, separado da Igreja, segue uma adúltera, sai fora das promessas feitas à verdadeira Igreja: não chegará à herança de Cristo o que deserta da Igreja de Cristo.

É um estrangeiro, um profano, um inimigo.

---

(1) *Advers Haeres.*, lib. 3, c. 224.

(2) *Ibid.* 1. 4, c. 33.

(3) *I Tim.* 3, 15; e ver *Efés.* 5, 23-27.

(4) *Hom.* 3 in *Josue*, n. 5.

(5) *De vera sap. et relig.*, 1. 4 in fine.

(6) *De unit. Eccles.* VI.



Não terá a Deus por Pai, quem não tiver a Igreja por Mãe.

Fora da arca não há asilo contra o dilúvio; fora da Igreja não há abrigo contra a condenação».

*S. Basílio* <sup>(1)</sup>:

Sobre o verso: «Adorai o Senhor em seu santo templo»:

«A verdadeira adoração não é a que se faz fora da Igreja; mas é a que se faz no santo templo de Deus.

Não me faleis de igrejas particulares: um só e único é o santo templo de Deus».

*Santo Agostinho*:

«Eu não creria no Evangelho, se a isso não fôsse constrangido pela autoridade da Igreja.

Tirai este magistério e não terei mais regra certa para crer no Evangelho» <sup>(2)</sup>.

«O que está separado da Igreja católica em vão blasona de viver santamente: pelo facto de ter saído desta unidade de Cristo perdeu a vida e a cólera de Deus permanece nêle» <sup>(3)</sup>.

«Fora da Igreja não se perdoam pecados, não se dá o Espírito Santo, não se concede perdão» <sup>(4)</sup>.

«Amemos o Senhor nosso Deus, amemos sua Igreja: Ele como nosso Pai; ela como nossa Mãe.

Que serve confessar o Senhor, prègar, reconhecer seu Filho, proclamá-lo sentado à direita do Pai, se blasfemais de sua Igreja?» <sup>(5)</sup>.

«Fora da Igreja não há salvação: quem nega esta verdade?

Portanto o que se pratica fora da Igreja não tem valor para a salvação» <sup>(6)</sup>.

(1) *Slm.* 28, 3.

(2) *Contr. epist. Fundamenti*, c. V.

(3) *Epist.* 141, n. 5.

(4) *Serm.* 71; *Tract.* X in *Epis. Joan.* c. V.

(5) *Enarrat in Psal.* 88, *serm.* 2, n. 14.

(6) *De baptismo*, lib. IV, c. 17.



A mesma doutrina defendem S. *Próspero de Aquitânia* <sup>(1)</sup>, S. *Leão Magno* e S. *Gregório Magno*.

Foi proposta por Bonifácio VIII na célebre bula «*Unam sanctam*»; por Pio IV, Gregório XIII, Bento XIV, Gregório XVI e Pio IX.

Definida no Conc. Lateran. sob Inocêncio III: «*Ela é única Igreja universal dos fiéis e fora dela ninguém pode absolutamente salvar-se*» <sup>(2)</sup>.

\*

A unidade do *culto* contém-se na unidade da fé e na unidade do governo.

«O *culto* é a expressão sensível e sagrada da crença e ao mesmo tempo um meio de santificação; é uma e a mesma a lei do dogma e a da oração.

Onde há uma só fé, há um só altar; e onde há um só poder de jurisdição, há um só magistério e um só sacerdócio» <sup>(3)</sup>.

«Sim, um só altar, uma só fé, um só baptismo.

Ê por haver renunciado a esta unidade que os heres se fabricaram numerosos altares» <sup>(4)</sup>.

«Não, não é possível estabelecer um novo altar, um novo sacerdócio fora do único altar e do único sacerdócio» <sup>(5)</sup>.

«A Igreja é uma só por vontade divina, pôsto-que dividida em numerosos membros dispersos por todo o universo; assim, o Episcopado é também um só, bem que participado por uma multidão de Bispos» <sup>(6)</sup>.

Há um só sacrificio e um só sacerdócio <sup>(7)</sup>.

«Não há senão uma só Eucaristia, porque a carne

---

(1) In *psl.* 131, 8

(2) C. «*Firmiter*».

(3) *Hugon*: obr. cit., pg. 258.

(4) S. *Hieron.* In *Ose.* c. VIII, v. 12.

(5) S. *Cipr.* *Epist.* 40. Ver *Monsabré*: Conf. 52.

(6) S. *Cipr.*, *Epist.* 10, ad *Antonianum*, 24.

(7) *Malaq.* 2, 10. Cf. *Trid.* sess. 22, c. 1.



do Senhor é uma só e um só o cális do seu sangue; há um só altar, como há um só Bispo, com os presbíteros e os diáconos» (1).

## Síntese e conclusão

Concluamos:

*«Há um só e mesmo corpo, um só e mesmo espírito; uma só é a esperança da nossa vocação ao cristianismo; como não há senão um Senhor, uma fé, um baptismo, um Deus e Pai de todos, que é sobre todos, e governa tôdas as coisas, e reside em todos nós»* (2).

É necessário participar, no sentido exposto, desta múltiplice «*unidade do Espírito*» (3), que temos resumido em unidade de fé, de culto e de govêrno, para pertencer à Igreja de Cristo, fora da qual não há salvação.

Para as almas de boa vontade, a salvação é mais fácil nas *seitas orientais* do que nas *seitas protestantes*: nas *seitas orientais cismáticas* os sacerdotes são verdadeiros sacerdotes; os sacramentos, verdadeiros sacramentos e *à hora da morte a absolvição é válida*.

— Porquê? — perguntará o leitor.

— É que não houve «*interrupção nas ordenações*» depois da declaração do «*cisma*», e o Romano Pontífice *concede jurisdição para absolver à hora da morte a todo o sacerdote válida*, embora *ilicitamente, ordenado*.

A salvação das almas pesa sobre a consciência da Igreja e é-lhe muito querida: *é a sua missão e a sua razão de ser*.

Nada disto porém há nas seitas protestantes, por-

---

(1) *S. Inac. de Antioq. Ad Philadelph. IV.*

(2) *Efés. 4, 4-6.*

(3) *Efés. 4, 3.*



que as «ordenações» foram declaradas «inválidas» por ter havido interrupção.

— Mas, como é isso? Não entendo.

— Imagine o leitor que bispos protestantes eram sagrados por outros que de bispos só tinham o nome.

É claro que todos os sacerdotes ordenados por eles, por uns e outros, de sacerdotes só tinham o nome.

Os supostos bispos não eram legítimos sucessores dos Apóstolos.

Como podiam transmitir poderes que não tinham?

As seitas protestantes nem sequer constituem uma sociedade, um corpo moral e muito menos a Igreja de Cristo, o seu Corpo Místico.

São membros dispersos, membros sem corpo nem cabeça, e por isso mesmo, no mundo religioso, *uma verdadeira fealdade*.

\*

Ainda no sentido exposto, pertence à Igreja católica, ao verdadeiro rebanho de Jesus Cristo, o que se incorporou nêle pelo baptismo.

Chama-se isto, como fica dito, pertencer ao Corpo da Igreja. Todos os baptizados fazem parte dêle.

E pertence à alma da Igreja o que conserva a vida divina que recebeu no baptismo, por nunca a haver perdido, ou por a haver recuperado pela confissão sacramental ou ainda, na impossibilidade de se confessar, pela dor perfeita de suas culpas.

A graça ou vida divina é portanto condição absolutamente necessária, mas também bastante, para pertencer à alma da Igreja e por isso mesmo ao rebanho de Cristo.

Assim, pode-se pertencer à alma da Igreja sem pertencer ao corpo, e pertencer ao corpo sem pertencer à alma.



Todo o católico, em razão do baptismo, pertence ao Corpo da Igreja; mas somente o católico que está na graça de Deus pertence à sua alma.

E, tenha-se bem presente, que é a vida da graça, derivada da união com Jesus Cristo, que confere o direito à vida da glória.

Todo aquêle que não pertence ao Corpo da Igreja católica mas está de inteira e sincera boa fé e cumpre a religião que professa, qualquer que seja, disposto a abandoná-la e abraçar a católica, logo que venha na certeza de que a sua religião é falsa e a católica verdadeira, pertence de facto à alma da Igreja e por desejo expresso ou implícito também ao Corpo, ao rebanho de Cristo, é sua ovelha, tem direito à glória.

É pois inteiramente verdadeiro o dito dos Santos Padres, *declarado pelo magistério infalível da Igreja* «dogma católico»: «*Fora da Igreja não há salvação*».

Não se salva por pertencer a outras religiões: elas a ninguém salvam: só há, como já se lembrou, um único Salvador, que é Jesus Cristo <sup>(1)</sup>; e Jesus Cristo está e estará com a Igreja, «até à consumação do século» <sup>(2)</sup>; salva-se por pertencer «*de facto*» à alma e «*por desejo*» ao Corpo da Igreja.

Aí tem o leitor a resposta à sua pergunta: *Se só os católicos se salvam?*

---

(1) *Act.* 4, 12.

(2) *Mt.* 28, 20.



## VII

Umas quantas perguntas aos protestantes de tôdas as côres — adventistas e não adventistas — a propósito do seu tão decantado amor à Bíblia.

Leitura da Bíblia na idade-média.

Edições da Bíblia antes de 1534.

Nem todo o Evangelho está nos evangelhos.

Os evangelhos podem perecer. O Evangelho, não.

O Evangelho é tôda a mensagem de Jesus Cristo aos homens. Os evangelhos são apenas parte.

### **Umas quantas perguntas aos protestantes de tôdas as côres — adventistas e não adventistas — a propósito do seu tão decantado amor à Bíblia**

Recopilemos e firmemos doutrina, antes de enfrentar o *Adventismo*.

Em assuntos desta ordem, as repetições afiguram-se-nos inevitáveis.

Os *protestantes* de tôdas as denominações e côres pretendem justificar-se, apelando para a Bíblia, constituindo-a sua «*regra única de fé*» e servindo-se dela para atacar a Igreja.

Dizem:

— «*A Bíblia! A Bíblia! a Bíblia basta!*»

A Igreja católica retira a Bíblia das mãos do povo, escondendo-lhe a verdade.



Ensina apenas o que lhe convém. O mais procura occultá-lo».

— Andam nisto, a atacar a Igreja, desde o século XVI em que nasceram; e a Igreja católica cada vez mais viva e êles cada vez mais mortos.

Umas quantas simples perguntas em resposta à sua olímpica acusação.

Note ainda o leitor que, quando conclamam: «*A Biblia! A Biblia!*», geralmente referem-se ao «*Novo Testamento*».

\*

Quem escreveu o *Novo Testamento*?

Seriam os protestantes?

Mas êles ainda não tinham nascido...

Para que redigiram os agiόgrafos sagrados, indiscutivelmente membros da Igreja católica, a *Bíblia*?

Seria para que o povo a ignorasse, ou para que mais facilmente fixasse a doutrina que lhe prégavam?

Não se liam já as «*Escripturas*» nas assembléias dos fiéis ainda no tempo dos Apóstolos?

Não se ensinavam nas escolas da idade-média?

Não admira que o não saibam pois, como disse, ainda não tinham nascido.

## **Leitura da *Bíblia* na idade-média**

«Há um equívoco bastante comum», — escreve o protestante Dr. Cutts <sup>(1)</sup> —, àcêrca de como era lida a *Bíblia* na idade-média.

«Há quem julgue que era muito pouco lida, mesmo pelo clero, quando o facto é que os sermões prégados na idade-média eram mais recheados de ci-

---

(1) *Turning Points of English History*, pg. 200.



tações e alusões escriturísticas do que alguns de hoje; e os escritores em determinados assuntos aludem tantas vezes à Bíblia, que é evidente que o seu espírito andava saturado de dição escriturística.

Temos a autoridade de Sr. Tomás More (hoje S. Tomás More) que nos diz que «muito antes de Wyclif já muitos homens virtuosos e sabedores trasladavam a Bíblia para inglês e que era lida pelo povo com devoção e reverência» (1).

«A idéia de que o povo na idade-média não lia a Bíblia... não é um simples engano; é um dos muitos burlescos e grotescos despropósitos» (2).

O protestante Dean Maitland (3) mostra claramente a reverência da idade-média para com os «*Livros Santos*», e respondendo às calúnias de certos controversistas anti-católicos, diz:

— «Não me recordo de ter encontrado nenhum caso em que as *Escrituras*, no todo ou em parte, fôsem tratadas menos dignamente, ou sem profundo respeito».

Na idade-média os monges e as freiras copiavam-na palavra por palavra desde o *Génesis* ao *Apocalipse*.

O clero citava-a de continuo em suas prédicas e escritos.

Lia-se nas escolas e universidades.

Compunham-se «*livros de orações*» para o povo com passagens extratadas de suas páginas.

## Edições da Bíblia antes de 1534

Pretendeu-se que foi Lutero que publicou a pri-

---

(1) *Dial.* III, 14.

(2) *Church Quarterly Review*, Oct. 1879, protestante.

(3) *The Dark Ages*, pgs 208-241.



meira edição da Bíblia em língua vernácula, em alemão, no ano de 1534; não é porém verdade.

Os factos são os seguintes:

*Em línguas antigas:*

Quando Lutero publicou a sua edição da Bíblia já tinham saído do prelo 84 em *línguas antigas*, sendo: 62 em *hebraico*: 12 de todo o A. T. e 50 de partes selectas; 22 em *grego*, sendo: 3 do A. T., 12 do N. e 7 de porções separadas.

Em *latim*, que nesse tempo era a língua universal dos homens cultos, 343 edições, sendo: 148 de toda a Bíblia, 62 do N. T. e 133 de livros separados.

*Em línguas modernas:*

Nas línguas modernas tinham-se já publicado 198 edições, sendo: 104 de toda a Bíblia: 20 em *italiano*, 26 em *francês*, 19 em *flamengo*, 2 em *espanhol*, 6 em *boémio*, 1 em *eslavo*, 30 em *alemão*; e 94 edições de partes da Bíblia.

Ao todo, incluindo a «*poliglota de Alcalá*», 626 edições, — das quais 198 em *línguas vernáculas* —, tinham saído já do prelo, *com a aprovação da Igreja e até a instâncias suas*, quando Lutero publicou, na Alemanha, a sua primeira edição da Bíblia, em 1534 <sup>(1)</sup>.

\*

É pois uma calúnia, filha da ignorância ou da malícia, acusar a Igreja católica de inimiga da leitura devota da Bíblia sagrada.

Ela nunca proibiu se lesse nos textos originaes, nem na edição aprovada da Vulgata.

Os judeus e os hereges ao fundar as suas igrejas, os albigenses no século XIII, os viclifitas no sé-

---

(1) *Gigot: Biblical Lectures*, pg. 311-312.



culo XV, os protestantes no século XVI começaram de corromper o texto sagrado para defender os seus erros.

Então a Igreja Católica, guarda e intérprete da divina palavra, viu-se constrangida a estabelecer normas para a publicação da Bíblia, proibindo se fizesse em *língua vernácula sem as devidas notas*, para inteligência das passagens mais difíceis.

Usava do seu *direito*, cumpria o seu *dever* e dava assim prova pública do seu respeito e amor à Palavra de Deus.

É conhecida a «*carta de Pio VI*», datada de Abril de 1778, ao Arcebispo de Florença, em que lhe lembrava a necessidade de popularizar a Bíblia, como arma de ataque contra os erros que então grassavam.

O mesmo recomendava Pio VII ao Vigário Apostólico de Inglaterra.

E o mesmo ainda Leão XIII na sua Encíclica «*Providentissimus*» de 18 de Novembro de 1893; e a 3 de Dezembro de 1898 concedia um ano de indulgência, uma vez por dia, a todo o católico que fizesse leitura espiritual pelo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo durante um quarto de hora <sup>(1)</sup>.

\*

Repetimos: não é portanto verdade que a Igreja católica procure ocultar a Bíblia ao povo.

Mas suponhamos que o era.

Não estava no seu divino direito?

Não a autorizava a isso a Bíblia, ao dizer:

«*Tudo o que tu ligares na terra, será ligado nos céus; e tudo o que tu desatares na terra, será desatado nos céus*»? <sup>(2)</sup>.

---

(1) Cf. «*Question Box*», 1809; pg. 82-89. Rev. Bertrand L. Conway.

(2) Mt. 16, 19.



Como é que os srs., que tanto estudam a Bíblia, que tanto a prezam, que tanto argumentam com ela, que fazem dela a sua única «*regra de fé*», acusam a Igreja de usar de direitos que a Bíblia lhe confere?

De quem é a Bíblia?

Não é da Igreja católica? Não foi a ela que os srs. a foram buscar?

Então usurparam-lha e agora dão-lhe com ela em rosto?

Quem autorizou os srs. a aceitar uns «*livros*» e a rejeitar «*outros*»?

Quem os autorizou a interpretar a Bíblia, se Jesus Cristo, segundo a mesma Bíblia, só deu a inteligência dela aos Apóstolos e seus legítimos sucessores, i. é, à Igreja que fundou sobre S. Pedro: a Igreja católica, apostólica, romana?

Então os srs. não lêem na Bíblia estas palavras: «*Abriu-lhes o entendimento para alcançarem o sentido das Escrituras*»? (1).

Vejam! a Bíblia a dizer que Jesus Cristo deu à sua Igreja, à «*Igreja docente*», que estabeleceu Mestra da fé: «*Ide pois e ensinai tôdas as gentes*» (2). *O que crer..., será salvo; o que porém não crer, será condenado*» (3); a Bíblia a dizer, repito, que Jesus Cristo deu à sua Igreja «*a inteligência das escrituras*» e os srs. a usurparem êsse privilégio, êsse múnus, cada um dos srs., proclamando o «*livre exame*» e opondo a sua individual interpretação à interpretação oficial e autêntica da Igreja católica!

«*A Bíblia! A Bíblia! e só a Bíblia!*»

A mesma Bíblia desmente os srs., dizendo que nem tôda a palavra de Deus se contém nela:

---

(1) Jo. 24, 25.

(2) Mt 28, 19.

(3) Mrc. 16, 16.



«Muitos outros prodígios ainda fêz também Jesus... que não foram escritos neste livro...» (1).

S. João, cujas são estas palavras, escreve ainda mais diffusamente, dizendo:

«Muitas outras coisas porém há ainda que fêz Jesus, as quais se se escrevessem uma por uma, creio que nem no mundo todo caberiam os livros que se houvessem de escrever delas» (2).

## Nem todo o Evangelho está nos evangelhos

Se por «*Evangelho*» se entende sòmente o que os Evangelistas escreveram, digei-me, ó *protestantes e adventistas*, como é que Jesus Cristo o andava já prègando pela Galileia? como exigia se cresse nêle para entrar no *seu reino*? (3).

O «*Evangelho*» é, de certeza, anterior aos livros dos evangelhos escritos por S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João.

O «*Evangelho*» era, é e será a doutrina que Jesus Cristo trouxe do céu e veio prègar à terra.

Por isso é que, embora os Evangelistas o não escrevessem, a Igreja tinha o *direito* e o *dever* de o prègar, e quem quisesse entrar no *reino de Cristo* o *dever* de o *aceitar*, *crer* e *cumprir*, como a Igreja lho prègasse, pois o Senhor solenemente lhe dissera: «*Ide por todo o mundo, prègai o Evangelho a tôda a criatura.*»

O que *crer* e *fôr baptizado*, será salvo; o que *porém não crer*, será *condenado*» (4).

«*Não hajais receio de que vos esqueça alguma*

---

(1) Jo. 20, 30.

(2) Jo. 21, 25.

(3) Mrc. I, 14-15.

(4) Mrc. 16, 15-16.



coisa, porque o Espírito Santo vos trará à memória tudo quanto eu vos ensinei (1).

«O que vos ouve, ouve-me a mim; e o que vos despreza, despreza-me a mim. E o que me despreza, despreza Aquele que me enviou» (2).

Não me cansarei de repetir estas palavras, porque quanto a elas e ao seu genuíno e autêntico sentido vós, *protestantes e adventistas*, pareceis cegos, surdos e mudos.

## **Os evangelhos podem perecer. O Evangelho, não**

Os «*livros dos evangelhos*» são meros auxiliares da memória do ministro do Senhor que anuncia a divina palavra e do povo fiel que a ouve: e este mesmo múnus o exercem, porque a Igreja os declara autêntica doutrina de Cristo.

Se porém não existissem, se os agiógrafos sagrados por divina inspiração os não escrevessem, passava-se sem êles, como sem êles passou Jesus Cristo.

Imaginai, *protestantes e adventistas*, que hoje pereciam os quatro «*Evangelhos*», todo o «*Novo Testamento*», todos os «*Livros Sagrados*».

Pereceria por isso o «*Evangelho*», a «*Doutrina de Jesus Cristo?*»

Não! mil vezes não!

À «*Doutrina*», e não aos «*livros*», foi prometida a perenidade, a duração até o arranco final do século: «*Passará o céu, passará a terra, mas as minhas palavras não passarão*» (3).

Os «*livros dos evangelhos*» podem perecer, ser queimados; a «*Doutrina*», de forma alguma.

(1) Jo. 14, 16-17.

(2) Lc. 10, 16.

(3) Lc. 21, 33; Mrc. 13, 31; Mt. 24, 35.



Daqui se deduz claramente a falsidade do Protestantismo, qualquer que seja a sua *denominação*.

O «*Evangelho*» não precisou de estar escrito em «*livros*» para começar a existir; também não carece de estar escrito nêles para perdurar.

## **O Evangelho é tôda a mensagem de Jesus Cristo aos homens. Os evangelhos são apenas parte**

Quem primeiro chamou «*Evangelho*» à sua «*Doutrina*» foi o próprio Jesus Cristo.

Segundo S. Marcos, Jesus Cristo interrogado pelos Apóstolos àcêrca do fim do mundo, respondeu: «*Primeiro importa que o Evangelho seja prêgado a tôdas as nações*» (1).

S. Mateus concorda plenamente com S. Marcos. Escreve:

«*Começou Jesus a prêgar e a dizer: Fazei penitência, porque está próximo o reino de Deus*» (2).

«*E Jesus rodeava tôda a Galileia, ensinando... e prêgando o Evangelho do reino*» (3).

O mesmo repete no capítulo IX (4).

De que por «*Evangelho*» se deva entender tôda a doutrina de Jesus Cristo, como Êle a prêgou e a sua Igreja a ensina, e não apenas os «*livros dos evangelhos*», dão-nos claro testemunho os mesmos Apóstolos.

S. Paulo aos gálatas: «*Que a verdade do Evangelho permaneça entre vós*» (5).

---

(1) *Mrc.* 13, 10.

(2) *Mt.* 4, 17.

(3) *Mt.* 4, 23.

(4) *Mt.* 9, 35.

(5) *Gal.* 2, 5.



E aos romanos: «*Nem todos obedecem ao Evangelho*» (1).

E aos tessalonicenses: «*Há os que não obedecem ao Evangelho*» (2).

E S. Pedro: «*Qual será o paradeiro dos que não creêm no Evangelho de Deus?*» (3).

Não se trata evidentemente dos «livros» que mais tarde haviam de escrever os Evangelistas, repito; mas da doutrina de Deus, trazida à terra por Jesus, seu Filho, quer viesse a ser escrita, quer não.

Assim, Jesus Cristo não ordenou aos Apóstolos que escrevessem e lessem a sua doutrina, o seu Evangelho, que tivessem «livros» dêle, — mas que o anunciassem em alta voz, que o prégassem (4) por todo o mundo a tôda a criatura (5), como está dito e redito, acrescentando: «*Eu estou convosco todos os dias até à consumação do século*» (6).

Crer no Evangelho é crer em Jesus Cristo; e crer em Jesus Cristo é crer na sua Igreja, porque Elle lhe transmitiu os seus poderes e a sua missão, e por tal modo se identificou com ela que ouvi-la a ela é ouvi-lo a Elle e desprezá-la é desprezá-lo.

E atenda-se bem: esta afirmação não é humana; é divina, é d'Elle mesmo: «*Quem vos ouve a vós, ouve-me a mim, e quem vos despreza a vós, despreza-me a mim*» (7).

«*Em verdade, em verdade vos digo: o que recebe aquêlê que eu enviar a mim recebe; e o que me recebe a mim, recebe aquêlê que me enviou*» (8).

Nunca é demais martelar estas palavras, por isso

---

(1) *Rm.* 10, 16.

(2) 2 *Tess.* I, 8.

(3) I *Petr.* 4, 17.

(4) *Mt.* 10, 27.

(5) *Mt.* 16, 15-16.

(6) *Mt.* 28, 20.

(7) *Lc.* 10, 16.

(8) *Jo.* 13, 20.



o tenho feito e continuarei a fazer, sempre que se me antolhe oportuno e de proveito.

Elas são tão claras e terminantes que não compreendo como os srs. *protestantes*, que tanto lêem e estudam a Bíblia, as não encontrem nela e, encontrando-as, lhes não obedecem.

De nada mais deviam precisar para cair contritos aos pés de Cristo, que está com a sua Igreja e na sua Igreja <sup>(1)</sup>.

\*

Depois do que fica exposto, não se diga: «*a Bíblia! a Bíblia! e só a Bíblia! a Bíblia basta!*»

Diga-se, sim: «*a doutrina de Cristo! a doutrina de Cristo! e só a doutrina de Cristo, quer escrita quer oral, basta, — porque em nenhum outro, senão em Cristo, há salvação* <sup>(2)</sup>.

Mas, visto nada quererdes com a palavra de Jesus Cristo que não foi *escrita pelos agiógrafos sagrados*, vinda até nós pela *tradição*, pelo *ensino oral*, e tanto encherdes a boca com a Bíblia, ao menos cumpri-a!

Acaso têm os srs. por legítimos herdeiros dos privilégios concedidos aos Apóstolos e por seus legítimos sucessores Lutero, Henrique VIII, Isabel de Inglaterra, Calvino, Zuínglio e demais corifeus protestantes até William Miller?

\*

Dizem os srs. que têm muita coisa boa lá na sua religião.

Quem o contesta?

---

(1) *Mt.* 28, 20.

(2) *Act.* 4, 12.



Qual é a religião de que se não possa dizer outro tanto?

A consciência humana foi o primeiro livro em que Deus escreveu a religião. A essência dela lá está gravada pelo dedo do supremo Legislador; *estão lá tão fundamente gravados os princípios eternos da verdade e da justiça, proibitivos do mal e preceptivos do bem*, que o homem, por mais que se esforce, não os poderá arrancar. É por isso que *êle é naturalmente religioso*, como escreveu Tertuliano.

Depois, temos a *revelação primitiva*, a *revelação mosaica*, a *revelação cristã*, que originaram *tôdas as religiões* e em que todos os seus fundadores mais ou menos se inspiraram.

\*

Mas, respondendo directamente aos *protestantes*, perguntamos:

O que têm lá de bom, onde o foram buscar?

Não foi à *Igreja Católica*? ao corpo da sua doutrina?

Então os srs. tosquiaram-lhe a lâ e dilaceraram-lhe a pele? a pele e o mais?

O que têm de bom levaram-no da Igreja Católica e insultam-na e o seu Chefe? dizem dela e dêle o que a pena só forçada ousa escrever?

Então os srs. falam tanto da Bíblia e não a cumprem?

Senão, digam-me: é assim, insultando a Igreja e o seu Chefe, que cumprem as palavras de Cristo, já tantas vezes citadas e que o hão-de ser muitas mais, consignadas na Bíblia: *«Quem vos ouve a vós, ouve-me a mim; e quem vos despreza, despreza-me a mim»* (1).

---

(1) *Lc.* 10, 16



Diz ainda a Bíblia daquele que não ouve a Igreja:  
«Se não ouvir a Igreja, tem-o por gentio ou publicano» (1).

Eis o que os srs. são, segundo a mesma Bíblia.  
Não podem rejeitar esta denominação que ela lhes dá; é sua; pertence-lhes.

Vem lá na Bíblia que o Espírito Santo ensinará à Igreja toda a verdade e os srs. não crêem nela?

Crêem que o Espírito Santo lhes inspira a verdade no «livre exame» e não crêem no Espírito Santo, quando Ele inspira a Igreja?

Que lógica é a dos srs.?

\*

Vem lá na Bíblia que «as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja» (2) e os srs. dizem que prevaleceram, pois afirmam que a actual Igreja Católica já não é a Igreja primitiva e por isso a deixaram ou não entram nela?

Pois se já o não é, nunca o foi; e se o foi, ainda hoje o é e será até à consumação do século.

Ao contrário, Jesus Cristo ter-se-ia enganado ou ter-nos-ia mentido, — o que seria blasfemo afirmar.

Numa e noutra hipótese não seria Deus.

Vem lá na Bíblia que ninguém deve usurpar a *dignidade sacerdotal* (3) e os srs. *usurpam-na*, nomeiam-se a si mesmos *ministros*?

Vem lá na Bíblia que Jesus Cristo fundou a sua Igreja para todos os homens e de todos os tempos e lugares do mundo, por isso se chama «*católica*», e os srs. *fundam igrejas independentes*, opondo-as à Igreja de Cristo?

---

(1) Mt. 18, 17.

(2) Mt. 16, 18.

(3) Hebr. 5, 4.



Vem lá na Bíblia que Jesus Cristo quer *«um só rebanho e um só pastor»* <sup>(1)</sup> e os srs. procuram *tresmalhar as ovelhas dêste rebanho* formando com elas outros rebanhos e entregando-as a *pastores mercenários*, denominados por Jesus Cristo *«fures et latrones»*: *ladrões e roubadores* <sup>(2)</sup>?

Vem lá na Bíblia que sem *confissão sacramental* não há perdão de pecados <sup>(3)</sup> e os srs. *negam êste dogma?*

Então os srs. conculcam a Bíblia e proclamam-na sua única *«regra de fé»?!*

Mas, desoprimamos um pouco o espírito. Veremos coisas mais leves.

A variedade, quando não deleite, alivia.

---

(1) Jo. 10, 16.

(2) Jo. 10, 8.

(3) Jo. 20, 23.



## VIII

Primeiras origens do Milenarismo ou Adventismo.  
Sua história.  
Milenarismo judaico.  
Milenarismo cristão.  
O Milenarismo de alguns Santos Padres.  
Contraditores.  
O Milenarismo e as seitas protestantes.  
O Adventismo moderno e contemporâneo.  
O fundador do Adventismo.  
Seitas adventistas.

### **Primeiras origens do Milenarismo ou Adventismo. Sua história**

Antes de particularizar.

A idéia actualíssima e dominante do Messias no tempo de Jesus é que êle restauraria a primitiva glória de Israel e dominaria os seus dominadores, tôdas as nações.

Reinaria em nome de Deus.

Seu reino seria o futuro reino de Judá.

Teria por capital Jerusalém remoçada.

Seu *domínio* seria *temporal e espiritual*, ao mesmo tempo; de glória para os judeus, de justiça e santidade para tôdas as nações.

O Messias seria simultâneamente Rei, Profeta e Taumaturgo.

Esta idéia messiânica nascera da *interpretação literal das profecias*.



Outro era porém o seu real significado.

O próprio procedimento de Jesus o confirma.

Não se denomina «*Rei glorioso e vencedor*», mas «*Filho do homem*», título messiânico, porém menos conhecido.

Fugia de alvoroçar o povo.

Tanto assim que, no monte, «entendendo... que o viriam arrebatado para o fazerem rei, se retirou elle só» (1).

Depois, a aceitação do Messias devia ser também obra de fé e portanto não convinha fôsse por tal modo evidente, que impusesse o assentimento.

Jesus não realizou a *falsa idéia* messiânica: a *idéia material*. Realizou a *idéia espiritual*, única verdadeira.

Dessa, e somente dessa, fôra incumbido pelo Pai.

Que maior glória podia advir a Israel que ter-se o Messias feito judeu?

Ainda:

Devo advertir o leitor menos sabido nestas questões que *milénarismo*, *adventismo*, *quilianismo*, *milénio* ou *reino de mil anos*, é um e o mesmo sistema religioso.

Diferem apenas no nome.

*Adventismo* é expressão moderna.

\*

O leitor conhece a sua história, antiga e moderna? Talvez não.

Nem admira.

Não há ainda muitos dias, perguntava-me um distinto médico especialista: — Isso de *Adventismo*, que é?

Aventa-se-me pois útil e oportuno resumi-la para

---

(1) Jo. 6, 15.



aqui, valendo-me de trabalhos já feitos, que factos não se inventam (1).

Primeiro, a sua história. Depois, a sua crítica, embora ligeira.

O actual *Adventismo* objecta:

— A interpretação literal da Bíblia é mais científica e mais necessária, por estar mais em harmonia com o primitivo sentir judaico e cristão.

O *milénio* era um verdadeiro dogma para S. João e para os primeiros Padres da Igreja.

Vejamos o valor desta afirmativa.

## Milenarismo judaico

O *milénio* é de origem judaica.

Os profetas anunciaram uma época de felicidade lá para o fim dos tempos e no-la apresentam sob a forma de magnífica e sobrenatural restauração de Jerusalém e de toda a nação israelítica, que dominará então religiosa e politicamente a terra inteira.

A invasão de Gog não passará de incidente exterior, que porá o selo ao triunfo do povo eleito.

Este triunfo messiânico parece apresentar-se como definitivo, pois resume em si toda a sorte de bens: visíveis e transcendentos.

Esta concepção do *milénio*, que se encontra mais ou menos explícita em todos os profetas posteriores ao último exílio do povo hebreu, transparece sobretudo em Isaías (2) e Ezequiel (3).

O pequeno Israel será uma bênção para todo o mundo.

O povo dos santos, antes de entrar no céu, gozará sobre a terra de uma alta felicidade, temporal e espi-

---

(1) Cf. «*L'Autre Vie*» por Mons. Elie Mérie, 2.<sup>o</sup> tomo. 1912.

(2) Is. cc. 54 e 60.

(3) cc. 40-47.



ritual, num lugar de glória e delícias, que será a verdadeira Jerusalém descida do céu, onde estava como em expectativa <sup>(1)</sup>.

Por vezes aparece identificada e combinada com o paraíso terrestre.

O *quiliasmo* ou *milénio* não se apresenta no fim do primeiro século, entre os judeus, como doutrina perfeitamente consistente, capaz de se impor universalmente.

Para os mais antigos rabinos, a ressurreição devia inaugurar o *milénio eterno*.

Depois, nada havia de positivo quanto à sua duração.

Agora nos falam de 40 <sup>(2)</sup>, logo de 70 <sup>(3)</sup>, depois de 365 <sup>(4)</sup>, de 400 <sup>(5)</sup>, de 600, de 1000, 2.000, 6.000, 7.000 e até de 365.000 anos.

## Milenarismo cristão

Prescindindo do Apocalipse, o *milenarismo* entrou no cristianismo na primeira metade do século segundo.

Pode todavia remontar aos antigos presbíteros da Ásia, aos dias da velhice de S. João e à ruína de Jerusalém, no ano 70 da era cristã.

Teria em vista consolar os judeus perante os escombros da *Cidade Santa*.

Os *cristãos judaizantes*, o *heresiarca Cerinto*, contemporâneo de S. João, os marcionitas e apolinaristas começaram a ensinar um *milénio grosseiro*.

Lá para o fim dos tempos, diziam, o Messias há

(1) *Apc. cc. 21 e 22.*

(2) *Slm. 90, 15; 95, 10; Deut. 8, 3.*

(3) *Is. 23, 15.*

(4) *Is. 63, 4.*

(5) *Gen. 15, 13.*



de voltar à terra a ressuscitar os bons e a reinar triunfalmente com êles, durante *mil anos*.

Como que virá resgatar-se dos males que acompanharam a sua *primeira vinda*; vingar-se e vingar os seus das perseguições e injustiças de seus inimigos de todos os tempos.

Durante êste seu *reinado milenário*, nem Ele, nem seus vassallos padecerão espécie alguma de mal, nem carência de bem.

Haverá superabundância de riquezas, de festins, de gozos, de prazeres, de tudo, em suma, quanto a natureza pode apetecer.

Nada de quanto o Evangelho hoje condena, como baixo, grosseiro, imoral, lhes será vedado.

Será a revindicta e o triunfo da carne, tão humilhada e sacrificada na vida anterior.

Em tão glorioso período os filhos de Israel hão de exumar de suas velhas cinzas a cidade santa de Jerusalém, cercá-la de muralhas de mármore e dilatar pacificamente, sem oposição, seus vastos domínios.

*Povo exclusivamente constituído por eleitos e em gozo de milenárias férias*, ser-lhe-á estranho tudo que represente esforço, trabalho, cuidados, preocupações e fadiga.

Sôbre a terra palestiniana, *terra de promessa* e de maravilhosa fecundidade, passará êste *povo de santos*, com todos os demais povos seus amigos, um venturoso *sábado milenário* oferecendo a Deus vítimas sangrentas e alimentando-se de sua carne.

\*

O mundo, dizia Cerinto, deve durar *uma semana de milénios*, — porque para Deus um *milénio* é como se fôsse *um só dia*.

*O sétimo milénio será o sábado do mundo.*



Precederá o *oitavo milénio* da eternidade, que deve começar pelo *juízo final*.

«Portanto, meus filhos, conclua, em 6.000 anos o universo será consumado.

Deus repousará no *sétimo dia*...

Quando seu Filho vier pôr termo à *moratória* concedida aos pecadores, julgar os ímpios, transformar o sol, a lua e as estrelas, então repousará gloriosamente...

«Eu, diz Ele, não suporto mais as vossas *neomênias* e os vossos *sábados*.

Vêde bem o que quero dizer:

Não são mais os *sábados actuais* que me agradam, mas o que eu fiz e em que, pondo fim ao universo, inaugurarei o *oitavo dia*, i. é, um *mundo novo*.

Transcorrido o *sétimo milénio dos santos*, continua Cerinto, virão Gog e Magog, i. é, os bárbaros do setentrião, assediar a Cidade Santa, a querida Sião, mas serão despenhados pela divina justiça em fogo devorador.

A êste *venturoso sábado dos santos* sobre a terra seguir-se-á o *oitavo e último milénio*: o da eternidade feliz para os bem-aventurados.

\*

Embora semelhante *milénarismo sensual* fôsse condenado, como grosseiro e baixo pela razão e como herético pela Igreja, Cerinto e seus discípulos pretendiam justificá-lo com a autoridade mesma de Jesus Cristo, nomeadamente com as seguintes passagens de S. Mateus:

«Digo-vos que desta hora em diante não beberei mais dêste fruto da vide até o dia em que o beberei de novo convosco no reino de meu Pai» (1).

*Todo o que deixar, por amor do meu nome, a ca-*

---

(1) Mt. 26, 29, etc.



sa, ou os irmãos, ou as irmãs, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por um e possuirá a vida eterna (1).

A recompensa que o Senhor promete aos justos nestas e noutras similares palavras é *tôda de ordem espiritual* e infinitamente superior a tudo quanto no mundo se pode gozar. Nada nos autoriza a ver nelas promessas de prazeres sensuais; e, se alguém as vir, mostra ignorar o carácter essencialmente imaterial do Evangelho e da religião cristã, e estoutras palavras tão claras, tão positivas e tão formais de Cristo: «Depois da ressurreição, nem as mulheres terão maridos, nem os maridos, mulheres; mas serão como os anjos de Deus no céu» (2).

Se fala de banquetes e festins nupciais, é simplesmente para se acomodar ao nosso modo de falar.

Efectivamente, obrigar agora o homem a sustentar lutas tremendas para observar integralmente a lei moral, para levar vida pura, angélica; obrigá-lo a imolar antes a vida do que pecar, e pagar-lhe mais tarde com o simples gôzo dos mesmos prazeres que agora tão severamente proíbe, seria?... O quê?!... Nem eu sei dizê-lo.

Por outros termos, equivaleria ao seguinte:

*Não bebas agora da taça do prazer sensual!*

*Se beberes, serás condenado.*

*Se dela porém agora te privares, receberás em prémio, mais tarde, libá-la à discrição, até à saciedade.*

## Milenarismo de alguns Santos Padres

E que pensar e dizer do milenarismo de alguns Santos Padres e Doutores da Igreja, a cuja autoridade

---

(1) Mt. 19, 29.

(2) Mt. 22, 30.



de ainda hoje recorrem os seus últimos e actuais defensores?

Digamos desde já: *êle só exclui o gôzo de prazeres sensuais.*

É pouco.

Historiemos. Individualizemos primeiro e depois generalizemos. Seja o leitor também juiz.

*Pápia*, bispo de Hierápolis, opinava que, depois da ressurreição dos mortos, *Jesus Cristo reinaria visivelmente durante mil anos sôbre a terra.*

S. *Justino* entendia que, em seguida à destruição do *Anti-Cristo*, Jerusalém seria reconstituída e habitada durante *mil anos* pelos cristãos e ressuscitados, patriarcas e profetas, em companhia de Cristo.

Atribui estas idéias ao autor do Apocalipse; é porém de notar que na sua *Apologia* a Antonino não falla dêste assunto.

*Santo Ireneu*, *Militão* de Sardes, *Tertuliano*, *Santo Hipólito*, S. *Metódio* de Olímpia, *Apolinário* de Laodiceia, *Cómodo*, *Lactâncio* — admitem a *dupla ressurreição* e o *reinado de mil anos* antes do juízo final.

Será isto bastante para afirmar, com os adventistas, que o *milénio* foi um *dogma* na primitiva Igreja?

De modo algum.

S. *Justino* declara que o *mlenarismo* tinha contraditores e que não ousava taxá-los de heresia <sup>(1)</sup>.

Escreveu «*que não era opinião corrente na Igreja*», dizendo: «*Muitos há, aliás de mui santa e religiosa doutrina, que não seguem neste ponto o que eu sigo*».

*Santo Ireneu* fêz dêle uma verdade de fé, porque o teve como solidário do dogma da ressurreição.

Sabe que muitos o repelem, mas atribui-o à influência de idéias gnósticas.

Mas *Clemente* de Alexandria, *Clemente* de Roma

---

(1) *Dial. Tryph.* LXXX.



t S. Cipriaon não o mencionam entre os dogmas cristãos.

O grande Orígenes combateu-o e qualificou-o de *inépcia judaica* no prólogo ao *Cântico dos Cânticos* e no seu tratado «*De principiis*».

Eusébio atesta na sua «*História*» (1) que escreveram contra o «milénio» o presbítero da Igreja de Roma Caio no século segundo e S. Dionísio de Alexandria no século terceiro.

S. Dionísio de Alexandria procurou converter os discípulos de Nepos, milenaristas.

Na Igreja de Roma, só consta o fôsse Hipólito.

Dos fins do século terceiro ao quarto, no ocidente, professou o milenarismo, pretendendo apoiar-se em S. Paulo (2), Victorin Pettau.

Santo Ambrósio não é claro.

Põe, pelo menos, uma época intermediária entre a ressurreição dos justos e a dos pecadores.

Tricónio, S. Jerónimo e Santo Agostinho foram abertamente contrários.

S. Jerónimo interpreta em sentido espiritual a encarceração do Dragão, sua libertação e aplica à Igreja, depois da Incarnação, todos os textos proféticos como apocalípticos, favoritos dos milenaristas.

Santo Agostinho creu no sétimo milénio sabático do mundo, mas só depois do grande juízo de Deus (3).

Mais tarde porém retratou-se na *Cidade de Deus*, classificando-o de amontoado de *fábulas ridículas*.

Satã, diz, já foi ligado no primeiro advento de Cristo; a Igreja já reina com os santos, sem o que não seria chamada «*reino dos céus*»; os tronos são as sedes dos chefes que a governam; Satã sairá do abismo, i. é, do coração dos ímpios, onde esteve fechado, só-

---

(1) *Euseb. H. E.* 7, 25.

(2) *I Tess.* 4, 15, *I Cor.* 15, 52.

(3) *Serm.* 259, 2.



mente durante os *três anos e meio* do reinado do Anti-Cristo, no fim dos tempos.

Opina também que o capítulo vinte do Apocalipse é uma recapitulação de todos os capítulos das Bêstas que o precedem <sup>(1)</sup>.

\*

Efectivamente, — para que havemos de negá-lo? — *transcorridos os tempos apostólicos*, alguns Santos Padres e Doutores, seguidos de milhares de cristãos, tomando como base o primitivo ensino tradicional e as enigmáticas profecias do Apocalipse, crearam e ensinaram que, antes de consumado o presente século, Jesus Cristo voltaria manifesta e triunfalmente à terra a reinar sobre ela durante um *milénio*, o espaço de *mil anos*.

Parecia-lhes bem que o país que fôra dantes rocha-tarpeia, calvário da verdade, da justiça e da própria Divindade, fôsse depois seu primeiro capitólio, seu tabor.

Seria a primeira solene reparação da virtude e a derradeira confusão temporária do vício.

Não haveria, como se disse, neste triunfal *milénio* nenhuma das baixas alegrias e festas sensuais que caracterizavam o *cerintiano*.

O Senhor, ao voltar à terra, glorioso e vencedor, exterminaria o Anti-Cristo e seu exército; ressuscitaria muitos santos, nomeadamente os mártires que, não obstante suas almas lograrem já a visão beatífica, viariam em seus corpos habitar com Ele na Jerusalém celeste, transportada por *mil anos* para terras palestianas.

Lúcifer seria encarcerado, as guerras suprimidas

---

(1) Cf. *Civit. Dei*. XX, c. 7-13.



e o Messias glorioso, o Cristo bendito, reinaria como Soberano único, religioso e político, do mundo.

Então os judeus, já convertidos, de novo se congregariam na Palestina, em Jerusalém, cujos muros seriam reerguidos de suas antigas ruínas pelos *eleitos triunfantes*.

Realizar-se-ia a linda profecia de Cristo: «*E haverá um só rebanho e um só pastor*» (1).

Quando este *reinado milenário* chegar ao seu termo, Satã será solto por algum tempo e sublevará de novo os povos gentios contra Cristo e seu reino; numa luta ingente porém será vencido, com todos os seus, destruído e devorado por fogo vindo do céu.

Depois?...

Depois a ressurreição geral, o último juízo, a sentença definitiva dos justos e dos pecadores, o supremo elogio do bem, a suprema condenação do mal e a falência definitiva do Espírito mau e de suas hostes.

Com este capítulo fechará a história da humanidade.

\*

Aparte, como fica dito, o gôzo de prazeres sensuais, este *mlenarismo* não difere do de Cerinto.

Admite, como êle, o reino temporal de Cristo com os justos e a última revolta e derrota de Satã e de seus aliados, Gog e Magog.

Em conclusão:

É verdade que *alguns Santos Padres*, deixando-se levar facilmente do testemunho do piedoso Pápia e de uma falsa carta atribuída a S. Barnabé, *aceitaram como verdade o êrro dos milenários espirituais*.

Podem encontrar-se ainda vestígios dêste êrro em escritos célebres de alguns Doutores da Igreja até o fim do século IV.

---

(1) Jo. 10, 16.



A datar de então porém começou a ser certa e fortemente martelado pela dialéctica de Santo Efrém, S. Gregório de Nice, S. Basílio, — o Grande —, S. Gregório Nazianzeno, Santo Epifânio, S. Jerónimo e Santo Agostinho, tendo alfin sucumbido aos seus golpes, no Oriente como no Ocidente.

*Conclusão que se impõe: o milénio nunca foi dogma na Igreja, nem geralmente recebido por tradição, contra o que afirmavam o protestante José Medo e outros.*

Ela, a Igreja Católica, sempre o repeliu como ainda hoje o repele.

\*

O Em.<sup>mo</sup> Cardeal Marchetti Selvaggiani, Secretário da S. C. do S. Ofício, escrevia ainda a 11 de Novembro de 1941 ao arcebispo de São-Tiago-do-Chile, D. José M. Caro Rodríguez, nos termos seguintes:

«Foi recebida no Santo Ofício uma carta em que V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> expunha que nessa arquidiocese havia defensores e admiradores do sistema dos milenaristas espirituais e do livro de P. Lacunza intitulado «Venida del Mesías en gloria y majestad» e que o seu número crescia cada vez mais.

Pedia também instantemente à Santa Sé se dignasse dar-lhe normas oportunas sobre o assunto.

Reunidos em sessão plenária, a 9 do corrente, os Em.<sup>mos</sup> Cardeais desta S. Congregação, ordenaram se respondesse:

«O sistema do Milenarismo, embora mitigado, i. é, que ensina que, segundo a revelação católica, o Cristo Senhor há-de vir a reinar corporalmente sobre a terra antes do juízo final, haja ou não prévia ressurreição de muitos justos, — não pode com segurança ensinar-se».



Firmado, pois, nesta resposta e tendo presente o haver já o Santo Ofício proibido o livro do P. Lacunzae, como V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> mesmo refere, cure V. Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> de velar quanto em si caiba por que, sob nenhum pretexto, se ensine, propague, defenda ou recomende, de viva voz ou por escrito, a predita doutrina...» (1).

\*

Defenderam o milenarismo, como vimos, Cerinto e os Ebionitas, segundo o testemunho de Eusébio (2) e S. Jerónimo.

Pápia, infantilmente, S. Justino, S. Ireneu, Tertuliano (3), Nepos, bispo de Korakion, Egito (4), S. Metódio, na Líbia, e talvez Hipólito, em Roma.

No século IV era raríssima semelhante doutrina. Ensinou-a, segundo S. Basílio, (5) Apolinário de Laodiceia.

Mas êstes e mais alguns, como Lactâncio, Comodiano, Vitorino, Petavion, Q. Júlio e Hilarião, não expõem unânimemente esta época de felicidade, tiveram como contraditores outros muitos eclesiásticos de grande autoridade e sua doutrina foi reprovada no «Decreto Gelasiano» (6).

## Contraditores

S. Justino afirma, como vimos, que muitos cristãos, embora óptimos, o rejeitavam.

(1) Cf. *Periodica de re morali canonica liturgica*. 15 Apr. 1942. Romae.

(2) *H. E.* 111, 28.

(3) *Adv. Marcionem* III, 24.

(4) *Eus.* VI, 35

(5) *Epist.* 262, 4.

(6) Cf. *Mansi. Coll. Conc.* VIII, 151-170.



Eusébio de Cesareia, por seu turno, acusa Pápia de nímia simplicidade e medíocre inteligência, quanto a este argumento, pois não entendeu o que sob estas figuras se oculta.

Orígenes, no século III, impugna e rejeita inteiramente esta doutrina como pura fantasia judaica (1).

S. Dionísio de Alexandria acha este sistema tão pouco cónsono com a doutrina católica, que, ao refutar o bispo Nepote, chega a pôr em dúvida que S. João tenha sido o autor do Apocalipse.

Segundo o testemunho de Eusébio (2), Caio romano refutou veementemente Hipólito e S. Basílio Magno, Apolinário de Laodiceia.

S. Jerónimo relega o «milénarismo» para o número das fábulas judaicas (3).

S.<sup>to</sup> Agostinho foi a princípio o seu tanto indulgente para com o sistema dos quiliastas, como elle próprio confessa; mas depois rejeitou-o por completo (4).

Muito mais ardorosamente o reprovaram ainda Filástrio, Genádio, Teodoreto e Ticéforo, chegando a taxá-lo de heresia.

Conclusão:

É inútil apelar para a tradição dos Santos Padres em defesa do Adventismo.

— E por que não aceitou nunca a Igreja o Quiliasmo?

— «À tua pergunta, — responde Santo Agostinho a Dulcício —, em que desejas saber se devemos crer que o futuro juízo se seguirá logo à vinda do Senhor, tenho para mim que nos deve bastar a fé do Símbolo, na qual confessamos que Cristo há-de vir da direita do Pai a julgar os vivos e os mortos; sendo esta a causa

---

(1) *De princ.* II, 11, 2.

(2) *H. E.* III, 28.

(3) *Epist.* 120, 121 e em *Is.* 11, 6; 23, 18.

(4) *De Civit. Dei*, 27.



de sua vinda, que outra coisa há-de Elle fazer, quando vier, senão aquella a que veio?»

A Igreja aberta e claramente professa que não conhece outra futura vinda de Cristo ao mundo senão para julgar, não para reinar. Ela, adverte S. Jerônimo <sup>(1)</sup>, só conhece duas vindas de Cristo: uma em humildade, a morrer para nos salvar; outra em glória, a julgar os vivos e os mortos.

Na verdade, esta fé encontra-se expressa em todos os antiquíssimos símbolos, como pode ver-se em Denzinger, n.º 1-39.

O Novo Testamento também somente conhece e descreve estas duas vindas do Salvador; a outra, a reinar, ou a ignora, ou a exclui.

Assim, afirma-se nas «Parábolas» que o juízo dos eleitos e dos réprobos será *logo depois do fim* do militante reino dos céus, — como na «parábola do trigo e do joio e da rêde lançada ao mar» <sup>(2)</sup>.

O mesmo se encontra na «parábola da necessária vigilância» a fim de que o juízo de Deus não nos encontre desprevenidos, na do «bom e mau servo» que espera o seu senhor, na das «virgens prudentes e loucas», na dos «talentos» <sup>(3)</sup> e claríssimamente na «descrição do juízo final» em S. Mateus <sup>(4)</sup>, pois imediatamente à vinda do Senhor seguir-se-á a reunião de todos perante o seu tribunal, à reunião a separação dos bons dos maus e à separação a sentença de uns e de outros.

O mesmo, quanto à substância, dissera já no c. 16, 27-31.

Semelhantemente, S. Paulo sabe e afirma que o Senhor há-de vir a julgar, não porém a reinar.

Veja-se, entre outros lugares, especialmente a

---

(1) *Epist.* 121.

(2) *Mt.* 13, 24, e seguintes.

(3) *Mt.* 24, 45, etc.

(4) *Mt.* 25, 31, 46.



epístola 2 Tess. 1, 7 e seguintes, em que se diz que o Senhor, quando vier com os anjos da sua virtude, há-de dar o reino aos bons e as penas eternas de perdição aos réprobos; e o mesmo se encontra na epístola I Tess. 4, 16: «O Senhor descera do céu, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

Depois, nós os que vivemos, os que ficámos aqui, seremos arrebatados juntamente com êles nas nuvens a receber Cristo nos ares e assim estaremos sempre com o Senhor.

Ai porém daqueles que, não estando preparados, forem surpreendidos pelo dia do Senhor.

Sobrevir-lhes-á de súbito a inevitável perdição como as dores à mulher que está para ser mãe <sup>(1)</sup>.

## **O Milenarismo e as seitas protestantes**

O *milenarismo*, repellido da Igreja Católica, refugiou-se mais tarde nas igrejas protestantes.

Muitos dos seus teólogos ressuscitaram-no.

Sob a denominação de «*Santos do último dia*», fundaram-se na Inglaterra e nos Estados Unidos «*igrejas novas e ardentes*» que ainda hoje continuam a tradição *milenária*, baseando-se nalguns textos do Evangelho e do Apocalipse, *mal entendidos, arbitraria e falsamente interpretados*.

Seu fim parece ser prepararem-se para saúdar o Messias na sua próxima vinda triunfal à terra.

Sonhos inúteis! Vãs esperanças! Sistemas perigosos e heréticos!

«*Vigiai e orai*», disse o Senhor, «*para que não entreis em tentação*» <sup>(2)</sup>, e êles vigiam e oram para se

(1) I Tess. 5, 3. Cf. a citada «Periodica», donde traduzimos quasi textualmente parte das «Anotações» de Sílvia Rosadini, S. J., à «Resposta do Santo Officio». Chegou-me às mãos depois do escrito e entregue na tipografia o nosso trabalho, motivo de uma ou outra repetição de coisas já ditas.

(2) Mt. 26, 41; Mrc. 14, 38.



confirmarem nela. Até o último dia da história dêste mundo o homem será testemunha da luta ardente e apaixonada do mal contra o bem, em castigo da culpa original e prova de sua liberdade.

Repetimos:

*A paz universal e o triunfo milenário da justiça* são utopias perigosas, ilusões inúteis, sonhos que é necessário banir.

Preferimos às promessas dos místicos iluminados da «*Congregação dos Santos do último dia*» a fé e a esperança cristãs.

Estas não se alicerçam, como aquelas, em afirmações humanas; fundamentam-se em palavras divinas.

Sabemos, de divina certeza, que a justiça triunfará definitivamente um dia das revoltas da liberdade humana e que a Igreja e Jesus Cristo, seu Fundador e Chefe invisível, reinarão na plenitude da paz, da alegria e da glória.

Desenganam-se porém os homens, que não verão reinar sobre a terra a infinitamente esplêndida aurora dêste grande dia.

Este reino, êste triunfo e êste dia não pertencem ao tempo.

Este reino, êste triunfo e êste dia pertencem à eternidade.

*Tenha o leitor presente, sem o esquecer, que não podemos continuar a historiar senão adindo repetições a repetições.*

\*

Em 1684 W. A., escritor protestante, publicou em Londres um livro intitulado «*Of the state of the Church in future age*»: «*Do estado da Igreja nas idades futuras*».

No c. II, pág. 33, retoma e desenvolve a doutrina dos antigos milenários ou quiliastas.



· Apresenta como certo o *reino temporal de Cristo*.  
Descreve-o, em resumo, nos termos seguintes:

Não haverá então mal físico, nem moral, nem gênero algum de tirania sobre a terra.

Todos os governos injustos serão abolidos, a começar pelo *Papa e Igreja Romana*.

Como bom protestante, não lhe esqueceu esta circunstância, como não esqueceu depois aos que aderiram ao velho sistema, vestido e pintado de novo.

Os bons discípulos procuram imitar seus mestres.

*Clayton*, bispo protestante de Clogher, publicou em 1749 uma *dissertação* sobre as profecias, chegando a fixar o ano 2000 como *data precisa da conversão dos judeus, queda do Papismo e começo do milênio*.

É admirável como êstes srs. lêem no futuro, não sabendo ler no passado nem no presente!

Interpretam de certeza o que é oculto e misterioso e não atinam com o que é claro e evidente!

A Bíblia é para êles noite cerrada e povoada de espessas trevas sempre que os contraria; e é dia pleno, cheio de luz e sem nuvens, quando, embora torcida e retorcida, parece favorecê-los.

*Whitby, Jonh Edwards, Joseph Mode e Thomas Newton*, bispo protestante de Bristol, professaram opiniões análogas.

Segundo êles, *ao ser inaugurado o reino de Cristo*, o império otomano, *Roma e o Anti-Cristo* serão destruídos.

*Newton* opina que igual sorte correrão todos os governos europeus.

\*

Os que mais completamente porém renovaram a doutrina dos antigos *quiliastas* foram *Worthington, Bellamy, Winchester e Towers*, escritores do último quartel do século passado.



Ajuntaram-lhe até, como adorno, circunstâncias muito curiosas e de flagrante relação com as questões que mais se agitam em nossos dias.

*Worthington* pensa que depois de certos factos, em boa parte já sucedidos, o Evangelho fará voltar gradualmente o período paradisiaco.

O actual progresso das ciências e das artes conduz, a seu ver, ao mesmo fim.

Este progresso acelerar-se-á aí pelo ano 2000, começo do *milénio*, mau grado alguns desastres causados pela perversidade de Gog e Magog, e assim tudo terminará pelos *novos céus e nova terra*, anunciados no Apocalipse <sup>(1)</sup>.

Não mais haverá mal físico, nem moral, e a morte deporá a sua foice homicida.

Os justos perseverarão na justiça e gozarão, no mais alto grau, da felicidade terrestre.

Tão brilhante cena será coroada com sua entrada no céu, em seguida a Jesus Cristo, aí pelo ano 25920 do mundo, no fim do grande *ano platónico*.

*Bellamy* crê que o *milénio* será o reino espiritual de Jesus Cristo sobre a terra.

Não haverá nêle nem guerra, nem fome, nem vício, nem extravagância.

Florescerá a indústria e o globo fornecera vestidos e subsistências a um número de habitantes superior ao actual.

Deus será universalmente conhecido e adorado; e neste espaço de *mil* anos salvar-se-á um número de homens superior ao de todos os séculos anteriores.

*Winchester* sustenta que, à abertura do *milénio*, o império turco será enfraquecido, a fim de facilitar o retôrno dos judeus a Jerusalém.

Jesus Cristo virá no equinócio da primavera ao outono.

(1) *Apc.* 21, 1.



Seu corpo luminoso, suspenso no ar sôbre o equador, será visto de um a outro polo por tôda a terra.

*Towers* vê no *milénio* um grande período: período de piedade e de luz, que o tornarão singularmente belo <sup>(1)</sup>.

O homem não estará mais exposto aos perigos do veneno animal, vegetal e mineral, que deixarão de ser instrumento de crime.

Os animais nocivos serão destruídos ou sujeitos ao poder do homem.

Não haverá mais suicídios, nem duelos, nem assassinatos, nem roubos, nem piratas. Poder-se-á caminhar livremente por todos os mares.

As ciências estarão por tal modo aperfeiçoadas que o homem poderá furtar-se aos perigos do raio e desarmar as tempestades.

A pena capital será abolida, porque não haverá mais crimes, nem dissensões, nem guerras, nem perseguições civis ou religiosas.

Os povos selvagens participarão de todos os benefícios da civilização.

As repúblicas sofrerão grandes mudanças e maiores ainda as monarquias.

Só haverá uma nobreza: a da virtude.

Nada havendo mais oposto à religião do que a glória militar, o luxo e a vaidade das modas, tudo isto sofrerá uma mudança radical.

O império turco será aniquilado.

Todos os governos déspotas e anti-cristãos serão destruídos <sup>(2)</sup>.

*Towers* entrevê no cristianismo o elemento destruidor de tôdas as tiranias.

(1) *Illustrations of Prophecy, etc. by Towers*, 2 vol, London. 1.796, t. 2, pg. 747.

(2) *Idem, ibidem*, c. I, pg. 18 e 431 *Gregoire: Hist. des sectes religieuses*, t. 2.



A maioria dos *milênários* mostra tendências republicanas e democráticas.

Segundo o *Dr. Lancaster*, a profecia da *prisão do Dragão por espaço de mil anos* anuncia que os furores da tirania monárquica serão subjugados.

O *Dr. Bogue* confia pouco na conversão dos reis, pois não vê na Bíblia que elles se reúnam nem para orar a Deus, nem para cuidar da felicidade de seus povos, mas sòmente para combater.

Entretanto o *Dr. Clamers* de Glascon tem para si que elles conservarão o seu cetro e nobres distinções durante o *milénio*.

Mas a caridade, a bondade, a virtude aproximarão tôdas as condições até se confundirem na igualdade da beatitude celeste.

Enfim, *W. F. Fox*, unitário, vê no *milénio* o apogeu da perfectibilidade de que falam os filósofos, a era da verdade e da unidade religiosa e política.

\*

Bom número de escritores britânicos do primeiro quartel do século XIX se interessou por esta questão procurando, como os seus predecessores, basear-se no *Apocalipse*.

Que de esforços se não têm feito para decifrar o nome da *Bêsta*, cujo conhecimento seria a chave de toda a profecia?

Nos primeiros séculos do cristianismo julgou-se que era Roma perseguidora e idólatra.

As heresias da idade-média applicaram as ameaças proferidas por S. João ao *Papado e à Igreja Romana*.

As seitas protestantes seguiram fielmente o seu exemplo.



Os alquimistas julgaram encontrar no *Apocalipse* o segredo da *pedra filosofal*.

Nos tempos mais próximos, os defensores da fé encontraram ali alusões evidentes aos filósofos do século XVIII.

*Towers* e *Vaughan* leram ali a «*História da Revolução Francesa*».

Em suma: o *P. Pothier* e muitos outros intérpretes reconheceram ali manifestamente Napoleão I.

Ficou-lhes porém ainda esta dúvida: se Napoleão era o Anti-Cristo *em pessoa* ou um seu *precursor*.

E não se falou muito, falou e escreveu, a quando da «*Grande Guerra*», que era Guilherme II, e no comêço desta «*Mundial*», ao soltar-se êste *furacão* que vai talando o mundo, que era Hitler?...

\*

De esperar era também que os *profetas do socialismo moderno* recorressem ao *Apocalipse* para apoiar sua doutrina.

E recorreram.

O chefe da seita dos falansterianos, no seu livro «*Le Socialisme devant le vieux monde*», por *V. Considerant*, pág. 198, e no «*Jesus devant les conseils de guerre*», por *Victor Meunier*, pág. 200, não aduz passagens da alegoria de S. João que anunciam claramente, segundo êle, a *condenação dos príncipes da terra, reis, aristocratas, altos e poderosos senhores da feudalidade financeira e mercantil*, numa palavra, os *exploradores de todo o género*, e o *reino dos justos e dos santos: os fourieristas?!...*

Outrora era o céu que ditava as leis da santidade à terra; agora é a terra que as dita ao céu...

Em 1752 *Bengel* e mais recentemente *Jung* sustentaram a mesma doutrina na Alemanha.



Defendeu-a igualmente em França no primeiro quartel do século XIX o sábio e piedoso *Agier*.

Afirma êle, com a maioria dos milenários, a conversão geral dos judeus e a sua volta ao país de seus pais.

Diz que hão de reconstruir Jerusalém e fazer dela a *metrópole da Igreja Católica*.

Fixou a data dêstes factos para 1849.

Começará então o reinado da felicidade espiritual e temporal anunciado pelos profetas.

O mundo voltará a ser o que era antes da queda original.

O eixo da terra ficará perpendicular ao plano da eclíptica, de sorte que a sua superfície gozará de perpétua primavera, de ar puro e sereno, como nos primeiros tempos do mundo.

Nesta idade afortunada o solo será fértil; haverá grande abundância de tudo quanto é necessário à vida; o homem exercerá então sobre os animais o mesmo império que exerceu a princípio e sua vida será tão longa como antes do dilúvio.

Serão extintas tôdas as monarquias e todos os homens constituirão uma só família.

Portanto, não haverá mais nações, porque esta palavra indica secções do género humano organizado em corpos políticos.

É provável que haja uma só língua.

Alfim Jesus Cristo virá reinar sobre os seus eleitos.

Na primeira vinda teve um só precursor: João Baptista.

Na segunda terá dois: Enoque e Elias.

Todavia esta venturosa época será precedida de afrontosas calamidades, devidas à vinda do *Anti-Cristo*.

\*



Os *democratas socialistas e republicanos exaltados* esperam uma era de liberdade e igualdade absolutas e de comum felicidade; mas há uns 50 anos viam na autocrata Rússia, — e ainda verão hoje? —, o maior obstáculo a esta universal transformação.

*Agier* veio depois certificá-los dêste seu sentir, comprovando-o com uma profecia da Bíblia sagrada.

Ezequiel anuncia no c. 38 que o príncipe de *Ross-Mosch* e *Tobol* virá do lado do aquilão, das terras de Gog e Magog, atacar os eleitos do Senhor.

Ora estas terras, segundo comum sentir dos exegetas, são as que constituíam a antiga Cítia e constituem a Rússia moderna.

As designações da Rússia são claras: *Ross* é o nome eslavo de *russos*; *Moch*, de *Moscovo*; e *Tobol* de *Tobolsk*, capital da Sibéria.

Os povos reunidos dos quatro cantos da terra, a multidão de cavaleiros de que o príncipe *Ross* se fará acompanhar são as hordas de *cossacos asiáticos*.

*Agier* tem, pois, como certo que o *Anti-Cristo*, o grande inimigo da regeneração cristã do mundo, será o *imperador da Rússia*.

Mas os que partilham esta convicção tranquilizam-se, porque a mesma profecia os certifica de que Gog e Magog, depois de haverem desolado parte da terra, serão exterminados pela cólera do Senhor e esmagados debaixo de uma chuva de pedras e enxôfre inflamado.

Estas idéias místicas, que se nos afiguram extraordinárias, preocuparam em 1830 grande número de espíritos no meio-dia da França.

Uma brochura intitulada «*Les Precurseurs de l'Anté-Christ*» teve de 1822 a 1912 7 edições.

E quantas não teria ainda hoje?

Terá diminuído o número dêstes místicos ou terá aumentado?



Não será o espírito humano vítima desta vertigem, de mistura com muitas outras?...

O homem teima em ignorar teórica ou praticamente, senão uma e outra coisa, a religião verdadeira; e como, queira ou não queira, é essencialmente religioso, não cessa de criar religiões falsas, à sua imagem e semelhança, servindo-se de elementos da verdadeira, seleccionando-os, interpretando-os e adulterando-os a seu bel-prazer.

Assim se explica como as religiões humanas saem uma mistura de verdade e de mentira, de bem e de mal.

A verdade e o bem são alheios; a mentira e o mal são próprios.

Facto universal ao tempo e ao espaço!

Foi assim na lei natural e na lei mosaica; e assim tem sido, é e será na lei cristã.

Quem razoavelmente o poderá negar?

Sendo o homem essencialmente religioso, quando rejeita a verdadeira religião, cai fatalmente na superstição, dê-lhe a côr e o nome que quiser.

Não sofre a dura intransigência da verdade?

Apela para a contemporizadora mutabilidade da mentira.

## **O Adventismo moderno e contemporâneo**

Prosseguindo na mesma série de idéias, assim ainda hoje há, como houve ontem, quem rejeitando, por lhe não convir, a *interpretação espiritual da profecia joanina* relativa ao *milénio*, apele para a *interpretação literal*, creia que em determinada época da história do mundo, lá para o seu fim, Satã será encarcerado, seu poder e o da morte destruídos, a natureza transformada; que os justos, e nomeadamente os mártires e os profetas, ressuscitarão para reinar triunfalmente com



Cristo, durante *mil* anos, sôbre a *terra* ou nas *alturas*.

Haverá então, dizem, uma Igreja composta exclusivamente de ressuscitados, uma *nova Jerusalém*, que desaparecerá no fim do *milénio*, subindo ao *céu*.

Entrementes, evangelizará as nações neutras e destruirá as refractárias: Gog e Magog.

Terminado o *milénio*, Satanás será sôlto e combaterá por algum tempo o *reino de Cristo*, mas por fim será vencido e lançado, com todos os seus, no fogo.

Depois virá a *segunda ressurreição*: a dos eleitos e condenados.

\*

E porque rejeitam a interpretação espiritual?

É que, segundo ela, esperar um *milénio de perfeita e imperturbável felicidade neste mundo*, é uma verdadeira e colossal utopia.

No cosmo tudo é relativo.

É que, segundo ela, o *milénio* deve preceder, e não seguir, a *segunda vinda de Cristo*.

É que, em suma, o *reino de mil* anos confunde-se com tôda a fase terrestre do reino estabelecido depois da glorificação de Cristo.

É o *reinado pacífico da Igreja* que começou com a paz de Constantino, segundo uns, e com a *Incarnação*, segundo outros. É evidente que sendo assim, i. é, que sendo a *Igreja Católica* o verdadeiro *Reino de Deus*, há o dever sagrado de lhe pertencer e de aceitar de sua bôca, como se fôra a de Cristo em pessoa, o Evangelho.

Para se furtarem ao cumprimento dêste duplo dever apelam, entre outros lugares bíblicos, para o *sentido literal do Apocalipse*, do mais misterioso dos livros sagrados, cuja interpretação, qualquer que seja, é muito hipotética, muito duvidosa, *não podendo por-*



*tanto servir de base a argumentação sólida e muito menos a uma religião.*

*Pois nesta base fundaram os adventistas modernos, contemporâneos, a sua.*

\*

Os judeus esperavam um Messias guerreiro, conquistador, glorioso, que vencesse e jungisse ao seu carro triunfal todos os reis da terra e fizesse da nação judaica a senhora do mundo.

Como porém assim não acontecesse com Jesus Cristo, disseram: *Não é este!* E mataram-no, crucificaram-no.

Mataram-no, porque, para eles, se fizera o que não era: *Messias, Deus.*

Foi o que alegaram a Pilatos para que o condenasse à morte, dizendo: *«Temos lei e segundo ela deve morrer, porque se fêz Filho de Deus»* <sup>(1)</sup>.

Para esta circunstância apelou S. Paulo como atenuante da enormidade do seu crime, escrevendo: *«Se eles conhecessem o Senhor da glória, nunca o crucificariam»* <sup>(2)</sup>.

Como fizeram d'Ele um falso Messias, estão ainda à espera do verdadeiro: *guerreiro, conquistador, glorioso.*

Os adventistas crêem que Ele já veio, que Jesus Cristo era o Messias; mas como na *primeira vinda*, humanamente falando, em vez de vencer, foi *vencido*, esperam que volte a reinar tal-qualmente os judeus desejam.

*São uns verdadeiros sebastianistas.*

*Senão, veja o leitor.*

---

(1) Jo. 19, 7.

(2) I Cor. 2, 8.



A lusa grei esperava que D. Sebastião conquistasse Ceca e Meca. Como porém foi infeliz em Alcácer-Quibir, saíu-se a dizer que êle não tinha morrido, que a Providência o conserva e oculta para *Chefe supremo do Quinto Império*.

E pôs-se à espera dêle...

Há porém esta diferença, além de muitas outras:

Os portugueses esperam D. Sebastião vindo de alguma ilha encoberta, em dia de nevoeiro, e os *adventistas* esperam Jesus Cristo descendo do céu montado em nuvens luminosas.

— Assim há-de Êle vir, dirá o leitor, a julgar os vivos e os mortos!

— Diz bem! Mas que quere? Deus há-de andar ao jeito dos homens, em vez de os homens andarem ao jeito de Deus.

Sempre assim foi e ainda assim é.

Deram-se ao *livre exame*, a interpretar a Bíblia, cada um a seu modo, quando Jesus Cristo só deu a intelligência dela aos Apóstolos e seus futuros successores, à Igreja Docente, como fica dito <sup>(1)</sup>, e é isto que se vê: *religiões a brotarem no seio da sociedade como tortulhos nos montes*.

Os *adventistas*, afora a crença fundamental na próxima e pessoal vinda de Cristo, *não têm doutrinas bem distintas*.

Crêem, geralmente, como os *baptistas*, no *baptismo de imersão*, e como os *congregacionalistas* na independência das diferentes igrejas locais.

Mas procedamos ordenadamente,

---

(1) *Lc.* 24, 45.



## O fundador do Adventismo

O fundador do actual *Adventismo* foi o norte-americano W. Miller.

Nasceu em Pittsfield, Mass., em 1781.

Professou o racionalismo até 1816.

Deu-se então à leitura da Bíblia, entrando depois na seita *metodista*.

Fixou-se de preferência nas *profecias* e procurou interpretá-las segundo o seu *critério racionalista*.

Assentou como princípio:

Tôdas as *profecias messiânicas* devem realizar-se à letra.

Ora nem tôdas se realizaram à letra no *primeiro advento*.

Logo devem realizar-se no *segundo*.

Exemplos:

Está escrito que o Messias possuirá a terra de Canaã <sup>(1)</sup>; que reinará sobre o trono de David e que o seu reino se estenderá até às extremidades da terra <sup>(2)</sup>; que aparecerá sobre as nuvens do céu a julgar as nações e a reinar sobre elas <sup>(3)</sup>.

Comparou êstes diversos lugares bíblicos, particularmente o Apocalipse <sup>(4)</sup> e a Epístola de S. Paulo aos coríntios <sup>(5)</sup> e persuadiu-se de que a *segunda vinda de Cristo e o fim do mundo* deviam preceder o *milénio apocalíptico*.

Segundo êle, os 2.300 dias danielianos <sup>(6)</sup> designam outros tantos anos e começaram com 70 semanas, i. é: 457 anos antes de Cristo.

---

(1) Gén. 17, 8; Is. 8, 8.

(2) Slm. 2, 8.

(3) Dan. 7, 13-14.

(4) Apc. 20, 1-6.

(5) I Cor. 20-23.

(6) Dan. 8, 14.



Os 1.335 dias <sup>(1)</sup> marcam a duração da *supremacia pontifical, etc.*

Por outros termos:

As profecias de Daniel foram pois para êle um verdadeiro caleidoscópio, um como espelho mágico.

Viu nelas a decifração das do Apocalipse: que o reino de Deus ainda não principiara; que a Igreja Romana era a Bêsta do Apocalipse; o Papa, o Anti-Cristo; dias transformados em anos: o ano 508 da era cristã a indicar o comêço da supremacia do Pontífice romano; o de 1843, o seu têrmo; o início do *milénio*, o *segundo advento* de Cristo, para esmagar os seus inimigos, recompensar os seus fiéis discípulos e fazer reinar no mundo inteiro a justiça e a paz.

\*

O novo profeta deu à luz pública as suas apocalípticas concepções em 1831.

Viu-se desde logo rodeado de numerosos discípulos.

Vieram-lhe sobretudo das seitas *baptista* e *metodista*.

O exemplo é o mais poderoso dos ímanes: Mr. W. Miller deixara também aquela a que pertencia para ser chefe da que fundara.

Em seu dizer e no dizer dos seus adeptos, encontrou a luz, saíu da treva.

O homem foi feito para a verdade e, enquanto a não encontra, busca-a inquieto, como a agulha de marear o norte.

Se é sincero, tanto a busca, que a encontra; se o não é, não a encontra nunca, porque lhe foge sem-

---

(1) Dan. 12, 12.



pre. Aos seus primeiros raios crepusculares volta-lhe as costas como Pilatos (1).

Católicos, que trocam «*as palavras de vida eterna de Cristo*» (2) *por sonhos de homens, que são?*

Não lhes caberá a denominação bíblica de «*Rebeles lumini*» (3): *Rebeldes à luz?*

Mr. Miller annunciou a vinda de Cristo, a iniciar o milénio, para Março de 1843 a Março de 1844.

\*

— E Cristo veio? — perguntará o leitor.

— É claro que veio, e só Ele sabe quantas vezes, a julgar os que morreram no predito espaço de tempo, que não foram poucos.

Ele morre tanta gente dia a dia, hora a hora, momento a momento.

Então agora na actual guerra, a maior que o mundo ainda viu, e por motivo dela!...

Faça-lhe a conta quem saiba, queira e possa.

Está-me parecendo porém que o *balancete dos mortos*, das vítimas e das somas que se têm gasto nela só Deus o pode fazer.

Quanto ao *dinheiro*, ou eu me engano muito ou êle dava para tornar remediados todos os pobres dos países beligerantes.

*Que imensa loucura! e que imenso crime!*

\*

Quanto ao fracasso milenário, Mr. Miller tranqüilizou fleumáticamente os seus 50.000 adeptos, dizendo-lhes:

---

(1) Jo. 18, 38.

(2) Jo. 6, 69.

(3) Job 24, 13.



— Não há motivo para desânimos! Houve engano nos cálculos. Cristo não veio, mas não tardará.

Mr. Snow rectificou os cálculos do chefe e anunciou a vinda de Cristo para 22 de Outubro de 1844.

Milhares de operários e lavradores suspenderam os seus trabalhos para assistir à sua chegada.

Em vão passaram noites e noites ao relento.

Ainda desta vez não veio.

A rectificação dos cálculos não tinha sido bem feita.

Nem todos nasceram para grandes matemáticos.

\*

— Com tais alicerces, como não ruíu o *Adventismo*?

— Não sabe o leitor o que diz a Bíblia: que «o número dos insensatos é infinito» (1)?

Há gente para quem a verdade é sempre mentira e a mentira sempre verdade.

— E como se escusaram êles?

— Os norte-americanos parece que não são dos mais exigentes em matéria de argumentação. Contentam-se com pouco.

Quanto a dinheiro, é que nenhum é muito.

Fizeram correr:

Cristo não veio, mas principiou a dispor as coisas no céu para a sua viagem e vinda à terra: começou o seu *juízo de investigação, de limpeza ou purificação do santuário celeste*.

Parece que havia por lá muito *indesejado*.

Terminado o *processo de investigação*, virá executá-lo: destruir os que tiverem sido julgados indignos: os pecadores; e reinar com os dignos: os justos.

Iniciará então o *reino de Deus*.

---

(1) *Ecles.* I, 15.



Esta *segunda vinda* será precedida de sinais como a primeira: a primeira foi anunciada aos Magos por uma *estrêla*; a *segunda, majestática*, será antecedida de uma *chuva de estrêlas*.

Já veio: foi em 1833. E caíu em maior abundância na América do Norte, certamente em honra do profeta máximo: Mr. William Miller.

Outros sinais precursores desta *segunda vinda de Cristo* têm sobrevivendo já, no pensar dos *adventistas*, a anunciá-la para breve.

Efectivamente, Cristo voltará e voltará em breve, pois a nossa vida visivelmente se está abreviando de momento a momento.

Cristo voltará, *quando menos o pensarmos. Estejamos pois sempre alerta* <sup>(1)</sup>. É Ele mesmo que no-lo recomenda.

\*

Mr. W. Miller, ao ler nas *profecias de Daniel e do Apocalipse* o futuro triunfo do Messias, em vez de perscrutar como as sumidades da Igreja interpretam estes difíceis lugares bíblicos, prenhes de mistérios, preferiu pôr em prática o *livre exame* e ressuscitar o *velho milenarismo*, discutido e rejeitado pelas mais lídimas autoridades exegéticas, como vimos.

Misturando textos que se referem ao *primeiro advento do Messias* com textos referentes ao *segundo*, expondo *literalmente* o que só em *sentido espiritual* deve entender-se, — deu-nos uma verdadeira *salsada*.

Tem todavia uma certa desculpa.

Leu as *profecias messiânicas* que anunciavam o *reinado da justiça, da paz e do bem*.

Olhou em tórno de si e não o viu.

---

(1) *Lc.* 12, 40.



Viui, sim, o *reino do dolar, das grandes explorações, grandes indústrias, grandes injustiças, grandes conflitos, grandes hipocrisias.*

*Não viu em volta de si o esplendor da Igreja Católica.*

*Leu as diatribes, os insultos soezes e as calúnias às seitas e da impiedade contra ela.*

*Viu o mercenarismo e antagonismo das seitas protestantes.*

*Concluiu: o reino de Deus ainda não veio; o reino messiânico ainda não começou.*

*Jesus Cristo virá estabelecê-lo mil anos antes do fim do mundo.*

*Em tais circunstâncias que mais se podia esperar e tinha direito a exigir de um ianque?*

\*

*Mas que desculpa pode ter um seu discípulo latino e europeu?*

*Que não temos nós direito a esperar e a exigir d'ele, nado e criado no seio maternal da Igreja Católica, — verdadeiro reino dos céus, verdadeiro reino de Deus, como lhe chamou o mesmo Cristo, seu divino Fundador?*

*O menos que temos direito a exigir d'ele é que se deixe de sonhos e sebastianismos, esperando que venha reinar à terra como Leão de Judá, Quem a ela veio morrer como Cordeiro do Jordão (1); que se deixe de insultos à Igreja, chamando-lhe *Bêsta do Apocalypse* e ao seu Chefe *Anti-Cristo*.*

\*

*Os adventistas, discípulos de Mr. W. Miller, dis-*

---

(1) Jo. I, 29, 36.



cordam do seu fundador quanto ao lugar em que Cristo reinará com os seus amigos durante o famoso milénio.

Segundo êles, *não reinará em terras de Canaã, no trono de seu pai David, mas em regiões aéreas.*

Findo o milénio nas alturas do céu, virá Jesus Cristo estabelecer o seu reino para sempre nas *planuras da terra.*

— Mas afinal que significaria um milénio de bem-estar na *terra* ou nas *alturas*, a preceder uma eternidade de felicidade e glória?

— O leitor não o sabe? Nem eu.

## Seitas adventistas

Em 1898, os adventistas eram 84.454.  
Estavam divididos nas seguintes seitas:

### 1.ª — Adventistas evangélicos

Data de 1855.

Seus adeptos crêem: que a alma é imortal; que conservará a consciência de si mesma depois da morte do corpo; que os maus não serão aniquilados, mas sofrerão castigo positivo e eterno.

### 2.ª — Cristãos do Advento

O seu *credo* especial resume-se nos seguintes artigos:

A alma é de sua natureza mortal.

Quem morre, fica em estado de inconsciência.



Quando Cristo vier, ressuscitará os justos, confirmar-lhes-á o dom da immortalidade e os fará reinar com Ele.

Significará aos maus a sentença de sua condenação e em seguida os aniquilará <sup>(1)</sup>.

### 3.<sup>a</sup> — Adventistas do sétimo dia

Seus fundadores foram: M. White, nascido em Palmira (Maine) em 1821, e Miss. Hélienè Harmon, que pretendia ter revelações e que acabou por esposar M. White.

Em 1898 contavam 50.288 adeptos.

Têm uma congregação presbiteriana como os calvinistas.

Observam o *sétimo dia*, o *sábado*, em vez do *domingo*.

É que, dizem, não se pode justificar pela *Escritura* a transferência.

Só admitem, como *regra de fé*, a Bíblia.

Crêem também que os 2.300 dias de Daniel terminaram em 1834, mas que Jesus Cristo, de então para cá, está purificando o *Santuário* e que, findo este trabalho, virá.

Então os bons reinarão com Ele.

O Demónio e os maus serão aniquilados.

### 4.<sup>a</sup> — A Igreja de Deus

Ramo da anterior.

Separou-se dela em 1864, por não aceitar como *reais* as *revelações* de Miss. Hélène Harmon.

---

(1) Cf. O meu livro: «O problema cruciante do além».



## 5.<sup>a</sup> — A união da vida e da vinda

Nasceu em 1864.

Sua crença especial é a seguinte:

Os maus nunca ressuscitarão. Dormem sono eterno.

## 6.<sup>a</sup> — As igrejas de Deus em Cristo Jesus Adventistas do século por vir

São geralmente mais conhecidos por esta última designação.

Sua origem remonta a 1851, mas só foram organizados definitivamente em 1881.

Crêem que o mundo não será destruído *à vinda do Filho de Deus*; que o *milénio* precederá a restauração final; que os judeus reentrarão em Jerusalém; que todos os mortos ressuscitarão: os bons para reinar com Cristo; os maus para serem aniquilados.



## IX

Profecias de Daniel:

Visão de uma estátua de extraordinária grandeza.

Que representa a pedra que tudo reduziu a pó?  
O quinto império.

Visão de quatro feras pavorosas.

Quem é o povo dos santos do Altíssimo?

Profecia do Filho do homem.

Será messiânica esta profecia?

O reino messiânico.

O Messias.

Visão de um carneiro e de um bode.

Visitemos, de fuga, os dois principais castelos adventistas: as *profecias de Daniel* e as do *Apocalipse*.

São tantos e tão labirínticos os seus compartimentos, que mal teremos tempo para fixar-nos nas barbacãs donde espiam e asseteiam os contraditores do seu famoso *milénio*.

Comecemos pelo mais antigo.

A honra a quem é devida.

### **Visão de uma estátua de extraordinária grandeza**

Nabucodonosor, rei de Babilónia, no segundo ano do seu reinado, convocou todos os adivinhos, mágicos, encantadores e caldeus e disse-lhes (1):

---

(1) *Dan.* 2, 1-45.



— «*Eu tive um sonho e, confuso na minha idéia, não sei o que vi. O meu sonho fugiu-me da memória... Dizei-me, pois, o meu sonho e a sua significação*».

*Se mo não declarardes, todos morrereis.*

Responderam:

— «*Não há homem, ó rei, sôbre a terra, que possa cumprir o teu preceito*».

Desta vez foram verdadeiros e sinceros.

Os feiticeiros adivinham tudo o que lhes dizem.

Fora disso, calculam como qualquer mortal.

São hábeis *vigaristas* que extorquem os ingênuos e muitas vezes até os que riem das crenças católicas e blasonam de racionalistas.

Quando se trata da *religião católica*, confirmada por vinte séculos de maravilhas, são *racionalistas*.

Tratando-se porém de *superstições*, são *crendeiros* como os analfabetos e incivilizados.

«*Ouvindo isto o rei, todo enfurecido e cheio de grande ira, mandou que perecessem todos os sábios de Babilónia*».

Chamado o profeta Daniel, assim falou:

— Tu, ó rei, estavas olhando e parecia-te ver uma *estátua* de extraordinária altura e grandeza.

Estava em pé diante de ti.

A sua vista era espantosa.

A cabeça, de oiro finíssimo.

O peito e os braços, de prata.

O ventre e as coxas, de cobre.

As pernas, de ferro.

Os pés, parte de ferro e parte de barro.

«*Tu a estavas vendo atentamente, quando uma pedra se desprendeu de um monte e a feriu nos pés e os fez em pedaços*».

E ferro e barro e cobre e prata e oiro, tudo foi reduzido a pó e desapareceu a um tempo.



«Mas a pedra... fêz-se um grande monte que encheu tôda a terra».

Depois, o grande profeta passou à interpretação.

Explicou como na *estátua* estavam simbolizados quatro reinos, incluindo o de Babilónia, e certamente também as religiões que professavam: o politeísmo.

### — Que representa a pedra que tudo reduziu a pó?

— Segundo os *adventistas*, representa o *milénio*, o *reinado temporal de mil anos*, que Cristo inaugurará à sua segunda vinda.

Efectivamente é do *reino de Cristo* que se trata; não de *reino temporal*, mas *espiritual*; não de *reino venturo a coroar a época messiânica*, mas a *iniciá-la*.

«Nos dias *porém* daqueles reinos», — continua Daniel —, *suscitará o Deus do céu um reino que não será jamais dissipado e este reino não passará a outro povo; antes esmigalhará e consumirá todos estes reinos e ele mesmo subsistirá para sempre*».

Os quatro reinos ou impérios já vieram, já baquearam, já passaram; já vieram, já baquearam, já passaram o império caldeu, o medo-persa, o de Alexandre, o reino dos Selêucidas.

Portanto já veio e perdura, — porque *subsistirá para sempre* —, o *reino suscitado pelo Deus do céu*; já veio há quasi dois milénios.

## O quinto império

O *quinto império* que o Deus do céu suscitará nos dias dos quatro precedentes, que não passará a outro povo, que não será jamais destruído, que destruirá e reduzirá a pó todos os outros reinos e que subsistirá



eternamente, simbolizado na *pedra que se fez um grande monte e encheu toda a terra* <sup>(1)</sup>, no *pequenino rebanho ao qual o Pai deu o reino* <sup>(2)</sup>, no *grão de mostarda que se tornou árvore frondosa* <sup>(3)</sup>, no *fermento que levedou toda a massa* <sup>(4)</sup>, não é o milénio adventista, nem o reinado do protestantismo, espiritismo, teosofismo, hermetismo, maçonismo, rotarismo ou de qualquer outro sectarismo.

*É a Igreja de S. Pedro, a Igreja Católica, Apostólica, Romana: verdadeiro reino de Deus; é o Império do Evangelho, da civilização cristã, Império espiritual, que triunfou dos antigos impérios religiosos e políticos.*

*O Evangelho triunfante reveste a forma de reino espiritual indestrutível suscitado por Deus.*

Dêle disse o Precursor às margens do Jordão: «*Está próximo o reino dos céus*» <sup>(5)</sup>.

E S. Marcos <sup>(6)</sup>: «*Veio Jesus para a Galileia, pregando o Evangelho do reino de Deus... o tempo está cumprido, aproximou-se o reino de Deus, fazei penitência, crêde no Evangelho*».

*Jesus Cristo afirma não somente que está próximo* <sup>(7)</sup>, *mas que já veio* <sup>(8)</sup>, *que está entre nós* <sup>(9)</sup>, *que a sua missão é evangelizá-lo* <sup>(10)</sup>, *que se entra nêlo pelo baptismo* <sup>(11)</sup>; *confiou a missão de o pregar aos Apóstolos* <sup>(12)</sup>, *enviou-os a difundi-lo, a estabelecê-lo em todo o mundo* <sup>(13)</sup>.

Falando dos seus milagres, disse: «*Mas, se pelo*

---

(1) Dan. 2, 44, 34.

(2) Lc. 12, 32.

(3) Mt. 13, 31-32; Mrc. 4, 30-32.

(4) Mt. 13, 33.

(5) Mt. 1, 14-15.

(6) Mrc. 1, 14-15.

(7) Mt. 4, 17.

(8) Mt. 12, 28.

(9) Lc. 17, 21.

(10) Lc. 4, 43.

(11) Jo. 3, 5.

(12) Jo. 20, 21.

(13) Mrc. 16, 15; Mt. 28, 18-20.



*dedo de Deus lanço fora os demónios, é certo que chegou a vós o reino de Deus* <sup>(1)</sup>.

E ainda: «*Está a chegar a vós o reino de Deus*» <sup>(2)</sup>.

Isto disse no comêço da sua prègação.

E chamou à sua Igreja «*reino dos céus*».

Senão, é ver as *parábolas* em que a descreve <sup>(3)</sup>.

\*

Como ousais pois, ó *adventistas*, vir dizer-nos a última hora que o *reino de Deus ainda não veio, ainda não principiou*, contando êle já quási 2.000 anos?

Com que autoridade contraditais êstes e muitos outros textos da Bíblia?

Ah, tende-la na bôca, mas não a tendes no coração!

De facto, para vós, a não ser que a boa fé vos excuse, o *reino de Deus, o reino de Cristo*, ainda não veio; não lhe pertenceis; estais fora da sua verdadeira Igreja!

Entrai! entrai nela!

E se dela saístes *inconsideradamente, iludidamente, suggestionadamente*, reentrai e lançai-vos contritos em seus carinhosos braços de mãe: a *santa Igreja católica, apostólica, romana*, a mãe que Jesus Cristo deixou ao mundo para o fazer renascer para a vida sobrenatural da graça e o tornar merecedor e digno da vida da glória!

Sem isso não obtereis nem uma nem outra.

\*

A *pedra* já rolou... Rolou à *primeira vinda de*

---

(1) Lc. 11, 20.

(2) Lc. 10, 11.

(3) Mt. 13, 24-47; 18, 23; 20, 1; 22, 2; 25, 1.



*Cristo; rolou e abateu o politeísmo: o Evangelho, a Doutrina de Cristo deu-lhe o golpe mortal.*

As antigas civilizações — babilónica, persa, grega e romana —, sucedeu o reino de Cristo, a civilização cristã.

— *Quanto tempo durará a civilização cristã?*

Vejo por aí tanto pavor de que o bolchevismo, o judaísmo, o nazismo, a maçonaria, etc., a destruam?

— Destruir muitas de suas obras, sim.

Destruí-la regionalmente, também sim.

Destruí-la mundialmente, universalmente, oh não! nunca!

Não disse Daniel que o *reino de Deus não será jamais dissipado? que subsistirá para sempre?*

E o arcanjo Gabriel à Virgem de Nazaré que o «*reino do Filho do Altíssimo não teria fim*» (1)?

E o próprio Jesus Cristo que «*as portas do inferno não prevaleceriam contra a sua Igreja*» (2)?

A civilização que Jesus Cristo trouxe à terra não passará (3); defendamo-la porém como se pudesse passar.

*Este é o nosso sagrado dever.*

Isaías predisse do Messias: «*Ele não quebrará a cana rachada, nem apagará a torcida que ainda fuma*» (4).

Efectivamente, a vitória de Jesus sobre os referidos impérios foi de *ordem espiritual*.

O seu *reino não é dêste mundo*, como Ele mesmo afirmou a Pilatos (5); não é um reino ao modo humano: é um reino inteiramente divino.

\*

---

(1) *Lc. 1, 32.*

(2) *Mt. 16, 18.*

(3) *Mt. 24, 35; Mrc. 13, 31; Lc. 21, 33.*

(4) *Isai. 42, 3; Mt. 12, 20.*

(5) *Jo. 18, 36.*



Como os homens são!

*Jesus Cristo a dizer a Pilatos que era rei, que tinha um reino, mas que o seu reino não era dêste mundo*, isto é: que não vinha reinar nêle à maneira dos homens; e os *adventistas* pretendem por fôrça que seja, que volte ao mundo a despedaçar cetros, a pulverizar diademas, a reinar, em suma, como um César, um Napoleão, um Hitler.

Pensarão êles que com a sua pertinácia obrigarão Jesus Cristo a fundá-lo?

Jesus Cristo *voltará*, mas *não a estabelecer o seu reino*. Há muito já o estabeleceu, com solene promessa de perpétua perenidade.

*Voltará a pedir severas contas ao mundo de como aproveitou a sua primeira vinda e as instituições que sôbre a terra deixou.*

Voltará, não a esmagar os seus inimigos sôbre a terra ou nas alturas; voltará, sim, a julgar os vivos e os mortos, os bons e os maus, a dar a cada um o prêmio ou o castigo que houver merecido, e a reinar para sempre com os justos no seu reino e de seu Pai: o paraíso (1).

Deus não carece do antigo *milénio judaico-cristão*, ressuscitado pelos *adventistas*, nem para manifestar o seu poder e glória, nem para punir os seus inimigos, nem para premiar os seus fiéis amigos.

A vida futura é prêmio ou castigo bastante da presente.

O tempo na actual economia, rigorosamente falando, não é nem de prêmio, nem de castigo: é de prova, porque é de misericórdia. O próprio castigo toma essa feição.

Daqui o dizer o Senhor expressamente na Bíblia sagrada: «*Eu aos que amo repreendo e castigo*» (2).

(1) Mt. 25, 34.

(2) Apc. 3, 19.



Repreende e castiga na vida presente, para que nos convertamos e assim possa premiar-nos na futura.

\*

Sim! *a pedra já rolou...*

Rolou à primeira vinda de Cristo e abateu o politeísmo.

Rolou e continua a rolar e a abater tôdas as here-sias.

Rolou e *«fêz-se um grande monte que encheu tô-da a terra»*, acrescenta o profeta.

Ela simboliza, como se disse, o reino de Deus, o reino de Cristo, a Igreja Católica, que Ele fundou, e que destruiu o politeísmo, as falsas religiões e se foi difundindo até que encheu tôda a terra.

Aonde não chegou ela, ao menos com sua influência?

Evidentemente tem cumprido com inteira fidelidade através dos vinte séculos que já conta o solene mandado que recebeu do seu divino Fundador: *«Ide pelo mundo todo e prègai o meu Evangelho a tôda a criatura»* (1).

Ela aí está em plena e mundial actividade como argumento irrefutável desta indesmentível afirmativa.

## **Visão de quatro feras pavorosas**

Reinando em Babilónia o ímpio Baltasar, viu Daniel quatro Bêstas medonhas, pavorosas.

Subiam do mar.

A primeira era como *«uma leoa e tinha asas de águia»*.

---

(1) *Mrc.* 16, 15.



A segunda «assemelhava-se a um urso e tinha três ordens de dentes na bôca».

A terceira «era como um leopardo e tinha... quatro asas e quatro cabeças».

A quarta «era terrível e espantosa e sobremaneira forte; tinha uns grandes dentes de ferro, comendo com êles e fazendo tudo em miúdos pedaços e pisando aos seus pés o que sobejava... e tinha dez chifres...

Vi outro pequenino chifre que nascia do meio dêles... e nêle havia uns olhos como olhos de homem e uma bôca que falava com insolência... e se fêz maior do que os outros... e fazia guerra contra os santos e podia mais do que êles...

«Falará insolentemente contra o Excelso e atropelará os santos do Altíssimo e imaginará de si que pode mudar os tempos e as leis, e os santos lhe serão entregues nas suas mãos até um tempo e dois tempos e metade de um tempo.

Mas depois se assentará o juízo, a fim de que lhe seja tirado o poder e êle seja inteiramente desfeito e pereça para sempre.

E ao mesmo tempo se dê o poder e a grandeza do reino que está debaixo de todo o céu ao povo dos santos do Altíssimo, cujo reino é um reino eterno e ao qual servirão e obedecerão todos os reis» (1).

Diz ainda o profeta que a Bêsta de dez chifres foi morta, que o seu corpo pereceu e foi entregue ao fogo para ser queimado; que o chavelhinho-chavelhão, que vencera os dez reis representados nos dez chifres, foi por fim também vencido, julgado, destronado, aniquilado.

Continuo a resumir o profeta.

«Aquelas visões lançaram-me na perturbação.

Cheguei-me a um dos que estavam presentes e perguntei-lhe a verdade de tôdas estas coisas.

(1) Dan. c. 7.



*Ele disse-me:*

*Aquelas quatro grandes bēstas sō quatro reinos que se elevarão sōbre os povos da terra e se destruirão sucesivamente uns aos outros.*

*Porēm os santos do Deus Altíssimo entrarão na posse do reino do céu e aí reinarão até o fim dos séculos.*

*A quarta bēsta é o quarto reino que dominará sōbre a terra; e será maior que todos outros reinos: devorará tōda a terra, a pisará aos pés e a reduzirá a pó.*

*As dez pontas sō dez reis que reinarão.*

*Levantar-se-á depois dēles outro, que será mais poderoso que os precedentes e abaterá três reis.*

*Falará insolentemente contra o Altíssimo», etc., como acima.*

\*

Os *hebreus* e *adventistas* citam abusivamente a favor do seu decantado *milénio*, do *reino temporal de Cristo*, estas palavras da profecia:

*«O império de tudo o que há debaixo do céu será dado ao povo dos santos».*

O que se promete aqui aos santos é um reino puramente *espiritual*, «porque os santos ainda neste mundo reinam com Cristo, vivendo na santa Igreja, que é o seu reino».

### **— E quem é o povo dos santos do Altíssimo**

a quem será dado o reino eterno e o poder e a grandeza, e ao qual servirão e obedecerão todos os reis?

— É sem dúvida a *Igreja Católica*, este *reino de ordem espiritual* que Jesus Cristo veio fundar e estabelecer sōbre a terra e que tanta, tão profunda e trans-



formadora influência tem exercido, exerce e exercerá até à consumação do século na *ordem temporal*.

Desde que Jesus Cristo o implantou no mundo, quem se furtou jamais ao seu calor, à salutar influência de sua doutrina e instituições? (1).

Que vício, que injustiça, que abuso, não condena?

Que virtude não ensina, não prega, não fomenta, não louva, não beatifica, não canoniza?

Que sorte de bem não promove? Que precisão não socorre?

Que desdita não consola? De que infortúnio, infelicidade, miséria, se não compadece?

Que instituições benfazejas há no mundo que directa ou indirectamente não provenham dela? que por ela, pela sua doutrina, que é a doutrina de Jesus Cristo, não tenham sido inspiradas?

O seu estabelecimento é lento, sucessivo; mas, aonde chega, reina, impera; reina e impera tanto mais quanto mais regado é, com o sangue de seus soldados, o solo de suas conquistas.

Sangue de mártires foi sempre semente de cristãos (2).

Jesus Cristo argamassou a primeira pedra do seu reino, — a sua Igreja —, com o seu próprio sangue e com o sangue de seus discípulos o foi e vai difundindo. Venceu, morrendo e ressuscitando; e morrendo e ressuscitando sempre, isto é, combatendo sempre e imolando os seus filhos, continuará a sua Igreja a vencer.

\*

Jesus Cristo é Rei, Rei pacífico: «*Rex pacificus*»; mas invencível e imortal. Não terá sucessor: nem o

---

(1) *Slm.* 18, 7.

(2) *Tertul.*



cetro de sua realza passará a outra mão, nem o seu reino a outro povo.

Em vão se esforçam tôdas as potestades do inferno, todos os poderes civis e morais da terra, os heresiarcas, hereges e cismáticos de tôdas as côres e raças e línguas e nações e sistemas, para o exterminar da face da terra.

«*Non praevalébunt*»: Não o conseguirão (1).

Nem Jesus Cristo será vencido, nem o seu reino terá fim (2).

Quantos séculos de lutas, tantos séculos de vitórias e derrotas: de vitórias de Cristo e sua Igreja; de derrotas de seus inimigos e perseguidores.

Cristo não foi vencido ao ser pregado na cruz.

Como o será depois de haver ressuscitado glorioso e imortal do sepulcro?

Os inimigos da Igreja não conseguiram matá-la à nascença; como hão-de consegui-lo quando ela se encontra na plenitude da vida?

Foi dito pelo Céu: «*A nenhum outro povo cederá o seu império o povo dos santos do Altíssimo*».

Há-de cumprir-se.

Tombam, morrem os perseguidores do reino de Cristo, de sua Igreja.

Só ela não tomba, só ela não morre; só ela fica de pé, para assistir-lhes aos funerais.

Como o domínio do reino de Cristo é de ordem espiritual, lembrem-se todos os seus inimigos, domésticos e estranhos, de todo o género e espécie, *adventistas e não adventistas*, de que em vão se esforçam por usurpar-lho.

O seu diadema não passará a outra cabeça, nem o seu cetro a outra mão.

O que o Céu uma vez escreveu, para sempre fica

---

(1) Mt. 16, 18.

(2) Lc. 1, 33.



escrito, e Ele escreveu, como se disse e repetiu: «*Nenhum outro povo cederá o seu império o povo dos santos do Altíssimo*».

Como ouvimos da boca do mesmo profeta, as quatro bestas medonhas, pavorosas, de fazerem fugir os vales para os montes e os montes para as campinas, representavam os quatro reinos ou impérios referidos: Caldeu, Medo-Persa, o de Alexandre e o dos Selêucidas, seus sucessores.

— E o *chavelhinho-chavelhão* que, apesar de tão valente e poderoso, foi por último também vencido?

— A Igreja Católica, pôsto que única, como disse e redisse, que recebeu de Jesus Cristo a *inteligência das Escrituras* <sup>(1)</sup> tem oficialmente guardado silêncio àcerca do *verdadeiro sentido destas profecias*.

Aproveito a oportunidade para lembrar que é preciso *não confundir opiniões de homens da Igreja com decisões da Igreja*.

Quanto pois aos intérpretes ou expositores da Bíblia, diversamente têm opinado àcerca do *chavelhinho-chavelhão*: uns, que representava o Anti-Cristo; outros, que Napoleão I; êstes, que Napoleão III; aquêles, que Bismarque; aqueloutros, que Juliano Apóstata, etc., etc.

Hoje, mais comumente e até com tãda a probabilidade, se crê que representava Antíoco IV Epífanes.

— As palavras «*um tempo, dois tempos e meio-tempo*» equivalem a três anos e meio: a duração da perseguição de Antíoco IV Epífanes.

Para os *adventistas*, o *chavelhinho-chavelhão* representa a Igreja Católica, o Papismo.

— Mas isso, dirá o leitor, é uma ousadia monstruosa, um arrôjo insultuoso, um atrevimento inqualificável!

Então a Igreja Romana, o Papismo, como dizem,

(1) Jo. 24, 45.



que tem combatido, durante vinte séculos, e imolado seus filhos por amor de Cristo, pelo seu Evangelho, i. é, por sua doutrina dogmática, moral e litúrgica, é que é o *chavelhinho-chavelhão* que, segundo o profeta, perseguiria os santos do Altíssimo e falaria contra o Excelso?»

— Então que quere? Mas isto não merece discussão. Não ousou escrever o que merece.

É o cúmulo do insulto.

Quanto Deus sofre aos homens!

É paciente, porque é eterno, diz Santo Agostinho.

«Não quere a morte do pecador; quere que elle se converta e viva» (1).

A sua misericórdia não se cansa de esperar, para que fique plenamente justificada a sua justiça.

## A profecia do «Filho do homem»

«Eis que vi um como o Filho do homem, que vinha com as nuvens do céu e que chegou até o Antigo dos dias... E Ele lhe deu o poder e a honra e o reino: e todos os povos, tôdas as tribos e tôdas as línguas o servirão: o seu poder é um poder eterno, que lhe não será tirado: e o seu reino tal, que não será jamais corrompido (2)... Mas os santos do Deus Altíssimo receberão o reino: e entrarão na posse do mesmo reino até o fim dos séculos e por todos os séculos dos séculos» (3).

\*

Antes de mais nada. Não sentenciamos; preguntamos:

---

(1) Ezeq. 33, 11.

(2) Dan. 7, 13-14; Miq. 4,7; Luc. 1, 32.

(3) Dan. 7, 18.



Por que se não há-de referir a expressão «*por todos os séculos*» ao *reino terrestre* de Cristo: a sua Igreja, que *há-de durar*, como está dito e redito, «*até à consumação dos séculos*» (1); e a expressão: «*e por todos os séculos dos séculos*» ao *milénio eterno da glória*?

\*

A expressão «*Filho do homem*» é simbólica, como simbólicos são os *quatro animais*.

Não designa determinadamente uma pessoa especial, indivídua; mas o mesmo «*povo dos santos do Altíssimo*».

Assim como os *quatro animais* designam *primariamente* quatro reinos: o império babilónico ou caldaico, medo-persa, macedónico e sírico; e *secundariamente* os seus reis: Nabucodonosor, Ciro, Alexandre e Antíoco Epífanes; assim também a expressão «*Filho do homem*» significa *primariamente* «*o reino dos santos de Deus*».

Por isso nos vv. 18, 21, 22, 27 já se não fala senão dos «*santos do Altíssimo que devem receber o reino*»: *Os santos do Altíssimo recebem o reino sempiterno* (2).

«*Os santos do Excelso, terminadas as tribulações, obterão o reino por intervento da graça de Deus*» (3).

O profeta conclui a visão:

«*Dê-se o reino ao povo dos santos do Altíssimo, reino sempiterno e universal, ao qual servirão todos os reis*» (4).

Assim, o povo, terminadas as perseguições e obtida a vitória, é levado simbolicamente junto do trono

(1) Mt. 28, 20.

(2) Dan. 7, 18.

(3) Dan. 7, 21-22.

(4) Dan. 7, 27.



de Deus a receber o prêmio da vitória, que é o mesmo «reino universal e sempiterno».

Este reino é o reino dos céus, o mesmo reino de Deus.

## **E será messiânica esta profecia?**

Para os exegetas, não há dúvida de que o seja, mesmo no sentido literal, porque o reino transcendental, universal e sempiterno, que se anuncia, só pode ser o do Messias.

A dúvida é, se além de significar o *reino*, significa também o «Rei».

Afirmam-no:

a. *A tradição judaica*, desde os primeiros séculos do cristianismo.

Citemos apenas um rabino, falecido em 942, Sa'adja:

Escreve: «*Iste est Messias, justificatio nostra et nubes sunt angeli in adventu Messiae*»: Este é o Messias, nossa justificação, e as nuvens são os anjos que o hão-de acompanhar no seu advento».

b. *A primitiva tradição cristã*.

c. *A tradição cristã posterior*: S. Justino, Santo Ireneu, Tertuliano, S. Jerónimo, S. Crisóstomo, Eusébio, etc.

d. *A razão*: Jesus Cristo assumiu, como próprio, o título de *Filho do homem*» (1).

Anunciou o seu *segundo advento* por estas palavras: «*Verão o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade*» (2).

Ao afirmar a sua divindade perante o sumo sacer-

(1) Mt. 9, 6; 10, 23; 12, 8, 32, 40; 13, 37, 41; 16, 27; 24, 27, 30, 37, 39; 25, 31; 26, 2, 24; Mrc. 2, 28; 10, 45. Lc. 6, 22; 7, 34; 9, 22; 18, 8; 19, 10. Jo. 12, 23.

(2) Mt. 24, 30.



dote Caifás; disse: «Eu vos declaro que vereis o Filho do homem assentado à direita do poder de Deus e vir sobre as nuvens do céu» (1).

«Filho do homem» é pois uma expressão que simboliza o reino messiânico e o Messias.

## O reino messiânico

### *Reino universal:*

Começará junto do mar de Galiléia e será difundido até os confins da terra e lhe estarão sujeitos todos os povos e reis. A êle são chamados não somente os judeus, mas também os gentios, todos os homens de boa vontade.

### *Reino sempiterno:*

Estender-se-á a todos os tempos.

### *Reino transcendental:*

Superior a todos outros reinos e directa e imediatamente instituído por Deus.

### *Reino espiritual:*

Reino puro, onde nada manchado será admitido. Somente os santos de Deus, i. é: os que lhe prestam culto com piedade e fidelidade pertencerão a êle (2).

### *Reino de justiça:*

Nêle todos, pobres e ricos, serão julgados segundo as mesmas leis de perfeita equidade.

### *Reino de paz:*

Dêle serão exterminados todos instrumentos de guerra.

Este reino, sublime, sobrenatural, divino, não se estabelecerá sem grandes dificuldades.

---

(1) Mt. 26, 64.

(2) Cf. Dan. cc. 2, 7 e 8.



## O Messias

Será denominado «*Admirabilis, Consiliarius, Deus fortis, Pater sempiternus, Princeps pacis*».

Será *Rei e Sacerdote*: *Rei* justo, pacífico, universal, espiritual; *Sacerdote*, não segundo a ordem de Aarão, cujo sacerdócio era imperfeito e carnal, mas segundo a ordem de Melquisedeque, cujo sacerdócio é espiritual, perfeito, eterno, e ao qual serão chamados os homens por especial vocação de Deus.

Será o *Mediador da nova aliança* entre Deus e os homens; *aliança espiritual e sempiterna*, por cuja virtude os fiéis constituirão o povo de Deus para sempre.

Será o *Libertador* do género humano, *libertador do pecado*.

Libertará portanto os homens do poder do Diabo e para o realizar tomará sobre si as iniquidades do seu povo.

Será pois humilhado, dilacerado de injúrias e desprezos, inocentemente condenado e sem defensor.

Será abandonado dos seus, como se fôra um ímpio e desprezado pelo povo.

Morrerá para expiar os pecados de todo o género humano.

Mas a sua morte não será perpétua, porque *resurgirá do sepulcro* e sua geração será longa e numerosa: pertencer-lhe-ão todos os que forem justificados por seu voluntário sacrifício.

Será pois *vitorioso sobre todos os seus inimigos* e definitivamente vitorioso e por isso se conservará eternamente sentado à direita de Deus.

Eis como os profetas do A. Testamento nos apresentam o *Messias* e o seu reino.

Em que favorecem êles o Adventismo?



## Visão de um carneiro e de um bode

Servem-se ainda os adventistas desta profecia de Daniel para insultar a Igreja Romana e por isso passo a resumi-la e a comentá-la.

*«No terceiro ano do reinado do rei Baltasar... vi um carneiro que... tinha as pontas elevadas, e uma mais que outra, e crescia pouco a pouco... Dava mar-  
radas contra o ocidente, contra o norte e contra o me-  
ridiano.*

*Era tão valente que nenhuma outra bêsta lhe po-  
dia resistir nem livrar-se d'êlc.*

*De maneira que fêz tudo quanto quis e veio a ser  
muito poderoso.*

*Mas eis que um bode, de poderosa arma enraiza-  
da no centro da testa, vindo do ocidente, correu para  
o carneiro com todo o ímpeto de sua força e quando  
chegou a êle o acometeu com fúria e o passou a gol-  
pes; quebrou-lhe as duas armas, prostrou-o por terra  
e calcou-o aos pés.*

*Depois o bode fêz-se extraordinariamente grande.*

*Um dia porém quebrou-se-lhe a sua grande pon-  
ta e por baixo dela formaram-se quatro mais pequenas  
apontadas aos quatro ventos do mundo.*

*Em dado momento, desprende-se de uma destas  
quatro pontas um pequeno pedaço, que foi crescen-  
do, crescendo até se tornar enormemente grande, tão  
grande que afrontou com tôda a fortaleza da terra e até  
dos céus, suprimiu o sacrificio perpétuo, pisou aos pés  
o santuário e lançou por terra a verdade.*

*Uma voz perguntou: Até quando durará esta deso-  
lação?*

*Quando será purificado o santuário?*

*Outra voz respondeu: Até 2.300 dias, compostos  
de tarde e de manhã.*



Quando eu, Daniel, tinha esta visão e buscava a inteligência dela, se apresentou diante de mim um anjo, em figura de homem, o qual clamou e disse: Gabriel, faz-lhe entender a visão.

Ele chegou e disse:

O carneiro que viste é o rei dos persas e dos medos.

O bode é o rei dos gregos.

A grande ponta que tinha entre os dois olhos é o primeiro dos seus reis.

As quatro pontas, que se levantaram depois que a primeira se quebrou, são os quatro reis que se elevarão da sua nação, mas não com a sua força e poder.

Depois do seu reinado, levantar-se-á um rei impudente que se servirá de toda a subtileza do seu engenho para executar os seus maus desígnios e sair bem deles.

Conduzirá com sucesso todos os seus artifícios e enganar-se-á.

Matará, conforme lhe parecer, aos mais fortes e ao povo dos santos.

Levantar-se-á contra o mesmo Deus, que é o Príncipe dos Príncipes, e será enfim reduzido a pó, sem que a mão dos homens nisto tenha alguma parte.

A visão é verdadeira e acontecerá infalivelmente.

Põe-lhe, pois, o sêlo, a fim de a conservar para a posteridade, porque não acontecerá senão depois de muitos dias» (1).

— Que tiram a limpo os adventistas desta profecia de Daniel? — perguntará o leitor.

— Que tiram? Nada. Que hão-de tirar? Mas pretendem tirar muito: nada mais e nada menos que o princípio e o fim da supremacia papal, a segunda vinda de Cristo e o comêço do seu reino: «o milénio».

(1) Dan. c. 8.



Tantas e tais voltas dão aos 2.300 dias; tantos e tais jogos malabares fazem com êles, que os transformam em anos e nos saem com estas decifrações: *a supremacia do Papa de Roma começou no ano 509 de Cristo e terminará com o início do «milénio», em 1843.*

Dizem ainda alguns que o reinado do Anti-Cristo ou do Papismo foi de ordem espiritual e de ordem temporal: o de ordem espiritual durou 1260 anos e o de ordem temporal, 606; que o reinado espiritual do Papismo começou em 533 e que devia terminar em 1793, nos dias lutosos da *Revolução Francesa*; que o seu governo seria despótico, cruel; e que depois viria o fim do mundo.

\*

Os adventistas sabem tudo, sabem até o que os anjos do céu ignoram; sabem o que, segundo Jesus Cristo, é segredo exclusivo do Pai <sup>(1)</sup>: *a data do fim do mundo.*

Aplicam à *segunda vinda de Cristo* muitos textos bíblicos, tirados de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas, que se referem à *primeira*, ao começo do seu reinado espiritual sobre a terra <sup>(2)</sup>; e ao fim do mundo outros que se referem à *hora da morte*, tirados de S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. Pedro <sup>(3)</sup>.

Era já crença judaica que o fim do mundo seria a consumação final do reino de Deus estabelecido sobre a terra, por isso diz que *está a começar...*, que muitos o *hão-de ver* <sup>(4)</sup>.

Na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém já o povo cantava: *«Bendito seja o que vem em nome do*

(1) Mt. 24, 36.

(2) Mt. 16, 28; 24, 42; 25, 30-46. Mrc. 13, 33, 37. Lc. 31, 34-38.

(3) Mt. 24, 42-44. Mrc. 13, 33-37. Lc. 21, 34-36. I Petr. 4, 7; 2 Petr. 3, 1-12.

(4) Mrc. 8, 39; Lc. 9, 27.



*Senhor; bendito seja o reino de nosso Pai David que vemos chegar; hosana nas alturas»* (1).

E este *reino de David não terá fim* (2).

Israel, primitivo povo de Deus, depois povo deificada, que tentou opor-se ao estabelecimento do reino do Messias, foi disperso, destruído como nação e substituído pelo povo cristão, pelo *povo dos santos do Altíssimo*, pela Igreja católica, *reino universal de Cristo* (3).

Não se trata, pois, nos textos que costumam aduzir para provar a *apostasia do Papismo*, como dizem, do *fim do mundo*; trata-se de *Jesus já vindo* e manifestando-se neste seu reino, a Igreja; trata-se da *destruição e dispersão do povo judeu*.

Pôsto que tenhamos apreciado já o espírito profético de Mr. W. Miller e seus adeptos, preguntamos uma vez mais, sem promessa de que seja a última: com que autoridade transformam os srs. *adventistas* os 2.300 dias proféticos em 2.300 anos, para deduzirem dêles conseqüências que são outras tantas heresias sem nome, inconcebíveis despautérios, insultos e erros contrários à razão, à história, à hermenêutica, aos mais rudimentares princípios da boa educação e à Bíblia sagrada, cuja integridade e literal sentido tanto se pavoneiam de defender?

Repetimos já muitas vezes e repetiremos sempre: só reconhecemos autoridade para interpretar as «*Escrituras*» a quem recebeu a «*inteligência*» delas: a Igreja docente: os *Apóstolos e seus legítimos sucessores* (4).

\*

Os exegetas católicos trabalham adentro dos prin-

(1) *Mt.* 21, 9; *Mrc.* 11, 10; *Jo.* 12, 13.

(2) *2 Reis*, 7, 12-16; *Miq.* 4, 7; *Dan.* 7, 14; *Lc.* 1, 32.

(3) *Lc.* 21, 28-35.

(4) *Jo.* 24, 45.



cípios por Ela estabelecidos, adentro das verdades dogmáticas, morais e litúrgicas por Ela propostas à crença do género humano, de que é *Mestra por direito divino*: «*Docete omnes gentes: Ensinai tôdas as gentes*» (1).

Por isso, se alguma de suas opiniões é rejeitada, condenada pela Igreja, têm a certeza divina de que erraram, porque têm a certeza divina de que, em tais matérias, a Igreja acerta sempre, nem pode não acertar.

Ai de nós, se Ela pudesse errar!

Não teríamos nunca a certeza de possuir a verdade.

Andaríamos, como os *protestantes*, a inventar seitas hoje, para as deixar amanhã.

A verdade não se opõe à verdade.

«*Só Jesus Cristo tem palavras de vida eterna*» (2) e Ele deixou-as em testamento à sua Igreja, aos Apóstolos e seus legítimos sucessores (3). É sua universal herdeira.

\*

Segundo pois os exegetas católicos, esta profecia de Daniel, as lutas entre o *carneiro* e o *bode* e sua respectiva descendência, suas vitórias e derrotas, representam e preanunciam os factos políticos e religiosos que haviam de preceder a *primeira vinda do Messias* e nada têm que ver com a *segunda*.

Isto mesmo explicou o anjo Gabriel ao Profeta, como pode ver-se não só neste *capítulo oitavo*, mas nos *quatro seguintes*.

O *carneiro* representa Dario Codomano, último rei dos persas e medos, e o *bode* Alexandre Magno, primeiro rei dos gregos, como êstes representam os seus respectivos impérios.

---

(1) *Mt.* 28, 19.

(2) *Jo.* 6, 69.

(3) *Lc.* 10, 16.



As quatro armas que depois nasceram ao *bode* representam os quatro capitães de Alexandre Magno que, à sua morte, dividiram entre si o império: Ptolomeu, Antípatro, Seleuco Nicanor e Antígono.

A *pequena ponta*, que procedeu de uma das *quatro*, representa Antíoco Epífanes, filho de Antíoco, o Grande, que conquistou o Egito, a Pérsia e a Judeia, denominada «a terra da fortaleza», por ter a Deus por «defensor».

Foi êle que proíbiu aos judeus, sob pena de morte, a celebração do sacrifício e a observância das leis pátrias; roubou o Templo, profanou-o e colocou nêle a estátua de Júpiter Olímpico (1).

Contando pela era dos Selêucidas, Antíoco Epífanes entrou em Jerusalém no ano 143; profanou o Templo no ano seguinte, em Dezembro de 144; e o Templo foi purificado por Judas Macabeu em Dezembro de 147 (2).

Ora os 2.300 dias proféticos, «*compostos da tarde e da manhã*», tomando por unidade cada um dos sacrificios quotidianos, perfazem 1.150 dias, — 3 anos e 3 meses lunares aproximadamente, — tempo que durou a supressão do sacrifício quotidiano no templo de Jerusalém.

---

(1) 1 Mac. 1, 47-52.

(2) 1 Mac. c. 4, 52-57.



## X

Abuso do Apocalipse.  
O dogma católico da segunda vinda de Cristo.  
O Apocalipse.  
Expressões a esclarecer e a fixar.  
O Cordeiro.  
Rompimento dos selos.  
Comentário.  
Quem é o Cavaleiro do cavalo branco?  
A Mulher vestida de sol.

### Abuso do Apocalipse

Muito se tem abusado e abusa do Apocalipse.

Jesus, ao deixar a terra, disse a seus discípulos que voltaria (1).

No momento solene do seu iníquo julgamento, perante o Sinédrio, — o supremo tribunal do seu país —, dissera formalmente ao Príncipe dos sacerdotes de Israel, Caifás:

*«Eu vos declaro que vereis daqui a pouco o Filho do Homem assentado à direita do poder de Deus e vir sobre as nuvens do céu»* (2).

Não disse porém o dia nem a hora em que voltaria.

Limitou-se a preveni-los de que viria de improviso como o ladrão, para que estivessem atentos (3).

---

(1) Jo. 14, 28; Mt. 10, 23; Mrc. 13, 26; Mt. 24, 30; etc..

(2) Mt. 26, 64.

(3) Lc. 12, 39-40; Mt. 24, 42-44; Mrc. 13, 35-37.



Recomendou-lhes que vigiassem e orassem, porque o Diabo pretendia joeirá-los como trigo, mas declarando a Simão Pedro que *tinha orado por elle* <sup>(1)</sup>; e a todos que não temessem, porque *elle tinha vencido o mundo* <sup>(2)</sup>.

Impacientes de ver o mundo transformado em reino de Deus, eivados das idéias judaicas, puseram-se desde logo a interpretar as promessas do Senhor na expectativa de sua *vinda iminente, immediata*.

A luta entre o paganismo e o cristianismo era tremenda.

## O dogma católico da segunda vinda de Cristo

A Igreja católica jamais duvidou do *segundo advento* de Cristo.

Ao contrário: crê, ensina e manda crer; sempre creu, ensinou e incluiu no seu *credo*, como *artigo de fé*, que Jesus Cristo há-de voltar, — não a destruir fisicamente os seus inimigos de todos os tempos, nem a resuscitar apenas os justos, especialmente os mártires de todos os séculos, para reinar com êles triunfalmente durante *mil anos sôbre a terra* ou nas *regiões aéreas*, como qualquer Salomão pacífico, fazendo prevalecer no mundo a justiça e a paz —; mas que há-de voltar *invisivelmente* a julgar cada homem em particular, à sua passagem do tempo à eternidade; e *visivelmente*, como partiu, com tôda a sua majestade e glória, a julgar os vivos e os mortos, isto é: os *bons* e os *maus*.

Não sei, pois, para que se extenuam os *adventistas* em o demonstrar.

Verdadeira e inútil redundância!

---

(1) *Lc.* 22, 21-32.

(2) *Jo.* 16, 33.



## Incoerência adventista

Os *protestantes*, e nomeadamente os *adventistas*, rejeitam ou calam de pensado os lugares bíblicos claríssimos e dão-se a interpretar os obscuros e misteriosos.

Não acreditam na interpretação autêntica e oficial da Igreja, quando acontece havê-la, que para tanto recebeu de Jesus Cristo «a *inteligência das Escrituras*» (1), e pretendem que acreditemos na sua.

Com que direito e por que motivo?

É evidente que nenhum direito lhes assiste.

Quanto a motivo, buscam e rebuscam subterfúgios para se furtarem ao cumprimento da religião como Jesus Cristo a instituiu; procuram justificar o seu procedimento, pondo-nos pó nos olhos e embaraçando os católicos menos habituados ao malabarismo de suas citações bíblicas.

Chamam-nos para um labirinto, cujas entradas e saídas parece serem segredo exclusivamente seu. Pelo menos disso se pavoneiam.

Quanto a mim, sinceramente confesso ao leitor que se o argumento me não constranger a discretear acerca do Apocalipse, nunca a tal me abalançaria.

Tudo nêle é difícil de entender, tão difícil que nenhum dos muitos exegetas católicos presume havê-lo interpretado e comentado acertada e completamente.

«Cada palavra, cada mistério... Cada palavra encerra em si muitos sentidos», escreveu S. Jerónimo (2).

## O Apocalipse (3)

— Mas, — perguntará o leitor —, que é afinal o Apocalipse?

(1) Jo. 24, 45.

(2) Epist. 53 ad Paulin.

(3) Cf. Le P. F. B. Allo. O. P.: «L'Apocalypse» donde resumimos este nosso trabalho.



— É a revelação que Jesus Cristo fez de si mesmo aos homens por intermédio do seu discípulo dilecto, S. João.

É uma mensagem de paz, de alento, de luz, vida e amor; em suma, uma mensagem de graça, de incitamento ao combate e de vitória certa e eterno triunfo. É o complemento do Evangelho, da *Boa-Nova*.

O Céu inspirou-o ao sublime Vidente e elle escreveu-o para fortificar a vontade dos cristãos, armá-los de inquebrantável constância e confiança na onnipotência e fidelidade do Salvador que esperam.

É a simbólica descrição do prélio ingente travado entre o judaísmo, o paganismo de então e de todos os tempos e a Igreja de Cristo, prélio em que ella ficará para sempre triunfante.

Todavia seu fim principal não é narrar factos nem descrever o então actual estado de coisas da sociedade civil ou da Igreja, embora bosqueje, em síntese poderosa, toda a história do *reino de Cristo*, do *primeiro* ao *segundo* e *último advento*.

Agora fala misteriosamente do *Império romano*; melhor, talvez, do *Império pagão* de todos os tempos, do *reino do Anti-Cristo*, incarnação de Satanás, nelle simbolizado; logo de sua queda, sob a figura de Babilónia ou Meretriz vestida de púrpura, e do *reinado espiritual* de Cristo através dos séculos.

Seu fim principal é prevenir os cristãos da Ásia e de todos os tempos, annunciando-lhes as perseguições que os esperam; exortá-los a que as suportem com paciência; a que tenham horror à heresia; a que permaneçam firmes na fé, animando-os com a certeza do triunfo da Igreja, da eterna glória, que o Senhor lhes prepara, e da temporal e eterna confusão de seus inimigos.

Assim o interpretam muitos exegetas, entre os quaes S. Agostinho <sup>(1)</sup>, S. Dionísio Alexandrino, citado

(1) *De Civit. Dei*, l. 20, c. 7 e seg.



por Eusébio <sup>(1)</sup>, Salmerão <sup>(2)</sup>, Calmet, Bossuet, A Lapide, Filion, Cornely, Billot, etc., etc.

O Apocalipse pouco criou de novo.

Muitos dos seus símbolos são tirados do *Antigo e Novo Testamento*.

Exemplifiquemos:

A expressão «*Filho do homem*» <sup>(3)</sup>, sob a qual nos apresenta o poder real e sacerdotal do Messias, ou o poder da sua palavra, é tirada dos *evangelhos*.

O *Dragão* é idêntico à *Serpente do Génesis* <sup>(4)</sup>.

A Bêsta do c. 13 é uma combinação dos 4 monstros de Daniel <sup>(5)</sup>.

Representa a sucessão dos 4 impérios gentios.

«*Eis que eu venho como ladrão*» <sup>(6)</sup> é frase comum a outros livros sagrados <sup>(7)</sup>.

Jesus aparece no céu e na terra como *Cordeiro imolado* <sup>(8)</sup>.

«*Primeiro entre os mortos*» é expressão de S. Paulo <sup>(9)</sup>.

A guerra de Gog e Magog <sup>(10)</sup> é uma adaptação de Ezequiel <sup>(11)</sup>.

As pragas ou castigos de Deus são sempre o funesto trio: guerra, peste e fome, tremores de terra, incêndios, chuva ou queda de estrêlas, etc.

E baste de exemplos.

## **Expressões a esclarecer e a fixar**

O Apocalipse, como se disse por outros termos, é

---

(1) *H. E.* 7, 25.

(2) *In Apoc. Praelectiones.*

(3) *Apc.* I, 13.

(4) *Gén.* 3, 1-5.

(5) *Dan.* c. 7.

(6) *Apc.* 3, 3; 16, 15.

(7) *I Tess.* 5, 2; *2 Petr.* 3, 10.

(8) *I Petr.* e 4.º Evangelho.

(9) *I Coloss.* I, 18.

(10) *Apc.* c. 20.

(11) *Eseq.* c. 38.



especialmente a história profética e misteriosa do *reino de Deus* sobre a terra.

Os principais personagens que entram no seu estabelecimento são: o *Cordeiro*, o *Dragão*, a *Mulher*, as *Bêstas* e *Babilônia*.

## O Cordeiro

É a figura que tudo domina desde que apareceu no céu <sup>(1)</sup>.

Parece estar sempre presente aos olhos do Profeta, ainda quando não fala d'Ele.

É Cristo-Redentor.

Foi entronizado no céu à direita de Deus <sup>(2)</sup> e encontra-se na terra, reinando em Sião <sup>(3)</sup>.

É ainda representado sob outras formas.

S. João varia facilmente, de visão para visão, as imagens, os símbolos, para representar as mesmas realidades.

É o «*Filho do homem*» <sup>(4)</sup>.

É o *Cavaleiro invencível* que julga as *Bêstas* e seus exércitos <sup>(5)</sup>.

É o *Verbo de Deus* <sup>(6)</sup>.

Aparece ainda sob outras designações e símbolos, como o leitor terá oportunidade de ver no decurso deste resumo do Apocalipse.

O *Dragão* entra, ora aberta ora disfarçadamente, em todos os combates contra o *Cordeiro* e seus santos.

A *Mulher* do c. 12 é a *Igreja da Antiga e da Nova Lei*, Mãe do *Messias*, enquanto representa a comunidade judaica.

---

(1) *Apc.* c. 5.

(2) *Apc.* c. 5.

(3) *Apc.* co. 14 e 17.

(4) *Apc.* co. 1 e 14.

(5) *Apc.* c. 19.

(6) *Apc.* c. 6.



Depois, no c. 13, aparece transformada em *cidade*, *cidade celeste*, como na *visão de Esdras* (1).

Efectivamente, a *nova Jerusalém* é concebida umas vezes como *cidade*; outras, como *pessoa*, pois é a *Espôsa do Cordeiro* (2).

As *Bêstas* são os agentes visíveis e temporais do *Dragão* (3).

A primeira e principal aparece já no c. 11.

As duas juntas representam a oposição ao *Cordeiro* sobre a terra.

*Babilónia* dos cc. 16 e 17, — que é, como *Jerusalém*, ora *Mulher*, ora *Cidade*, mas que só é descrita como *Mulher*, — é *Roma pagã*, a grande inimiga da Igreja, a primeira incarnação do poder da *Bêsta*.

Se *Jerusalém* é a *Espôsa do Cordeiro*, *Babilónia* é a sua adversária; é a grande cortesã entregue aos reis da terra, vassalos da *Bêsta*.

A *Bêsta* que sobe do mar com as suas 7 cabeças e armas (4) representa o Império pagão de Roma.

As *cabeças* representam primeiramente os *imperadores*; todavia no c. 17 representam as 7 colinas.

Esta dualidade de significação põe mais em relevo a estreita união da *Bêsta maldita* com a *Cortesã-Babilónia*, a Roma das 7 colinas.

Entre os imperadores, *Nero* aparece como verdadeira incarnação da essência diabólica do monstro de 7 cabeças.

*Bêsta*, *Império gentio* e *Nero* equivalem-se.

A *cabeça* que o c. 13 nos apresenta ferida de morte é a mesma que o c. 17, 8 nos apresenta ressuscitada.

O nome da *Bêsta* está expresso no número «666».

Segundo a interpretação mais plausível, é *Nero César*, em parte *histórico* e em parte *típico*.

(1) *Esdras*. l. 4, c. 10, 44.

(2) *Cf. Apoc.* 21, 2; 19, 7; 22, 17.

(3) *Apoc.* 13 e 20.

(4) *Apoc.* cc. 13 e 17.



Efectivamente, o *Nero-histórico* bem pode servir de *Nero-típico*.

Que melhor *tipo* dos perseguidores de Cristo e do seu reino, a Igreja, que o *Nero-histórico*?

Assim, embora *Nero* seja apenas uma das cabeças da *Bêsta*, representa a *Bêsta inteira*, i. é, todo o *Império gentio*.

Representa, em suma, todo o *domínio político* do *Dragão*, que somente será aniquilado no momento da grande vitória do Verbo.

Jesus-Cristo é o Chefe de tôdas as igrejas que constituem a sua Igreja; é o Senhor da história; é o Rei dos reis dêste mundo; o Vencedor de todos os poderes humanos e diabólicos.

É Ele que tudo dispõe e percorre o mundo como *guerreiro invencível*.

Cânticos angélicos celebram no céu os seus sucessos sobre a terra.

O reino da *Bêsta* dura apenas 3 anos e meio ou 42 meses ou 1.260 dias. É *temporário*.

O reino de Jesus dura mil anos, i. é, para sempre. É *eterno*.

## Rompimento dos selos

Resumamos e comentemos o *capítulo sexto*.

Anuncia o rompimento dos selos.

Que simbolizarão êles? Períodos históricos sucessivos?

E quererá o seu rompimento dizer que os decretos memoriados na *profecia* começam a ser executados ou os seus mistérios, mais ou menos, manifestos?

Talvez.

E quem os rompeu?

O *Cordeiro*, segundo o Profeta.



\*

Ao quebrar os primeiros 4 selos, apareceram 4 cavalos: o primeiro, *branco*; o segundo, *vermelho*; o terceiro, *negro*; e o quarto, *amarelo*.

O cavaleiro do cavalo branco vinha armado de arco sagitário e foi-lhe dada uma coroa.

Embora já vencedor, saiu para continuar a vencer.

Ao cavaleiro do cavalo vermelho foi-lhe dado o poder de tirar a paz da terra, de fazer que os homens mutuamente se matassem e uma espada grande.

O do cavalo negro tinha na mão uma balança.

O do cavalo amarelo denominava-se — a Morte; e o inferno o seguia. Foi-lhe dado poder sobre as quatro partes da terra, para matar à espada, à fome, pela mortandade e pelas feras da terra.

\*

Ao romper o quinto sêlo, apareceram «*debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e pelo testemunho que tinham dado d'Ele e clamavam em alta voz, dizendo: Até quando, Senhor, (santo e verdadeiro) dilatas tu o fazer-nos justiça....?*

*E foram dadas a cada um dêles umas vestiduras brancas e se lhes disse que esperassem por um pouco tempo até se encher o número dos seus conservos e irmãos, que haviam de padecer como êles a morte* (1).

\*

Ao abrir o sexto sêlo, sobreveio um grande terremoto, o sol tornou-se negro como um saco de cilício e a lua tôda como sangue; e as estrêlas caíram do céu

---

(1) *Apc.* 6, 9-11.



sôbre a terra, como caem os figos verdes de uma figueira ao ser agitada por forte ventania; o céu recolheu-se como um livro que se enrola; todos os montes e ilhas se moveram dos seus lugares; e os reis da terra, e os príncipes e os tribunos e os ricos e os poderosos e todo o servo e livre se esconderam nas cavernas e entre os penhascos dos montes: e disseram aos montes e aos rochedos: Cai sôbre nós e escondei-nos da face e vista do que está assentado no trono e da ira do Cordeiro: porque chegou o grande dia da ira dêles: e quem poderá subsistir?» (1).

## Comentário

Que significará tudo isto?

Deixemos as afirmações positivas aos adventistas.

Em tal labirinto de coisas, importa ser modesto; não sentenciar como mestre, mas interrogar como discípulo. Não como discípulo dos *adventistas*, mas da Igreja e dos grandes exegetas católicos, antigos como modernos.

O *cavalo vermelho*, como o sangue, não representará antes o flagelo da guerra do que as perseguições dos cristãos?

Parece que sim.

E o *cavalo negro* não representará a *negra fome*, flagelo que segue o da guerra?

Pois que há-de êle representar?

O *amarelo*, parece, representa a *peste*.

Certamente os cavaleiros celestes são agentes da divina justiça. Estão diante de Deus e aguardam as suas ordens para executar os seus *decretos*.

Merece particular atenção o *cavaleiro do cavalo branco*.

---

(1) *Apc.* 6, 12-17. *Cf.* *Is.* 2, 19; *Osee.* 10, 8; *Lc.* 23, 30.



Este *cavaleiro* difere dos outros.

Seu cavalo é *branco*, símbolo da paz.

Deixa os céus e vem subjugar a terra.

Vem armado de *arco* como sagitário, porque a sua acção alcança longe, porque o seu fim é atingir o coração dos homens e destruir os seus inimigos.

Vem de *coroa na cabeça*, como rei triunfante, por isso se diz que vem vitorioso.

Ganhara já a *batalha essencial*: padecendo, morrendo e ressuscitando.

Todavia vem para vencer: vem a prosseguir indefinidamente a sua batalha e a sua vitória. Em linguagem de hoje, dir-se-ia: vem explorá-la.

## Quem é o Cavaleiro do cavalo branco?

Não é impossível reconhecê-lo, pelos seus muitos traços retrospectivos.

No Apocalipse sempre uma imagem de misericórdia precede descrições de justiça.

A misericórdia e a salvação têm a prioridade na *visão*, como têm a última palavra nos *capítulos sétimo e onze*.

Segundo o sentir tradicional, embora não seja unânime, a começar logo pelo primeiro Padre da Igreja, Santo Ireneu <sup>(1)</sup>, é o mesmo do *capítulo* dezanove, dito ali o «*Verbo de Deus*», Rei dos reis e Senhor dos Senhores, vencedor das Bêstas e dos reis da terra; e, se não é precisamente o *Verbo pessoal*, como no capítulo dezanove <sup>(2)</sup>, representa pelo menos o *curso vitorioso do Evangelho* através do mundo e das idades, pela pregação dos Apóstolos e seus sucessores. Ele deve ser anun-

(1) *Adv. Haer.* 4, 21.

(2) *Apc.* 19, 11-16.



ciado a todos os povos antes da consumação dos tempos <sup>(1)</sup>.

E o *milénio*, segundo os *adventistas*, ainda não começou!

O *Cavaleiro triunfante* do capítulo dezanove, em vez de *arco*, empunha uma espada; não é seguido de exército celeste, mas leva à guisa de coroa muitos diademas sobrepostos.

O *cavalo branco com o seu cavaleiro* parece ser o simbolo do militarismo triunfante: *militarismo espiritual*.

Tem também traços parecidos com os do «*Filho do homem*» <sup>(2)</sup>.

Como já se notou, S. João representa na mesma *visão* a mesma realidade sob diversos aspectos e símbolos.

Assim, veremos também no *capítulo doze* que o «*Filho da Mulher*» representa ao mesmo tempo ou successivamente o *Cristo pessoal* e o *Cristo místico*.

\*

Neste *capítulo sexto* vê o Profeta o Evangelho no seu glorioso empreendimento de libertar o mundo do paganismo de todos os tempos e países; a reacção do mundo contra o reino de Cristo: a Igreja, suas perseguições; seus mártires, cujas almas gritam, sob o altar, ao céu que justiça lhes seja feita; a descida dos cavaleiros-flagelos, em resposta ao apêlo dos mártires, cataclismos, catástrofes cósmicas; visão antecipada do fim do mundo; em suma, os males que esperam os inimigos do reino de Deus.

Resumindo: representará o Profeta neste *capítulo sexto* o aspecto da *actividade da graça ou a evangelização e seus arautos, desde os Apóstolos?*

---

(1) *Mrc.* 13, 10 e lug. paralelos.

(2) *Apc.* cc. 1 e 14.



No capítulo onze pressagia-se o triunfo definitivo do Evangelho, do estabelecimento do reino de Deus.

Nêle se anuncia que o triunfo da Bêsta é aparente e passageiro.

Os mártires reinam no céu e sôbre a terra.

Sua influência faz-se sentir sôbre o mundo e sôbre os mesmos perseguidores. Quantos se não converteram ao presenciar seu heroísmo?

«*Sanguis martyrum, semen christianorum*» (1). Não será isto reinar?

Jerusalém representa o mundo inteiro e o Templo interior simboliza a Igreja em sua vida íntima.

Tôda a terra é em certo modo Cidade de Deus: «*Domini est terra et plenitudo ejus*» (2).

As duas testemunhas — Enoque e Elias — representam, mais provàvelmente, os dois Testamentos.

Os 1.260 dias são a medida da duração do reino do mal (3).

«O reino de Deus não terá fim» (4).

«Ouviram-se no céu grandes vozes que diziam:

O reino dêste mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e êle reinará por séculos de séculos» (5).

Os 24 anciãos prostraram-se sôbre o seu rosto à entronização do Cordeiro, último acto da conquista de sua realaleza (6).

## A Mulher vestida de sol...

É solene a abertura do capítulo doze. Começa:

«Apareceu um grande sinal no céu: uma mulher

(1) Tertul.

(2) Slm. 23, 1; I Cor. 10, 26.

(3) Apc. 11, 2-3.

(4) Lc. I, 33; Miq. 4, 7; Dan. 2, 44; 7, 14, 18, 27; Hebr. I, 8.

(5) Apc. 11, 15.

(6) Apc. 11, 16.



vestida do sol, que tinha a lua debaixo de seus pés e uma coroa de doze estrêlas sôbre a sua cabeça...

Clamava com dores de parto e sofria tormentos por dar à luz.

E foi visto outro sinal no céu: um grande dragão vermelho, que tinha 7 cabeças e 10 pontas, e nas suas cabeças 7 diademas...

E o dragão parou diante da mulher... a fim de trazer o seu filho, depois que ela o tivesse dado à luz.

E deu à luz um filho varão... que foi arrebatado para Deus e para o seu trono.

E a mulher fugiu para o deserto...» (1).

Todo o remanescente do capítulo é dedicado às lutas entre a mulher, seus filhos e o dragão.

Mas «aquêlê grande dragão, aquêla antiga serpente que se chama o Diabo e Satanás, que seduz o mundo» (2), foi vencido.

«E eu ouvi uma grande voz no céu, que dizia:

Agora foi restabelecida a salvação e a fortaleza e o reino do nosso Deus e o poder do seu Cristo...» (3).

Esta Mulher personifica a Mãe dos crentes, — Mãe alegórica, que os dá à luz em meio de perseguições, dores e angústias; representa o povo de Deus, a comunidade dos justos, o Israel fiel de que saíu Jesus, segundo a carne, o Israel espiritual, a Sião celeste, a Igreja de Cristo inteira: Mãe e filhos: «*Haec autem Mulier antiqua est civitas Dei*».

A sociedade cristã é a sinagoga chegada à sua maturidade.

Um e outro Israel fazem um só.

Neste capítulo o *Messias triunfante* é representado por um *menino recém-nascido*, enquanto se identifica com os seus fiéis e a sua obra: a *regeneração da humanidade*.

(1) *Apc.* 12, 1-6.

(2) *Apc.* 12, 9.

(3) *Apc.* 12, 10.



## XI

Visão da Bêsta de 7 cabeças e 10 pontas.  
Por que permite Deus o mal?  
Visão da Bêsta de 2 pontas.  
De que Cordeiro se fala nesta visão?  
O número da Bêsta é 666.  
O Evangelho eterno.  
O juízo de Deus.  
O Filho do homem vem segar a sua messe.  
Parábola da zizânia.

### **Visão da Bêsta de 7 cabeças e 10 pontas**

«Vi», — escreve S. João —, «levantar-se do mar uma Bêsta que tinha 7 cabeças e 10 pontas, e sôbre as pontas 10 diademas, e sôbre as cabeças nomes de blasfêmia.

Era semelhante a um leopardo, e os seus pés como pés de urso, e a sua bôca como bôca de leão.

E o Dragão deu-lhe a sua fôrça e o seu grande poder.

E vi uma de suas cabeças como ferida de morte; e foi curada a sua ferida mortal.

E tôda a terra se maravilhou após a Bêsta.

E adoraram o Dragão que deu poder à Bêsta; e adoraram a Bêsta, dizendo: Quem há semelhante à Bêsta? e quem poderá pelejar contra ela?

E foi dada à Bêsta uma bôca que se gloriava com insolência e pronunciava blasfêmias; e foi-lhe dado poder de fazer guerra por 46 meses.



*E abriu a sua bôca em blasfêmias contra Deus..., o seu nome, o seu tabernáculo e os que habitam no céu.*

*E foi-lhe concedido que fizesse guerra aos santos e os vencesse.*

*E foi-lhe dado poder sôbre tôda a tribo e povo e língua e nação.*

*E todos os habitantes da terra a adoraram; aquêles cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi imolado desde o princípio do mundo...*

*Aqui está a paciência dos santos» (1).*

\*

— Então os *adventistas* presumem possuir a chave dêste labirinto apocalíptico? — perguntará o leitor.

— Sem dúvida! e entrar nêle e sair a seu bel-prazer, tendo encontrado lá papiros bem comprometedores da Igreja Romana, como está dito e redito.

O que lá deviam ver, não o vêem, que é a maldição que Deus lança sôbre todos os que contrariam a difusão do seu reino: a sua verdadeira Igreja.

Suceder-lhes-á como ao *bode* da profecia de Daniel: quando julgava que com um ímpeto atiraria a terra até com as estrêlas do céu, ficou desarmado.

Com a Igreja de Deus ninguém meça fôrças, que não leva a melhor.

Crianças de ontem e de hoje a pretenderem bater-se com um gigante de vinte séculos, ao qual Jesus Cristo garantiu eterna vitória!...

\*

Esta Bêsta tinha o poder e os vícios das 3 primeiras Bêstas danielianas (2): a agilidade feroz da pantera; a

---

(1) *Apc.* 13, 1-10.

(2) *Cf. Dan.* c. 7.



fôrça maciça do urso; o orgulho do leão; e a insolência da Bêsta de 10 pontas.

Imperadores Romanos houve que foram verdadeiros leões, ursos e panteras, piores mesmo que os selváticos, contra os cristãos, que os selváticos lançavam-se por vezes em atitude respeitosa e humilde aos pés dos heróis da fé.

Atiraram-se como feras à Igreja de Cristo, — *Docente e discente* —; dilaceraram-na; opuseram-se tiranicamente à difusão do *reino de Deus*.

«*Vi levantar-se do mar uma Bêsta...*»

Daniel vira levantarem-se do mar 4 <sup>(1)</sup>, nas quais estavam representados 4 impérios, como o leitor viu.

O mar, segundo Bossuet na sua exposição do Apocalipse, *representa a agitação das coisas humanas*.

Na verdade, a «vida é mar» — *Vita mare est* — como cantou o autor do poema «*Puer Jesus*»; os homens são ondas em constante e tempestuoso fluxo e refluxo...

A fôrça dos elementos é tremenda, e não o é menos a das paixões...

Olhe o leitor para êstes nossos dias sem precedentes na história: 1939, 40, 41, 42 e prossegue em 1943.

Quere-os mais agitados, mais tempestuosos, mais ameaçadores, mais apavoradores?...

«*Vita mare est, credite mortales, vita mare est!*»

A vida é mar! e cria-se nêle cada tubarão...

Negá-lo, seria pecar contra o Espírito Santo: «contradizer a verdade conhecida por tal».

\*

— Satã chamou do mar a Bêsta para lho dar o seu trono.

Que representaria esta Bêsta de 7 cabeças e 10 pontas coroadas?

(1) *Dan.* c. 7.



— Tudo, menos o que pretendem os *adventistas*: a *Igreja Romana*.

— Representaria o Império Romano, em especial?

As 7 cabeças, os 7 imperadores que sucederam a Nero? ou, de uma maneira geral, *as forças opostas ao reino de Cristo?*

E as 10 *pontas coroadas* representariam os dez reis bárbaros de que fala o *capítulo dezassete*, que a princípio auxiliaram o Império Romano e por fim o destruíram e dividiram entre si? ou simbolizariam apenas de um modo geral o *poder político oposto ao reino de Cristo?* o império pagão de então e de sempre?

— Provavelmente, mais ou menos, tudo isto.

— E que quererão dizer as palavras: «*E sobre as suas cabeças nomes de blasfêmia?*»

— Os nomes de blasfêmia de que fala a *profecia* eram certamente os *titulos divinos* que os imperadores se atribuíam e a *Roma*: «*Dea Roma, Divus Augustus*», etc.

\*

Preguntará ainda o leitor:

— Como se explicam as palavras da *profecia*:

«*E o Dragão deu à Bêsta toda a sua força e grande poder?*»

E que Dragão é este? como entra aqui?

— É sem dúvida o Dragão vermelho de que fala S. João no capítulo doze. É o Diabo, cruel e sangüinário.

Ele tenta e domina o homem pelos sete vícios capitais, incarnados então nos Césares Romanos e em seus auxiliares: os reis bárbaros.

A todos ajudou o mais que pôde contra o *reino de Deus, contra a sua Igreja*. Ajudou-os tanto, quanto Deus lho permitiu.



O que elle não fêz a Jó?! (1).

### — Por que permite Deus o mal?

Tanta miséria, tanta desgraça, tanta baixeza, tanta degradação, tanta injustiça, tanto crime, tanto flagício, tanto pecado, que só um mar de fogo os pode lavar!...

Ele aí está: a Europa! Só a Europa? O mundo todo...

Não é elle um mar de fogo?...

— Por que permite Deus o mal?

Para dêle tirar bem.

E só Elle, por exemplo, pode medir os males da actual guerra, como só Elle pode medir os bens que hão-de resultar de tamanha calamidade.

Deixemos, pois, que a Providência nos governe e não pretendamos governar a Providência.

*Não conseguimos governar-nos a nosso contento e queremos governar o mundo e o próprio Deus.* Nisto mesmo mostramos a nossa incompetência governativa.

*Quantas vezes não conseguimos governar o nosso coração pela lei moral e a nossa intelligência pelas leis da lógica?*

Se a Serpente maldita não tentasse Eva, Eva não tentaria Adão; e, se Eva não tentasse Adão, Adão não pecaria; e nós, rebentos desta árvore babujada pela bôca infernal do *Pai da mentira*, não nasceríamos todos infeccionados, condenados ao sofrimento e à morte temporal e eterna.

Mas, omitindo tudo o mais, que não é pouco, se não fôsse tudo isso, teríamos *Deus-Homem pôsto em*

---

(1) Job. cc. 1 e 2.



*cruz a morrer por nós*, que é a maior prova de misericórdia e amor que podia dar-nos?

Ninguém peça pois a Deus contas do seu proceder, sempre e em tudo santíssimo.

Quem somos nós para ousar criticar as obras, positivas ou negativas, de sua infinita sabedoria?

Deus permite que o Diabo nos tente por si ou pelos seus, mas dá-nos forças para vencer um e outros.

Prova-nos com sofrimentos na vida presente, para ~~mais~~ ter que premiar-nos na futura.

Ele não quer a nossa derrota; quer a nossa vitória; e haverá maior vitória do que aquela que se obtém morrendo por nobre causa, pelo dever, pela religião e pela pátria?

A Bêsta mortalmente ferida e depois curada <sup>(1)</sup> representa a perseguição revivendo através da história...

— Como diz a *profecia* que o *Cordeiro*, — Jesus Cristo —, foi imolado desde o princípio do mundo? <sup>(2)</sup>

— Leitor, o que Deus realiza no tempo, decreta-o na eternidade.

Depois, foi imolado simbolicamente nas vítimas e nos santos que o figuravam.

— E que quererá dizer: «Agora é a paciência dos Santos» <sup>(3)</sup>?

— Certamente isto: agora é o tempo de dar provas de fé e coragem no sofrimento.

A Igreja não deve resistir de armas na mão, pela força.

A Simão Pedro disse Jesus Cristo, no momento de sua prisão: «*Mete a tua espada na bainha, porque todos os que puxarem pela espada, perecerão pela espada*» <sup>(4)</sup>.

O mesmo se repete neste versículo apocalíptico.

---

(1) *Apc.* 13, 3.

(2) *Apc.* 13, 8.

(3) *Apc.* 13, 10.

(4) *Mt.* 26, 52.



## Visão da Bêsta de 2 pontas

«Vi outra Bêsta que subia da terra e tinha 2 pontas semelhantes às do Cordeiro e que falava como o Dragão.

Exercitava todo o poder da primeira Bêsta em sua presença e fêz que tôda a terra a adorasse... E fêz grandes prodígios... Até fazia descer fogo do céu sobre a terra...

Seduziu todos os seus habitantes e aconselhou-os a que fizessem uma imagem da primeira Bêsta...

Depois animou-a, deu-lhe fala e a morte a todos os que a não tinham adorado e obrigou a todos a trazer o nome da Bêsta ou o número do seu nome de homem, que é o número 666» (1).

\*

— Que representará esta segunda Bêsta de 2 pontas, que tanto auxiliou a primeira e a fêz adorar por tôda a terra?

— Talvez o sincretismo helénico, misto de religião e filosofia, do qual por isso mesmo derivava um certo poder de ordem religiosa e intelectual.

Talvez não seja êrro dizer que é o poder que mais influi nas multidões e as arrasta.

Quatro poderosas fôrças se aliaram para combater o Reino de Cristo: o poder civil, a falsa religião, a falsa filosofia e a magia.

Foi assim então, assim tem sido sempre e ainda hoje assim é.

Celebrada a aliança, começaram de brandir fortemente as suas armas contra o cristianismo, em defesa da idolatria e perfeita concordância com os Césares Romanos.

---

(1) Apc. 13, 11-18.



Os filósofos, mágicos e adivinhos muito influíram no ânimo dos imperadores contra a Igreja de Cristo: em Valeriano, o chefe dos mágicos de então (1); Tages, em Diocleciano (2); Teotecno, em Maximino (3). Juliano governava-se pelos filósofos e mágicos. O adivinho Máximo dominava-o. Porfírio era para êle um Deus. Quanto a Jâmblico, chegou a adorá-lo (4).

Os mágicos e filósofos, incitando os imperadores contra os cristãos, impeliam-nos para a sua ruína.

## De que Cordeiro se fala nesta visão?

— Do mesmo que na *visão anterior*.

Este *Cordeiro* é o *Verbo de Deus* que «se fêz carne» (5), na expressão do mesmo Vidente de Patmos; que foi imolado sôbre o Calvário, continuava e continuaria a ser oferecido sôbre o altar até à consumação dos séculos, como «*oblação pura*», segundo a *profecia de Malaquias*, feita mais de 500 anos antes (6).

Tal, i. é, como Cordeiro, o indigitou o grande Baptista, às margens do Jordão, quando Êle se lhe apresentou a receber o baptismo de penitência, dizendo, gritando à multidão: «*Eis aqui o Cordeiro de Deus! Eis aqui O que tira o pecado do mundo!*» (7).

— Que explicação poderão ter estas palavras: «*As pontas da Bêsta eram semelhantes às do Cordeiro*»?

— Ignora o leitor que é nas pontas que os animais, delas providos, tẽem a fôrça?

Chifres, pontas, armas significam fôrça.

As fôrças, as armas de que *Jesus Cristo* se serviu

---

(1) *S. Dion. Alex. Euséb.* 7, 9.

(2) *Lactanc.* c. 10.

(3) *Euséb.* 9, 2-3.

(4) *Cf. Teod.* III, etc.

(5) *Jo.* 1, 14.

(6) *Malaq.* I, 11.

(7) *Mt.* 3, 13-17; *Mrc.* I, 9-11; *Le* 3, 21-22; *Jo.* I, 29-36.



para conquistar o mundo, *foram a sua doutrina e os seus milagres.*

Não usou de outras, nem entregou outras a seus Apóstolos e futuros sucessores.

\*

Os hereges e impios modernos plagiam os antigos, como êstes plagiavam Jesus Cristo e sua Igreja.

Isto mesmo fêz o paganismo por meio de seus imperadores, filósofos e mágicos.

*Juliano* tentou introduzir no paganismo uma disciplina semelhante à cristã: *hierarquia e subordinação sacerdotal*, nomeando-se a si mesmo *Sumo Sacerdote*; *erecção de hospitais, distribuição de esmolas, etc.*

\*

Tentame insensato e inexequível: reduzir o homem a uma simples máquina!

Deus fê-lo para Si e por isso o homem há-de ser eternamente religioso; há-de caminhar forçosamente para Deus: ou por vias rectas, ou por vias enganosas.

Quando O não venha a encontrar como Juíz misericordioso, encontrá-lo-á como Juiz severo.

Por isso também agora, quando repele a religião verdadeira, volve-se para a falsa e abraça-a. Quando descrê do verdadeiro Deus, diviniza Satã e adora-o.

O homem pode violar as leis de sua própria natureza, mas não as pode suprimir nem sequer alterar.

\*

Os filósofos pitagóricos, Plotino, Porfírio, Hiérocles, Jâmblico, etc., procuravam imitar a sublimidade da



doutrina de Jesus Cristo, ao qual ousavam opor Apolônio de Tiana.

Os *mágicos* eram respeitáveis prestidigitadores.

Hábeis *artistas de prodígios*, até fingiam fazer descer fogo do céu e ressuscitar mortos. Empenhavam-se em autorizar com os seus prestígios ou falsos milagres o ensino dos filósofos.

\*

— Como deverão entender-se as palavras da profecia: a *segunda Bêsta* falava como o Dragão, exercitava todo o seu poder em sua presença e a fazia adorar?

— Devem, quiçá, entender-se no sentido exposto.

O poder civil e nomeadamente Diocleciano e Juliano conceberam o satânico e vão desígnio de exterminar da face da terra o nome cristão.

Nesse intuito, consultavam os oráculos, os espíritos; restauravam o paganismo, a idolatria; obrigavam os cristãos a sacrificar aos deuses e imperadores; a trazer o nome da sua *divindade favorita* ou o *número correspondente* gravado em sua carne com um ferro em brasa, etc.

\*

— A propósito.

Não houve já entre nós quem pretendeu acabar com o nome cristão em Portugal, nesta «*nação fidelíssima*», nascida em Guimarães e baptizada nos Campos de Ourique, nesta «*Terra-de-Santa-Maria*»?

— Infelizmente, houve! Foi à mudança de regime. Mas, «*Parcite sepultis*»: Perdão para os mortos!

Foi uma página tão escura, tão negra na história lusíada, tãda feita de luz e tecida de heroísmos cristãos que, em vez de recordá-la, é preferível esquecê-la.



\*

Resta-nos dizer uma palavra sôbre o último versículo dêste capítulo (1):

*«Aqui há sabedoria. Quem tem inteligência, calcule o número da Bêsta, porque é número de homem.»*

## O número da Bêsta é 666

É o verso do Apocalipse que mais tem atormentado o espírito dos exegetas e estimulado a curiosidade e sagacidade de muitos outros que não têm direito de espécie alguma a que os consideremos tais.

Tem sido em verdade *«crux interpretum»*: a cruz dos exegetas.

É impossível dizer tôdas as divagações que tem originado desde a idade-média até nossos dias.

E quiçá êste mistério não está ainda bastantemente esclarecido. Conjecturas e mais conjecturas e delas se não tem passado.

Nada se aproveita com as memoriar.

S. João, certamente, envolveu em mistério o *nome da Bêsta*, como ocultou o nome de Roma no de Babilónia, por motivo de prudência.

Para os seus contemporâneos, o mistério não havia de ser tão indecifrável como para os pósteros; muito lhes importava todavia deixá-lo na mesma profética obscuridade.

\*

### *Conclusão:*

A Bêsta, incarnada a princípio no Império Romano e reincarnada uma e mil vezes através dos séculos,

(1) *Apc.* 13, 18.



haver-se-á sempre para com os cristãos como outro Nero e perdurará, sob uma ou outra forma, até à «*Parousia*» ou *segundo Advento* de Cristo, e só até então, por isso o seu domínio será precário.

Acrescentaremos ainda:

Ê dêste versículo, do *número 666*, que os *adventistas* concluem que a *Bêsta do Apocalipse é a Igreja Romana e o Papa o Anti-Cristo*.

Entreguemos, por agora, estas afirmações ao desprezo que merecem e em que deviam ficar para sempre sepultadas.

Só por absoluta necessidade teremos de as exumar.

\*

Resumamos o *capítulo catorze*:

Apresenta-nos o *Cordeiro* em pé sôbre o monte Sião e diante d'Ele 144.000 virgens, cantando <sup>(1)</sup>.

Notaremos apenas: o *cântico do Cordeiro*, de que se fala neste capítulo e no *capítulo quinto* <sup>(2)</sup>, é entoado só pelos bem-aventurados e por êstes 144.000 ascetas.

Escusado é tornar a lembrar que os números são simbólicos.

A seguir o Profeta vê três anjos <sup>(3)</sup>: o primeiro anuncia o juízo de Deus; o segundo a ruína de Babilónia; o terceiro o suplício eterno dos ímpios.

Fala também da beatitude dos santos.

Agora particularizemos, sempre resumindo.

«E vi outro anjo voando pelo meio do céu, que tinha o

---

(1) *Apc.* 14, 1-5.

(2) *Apc.* 5, 8-14.

(3) *Apc.* 14, 6-13.



## Evangelho eterno

*para o prègar aos que fazem assento sôbre a terra e a tôda a nação e tribo e lingua e povo»* (1).

— Haverá outro *Evangelho*, como pretendem os joaquinitas e luteranos? Deveremos esperá-lo?

— Não há outro *Evangelho* que venha aperfeiçoar o de Jesus Cristo, nem *especial revelação do século futuro*, contra Orígenes (2); nem, contra Vitorino, *se trata aqui da prègação de Elias ou de qualquer outro prègador famoso* que há-de preceder o reinado do Anti-Cristo (3).

*O Evangelho de Jesus é perfeito e completo. Contêm-se nos livros dos evangelhos, no Novo Testamento, e na Tradição Apostólica.*

Dêle escreveu S. Paulo aos gálatas (4):

*«Eu me espanto de que... passeis tão depressa a outro Evangelho... Não há outro; o que há é alguns que vos conturbam e querem transformar o Evangelho de Cristo.*

*Mas ainda quando nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie um Evangelho diferente do que nós vos temos anunciado, seja anátema».*

\*

A melhor interpretação, sobretudo se se tem presente a analogia com o *capítulo sexto* (5), parece ser a que diz que se trata do *Evangelho puro e simples*, dito *eterno*, porque não muda, em oposição à *lei de Moisés*.

Por *Evangelho eterno* tão pouco se entende aqui a idéia expressa no *capítulo décimo* (6) em que a boa-nova

(1) *Apc.* 14, 6.

(2) *Orig. in Rm.* 1, 4.

(3) *Cf. Apc.* c. 11.

(4) *Gal.* 1, 6-9.

(5) *Apc.* 6, 1.

(6) *Apc.* 10, 7.



consiste em anunciar que o triunfo dos santos não será indefinidamente diferido.

Pode significar o eterno designio de Deus tocante à sorte final do mundo, mas não exclusivamente.

Nem simboliza exclusivamente o reino definitivo do Cordeiro descrito nos capítulos vinte-e-um e vinte-e-dois; um evangelho predestinado por Deus «ab æterno».

É o mesmo que se difunde já sob a figura do primeiro Cavaleiro — o Cavaleiro-do-cavalo-branco <sup>(1)</sup>.

O Evangelho no Novo Testamento não é, pura e simplesmente, uma alegre-nova, porque promulga a necessidade da penitência e o juízo contra os ímpios.

## O juízo de Deus

Em seguida, o anjo do Evangelho eterno levantou a voz e disse:

«Temei ao Senhor e dai-Lhe glória, porque é chegada a hora do seu juízo; e adorai Aquêle que fêz o céu e a terra, o mar e as fontes das águas» <sup>(2)</sup>.

Manda-se, pois, a todos habitantes da terra que adorem o verdadeiro Deus e não a *Bêsta*, qualquer que seja a forma sob que se apresente.

Quem teme hoje ao Senhor?

Se ao menos O temessem, embora O não amassem, não veríamos o que estamos vendo...

O segundo anjo anuncia à cidade, i. é, à sociedade humana, castigos temporais.

Deus entrega as nações nas mãos das nações para que mutuamente se flagelem. Seus crimes são grandes...

— Sofrem nações inocentes!

— E êle há nações inocentes?!...

---

(1) *Apc.* 6, 2.

(2) *Apc.* 14, 7.



Se as há, estão dentro da regra: o justo sempre sofreu pelo pecador.

\*

O *terceiro anjo* ameaça os *indivíduos* que adorem a *Bêsta* com a eterna condenação, porque o *indivíduo é imortal*.

Serão castigados na presença dos santos anjos.

Ao suplício, pois, acrescerá a confusão.

Mais: na presença do Cordeiro, seu Redentor <sup>(1)</sup>.

O suplício do fogo do inferno é comparado ao *vinho sem mistura*, para expressar a fôrça, a violência da dor.

«E o fumo dos seus tormentos se levantará por séculos de séculos» <sup>(2)</sup>.

Nestas palavras está expressa a eternidade das penas.

«Então ouvi uma voz do céu que me dizia: *Escreve: Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor.*

*De hoje em diante diz o Espírito que descansam dos seus trabalhos, porque as obras dêles os seguem*» <sup>(3)</sup>.

Os bons, que estiverem inteiramente purificados, após a morte receberão logo a recompensa.

Nem os maus nem os bons esperam a «*Parousia*» ou *segundo Advento*: à morte segue-se o *inferno para os maus* e o *céu para os bons*.

Todos os fiéis que tiverem observado os mandamentos e crido em Jesus até o fim, sejam ou não mártires, gozarão do paraíso, do *eterno milénio* <sup>(4)</sup>.

---

(1) Cf. *Apc.* cc. 6, 10 e 7, 1.

(2) *Apc.* 14, 11.

(3) *Apc.* 14, 13.

(4) Cf. *Apc.* 14, 12.



## O Filho do homem vem a segar a sua messe

A última parte do capítulo catorze <sup>(1)</sup> é especialmente reservada à ceifa da messe do Senhor, à vindima da sua vinha:

*«E tornei a olhar e eis que vi uma nuvem branca e um assentado sôbre a nuvem, que se parecia com o Filho do homem, o qual tinha na sua cabeça uma coroa de ouro e na sua mão uma foice aguda».*

E outro anjo gritou: *«Mete a tua foice e sega, porque é chegala a hora de segar, pois a seara da terra está madura».*

*«Então o que estava assentado sôbre a nuvem meteu a sua foice à terra e a terra foi segada».*

E, alfin, um *«anjo que tinha poder sôbre o fogo... gritou:*

*Mete a tua foice aguda e vindima os cachos da vinha da terra, porque as suas uvas estão maduras.*

*E meteu o anjo a sua foice aguda à terra e vindimou a vinha da terra e lançou a vindima no grande lagar da ira de Deus...»*

## Parábola da zizânia

Quem, ao ler êste fim do capítulo catorze, se não lembra logo da parábola da zizânia?

*«O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo.*

*E, enquanto os homens dormiam, veio o seu inimigo e semeou depois zizânia no meio do trigo e foi-se.*

*E tendo crescido a erva e dado fruto, apareceu também então a zizânia.*

*E chegando os servos do pai de família, lhe disseram:*

---

(1) Apc. 14, 14-20.



Senhor, porventura não semeaste tu boa semente no teu campo? Pois donde lhe veio a zizânia?

E elle lhes disse: O homem inimigo é que fêz isto.

E os servos lhe tornaram: Queres tu que nós vamos e a arranquemos?

E respondeu-lhes: Não; para que talvez não suceda que, arrancando a zizânia, arranqueis juntamente com ela também o trigo.

«Deixai crescer uma e outra coisa até à ceifa e no tempo da ceifa direi aos segadores: Colhei primeiramente a zizânia e atai-a em molhos para a queimar, mas o trigo recolhei-o no meu celeiro» (1).

«Chegaram-se a elle (a Jesus) os seus discípulos, dizendo:

Explica-nos a parábola da zizânia do campo.

Ele lhes respondeu, dizendo: O que semeia a boa semente é o Filho do homem; e o campo é o mundo; a boa semente porém são os filhos do reino; e a zizânia são os maus filhos; e o inimigo que a semeou é o diabo; e o tempo da ceifa é o fim do mundo; e os segadores são os anjos.

De maneira que assim como é colhida a zizânia e queimada no fogo, assim acontecerá no fim do mundo; enviará o Filho do homem os seus anjos e tirarão do seu reino todos os escândalos e os que obram a iniquidade; e lançá-los-ão na fornalha de fogo.

Ali será o choro e o ranger com os dentes.

Então resplandecerão os justos, como o sol, no reino de seu Pai.

Quem tem ouvidos de ouvir, ouça» (2).

\*

Se tendes, pois, ouvidos de ouvir, adventistas,

(1) Mt. 13, 24-30.

(2) Mt. 13, 36-43.



*protestantes de tôda e qualquer denominação, hereges, cismáticos, ímpios, vós sois os «maus filhos», outras tantas incarnações do «homem inimigo» que semeou a zizânia na seara do Pai de família: a sua Igreja!*

Não a tendes vós semeado até aqui e não a semeais ainda?

Não tendes ouvidos de ouvir?

Se os não tendes, se não revirais caminho, se persistis no vosso mal-fazer, sabeis a sorte que vos espera: a fomalha de fogo.

A sentença está proferida e não será revogada.



## XII

Visão dos 7 anjos com as últimas 7 pragas.  
Fim dos perseguidores do Reino de Cristo: a sua Igreja.

Condenação da grande Cortesã.

Roma está bem representada e bem caracterizada.

Lamento da queda de Babilónia, de Roma idólatra e do seu colossal Império.

A Aleluia triunfal dos santos.

### **Visão dos 7 anjos com as últimas 7 pragas**

*«E vi no céu outro sinal grande e admirável: sete anjos que tinham as sete últimas pragas, porque nelas é consumada a ira de Deus.*

*E vi assim como um mar de vidro envolto em fogo, e os que venceram a Bêsta e a sua imagem e o número do seu nome, que estavam sobre o mar de vidro, tendo cítaras de Deus. E cantavam êles o cântico do servo de Deus, Moisés, e o cântico do Cordeiro... (1).*

Já dissemos acima por quem é entoado o cântico do Cordeiro. O cântico de Moisés é cantado por todos os resgatados.

Diziam:

*«Grandes e admiráveis são as tuas obras, ó Senhor-Deus-Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei-dos-séculos (2)».*

Logo, os vossos caminhos, ó adventistas, protestan-

(1) *Apc.* 15, 1-3.

(2) *Apc.* 15, 3.



tes, hereges, cismáticos, ímpios, são injustos e falsos, pois são contrários aos traçados pelo *Rei-dos-séculos*.

Desnecessário é lembrar que me refiro sempre aos que os seguem culposamente. Que o leitor não esqueça a doutrina exposta. Falo sempre adentro dos princípios estabelecidos.

«*Ai de vós, filhos desertores, diz o Senhor...*» (1).

«*Converti-vos a mim, filhos apóstatas...*» (2)

«*Voltai dos vossos caminhos corrompidos e guardai os meus preceitos e cerimónias, conforme tôdas as leis que eu prescrevi a vossos pais e do mesmo modo que eu vo-lo tenho declarado pelos profetas, meus servos*» (3).

Não foram vossos antepassados, vossos avós, vossos pais e mesmos muitos de vós, católicos e até alguns sacerdotes do Senhor?

Voltai, pois, dos vossos maus e falsos caminhos para os justos e verdadeiros caminhos de Deus!

«*Voltai, prevaricadores, para dentro do vosso coração!*» e reentrareis no seio carinhoso de vossa Mãe — a Santa Igreja — donde saístes em hora de insânia; e se fora dêle nascestes e tendes vivido insatisfeitos, inquietos, em má e duvidosa consciência, procurai depor a vossa dúvida, lançai-vos em seus braços e à inquietude sucederá a paz.

\*

O cântico continuava:

«*Quem Te não temerá, Senhor, e quem não engrandecerá o teu Nome? porque só Tu és piedoso; e por isso tôdas as nações virão e se prostrarão na tua*

---

(1) *Is.* 30, 1.

(2) *Jerem.* 3, 14.

(3) *4 Reg.* 17, 13.



presença, porque os teus juízos foram manifestados» (1).

Não se trata pois de domínio temporal, mas espiritual.

«E depois disto olhei e eis que vi que... os sete anjos, que traziam as sete pragas, saíram do templo, vestidos de linho puro e branco e cingidos pelos peitos com cintas de ouro...» e lhes foram dados «sete cálices de ouro, cheios da ira de Deus, que vive por séculos de séculos» (2).

«E ouvi uma grande voz que saía do templo (do céu?), a qual dizia aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra os sete cálices da ira de Deus» (3)

Foi prontamente obedecida.

O primeiro anjo derramou o seu cálice sobre a terra.

O segundo, sobre o mar.

O terceiro, sobre os rios e as fontes.

O quarto, sobre o sol.

O quinto, sobre o trono da Bêsta.

O sexto, sobre o grande rio Eufrates e secou-o.

«E o sétimo anjo derramou o seu cálice pelo ar e saiu uma grande voz do templo, da banda do trono, que dizia: Está feito» (4).

«Logo sobrevieram relâmpagos e vozes e trovões e houve um grande tremor de terra, tal e tão grande terremoto, qual nunca se sentiu desde que existiram homens sobre a terra.

E a grande cidade foi dividida em três partes; e as cidades das nações caíram e Babilónia, a grande, veio em memória diante de Deus, para lhe dar a beber o cálice do vinho da indignação da sua ira.

E toda a ilha fugiu e os montes não foram achados.

(1) Apc. 14, 4.

(2) Apc. 15, 5-7.

(3) Apc. 16, 1.

(4) Apc. 16, 2-17.



*E caiu do céu sobre os homens uma grande chuva de pedra, como do pêso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da pedra, porque foi grande em extremo» (1).*

\*

Deus ameaça os homens, os povos e as nações criminosas, para que se convertam. Quere poupar-lhes as categóricas exigências de sua justiça.

Persistem no mal?

As ameaças succede a sentença e à sentença a sua execução:

*«Está feito».*

É a filosofia da história.

Sempre assim foi, assim é e assim será.

O passado e o presente garantem-nos de certeza o futuro.

Está aí a história a ensinar que o homem se tem servido sempre das criaturas para violar os divinos mandados e Deus de todos os elementos para o castigar.

Lembremos um ou outro dêsses castigos. Exemplifiquemos no Império Romano.

Sob Valeriano e seu filho Galieno houve uma grande peste e guerras em todo o Império, que o transformaram num mar de sangue.

A peste atacou especialmente os gentios.

Dá testemunho dêste facto em uma carta o contemporâneo S. Dionísio de Alexandria (2).

Na época dos *Trinta tiranos* a guerra civil ensanguentou as *«Províncias do Império»* (3).

Depois, passou por êle enorme onda de calor.

---

(1) *Apc.* 16, 18-21.

(2) *Euséb. Hist. E.*, 1. 7, c. 22.

(3) *Hist. Augusta, Trebelião Polião.*



Houve grandes secas. Até o Nilo secou e a fome foi geral.

Atestam-no os contemporâneos S. Dionísio de Alexandria e S. Cipriano.

Os gentios atribuíam todos os males que padeceu o Império dos Augustos aos cristãos.

Esta calúnia seguiu até ao tempo de S.<sup>to</sup> Agostinho que, para a refutar, escreveu a sua «*Cidade de Deus*» e aconselhou o presbítero bracarense Paulo Orósio a escrever a sua «*História*», segundo o nosso Pereira em nota ao Apocalipse.

## **Fim dos perseguidores do reino de Cristo: a sua Igreja**

Não foi em vão que o *quinto anjo* derramou o seu cálice, cheio da ira de Deus, sobre o trono da *Bêsta* (1).

A grandeza e majestade dos imperadores foi vilipendiada.

Galério Maximiano e Maximino desesperados, ao verem-se vencidos, mataram-se com veneno (2).

Outro tanto fez Aurélio Diocleciano, que morreu louco.

Licínio foi derrotado na batalha de Cíbalis, na Panónia, e pouco depois estrangulado em Tessalonica.

Maxêncio morreu afogado no Tibre.

Valério foi cativo dos persas.

Juliano, o Apóstata, acabou na guerra contra os mesmos persas, ferido por mão invisível e atirando a Jesus Cristo esta blasfémia, segundo Teodoreto: «*Venceste, Galileu, venceste!*»

E há-de sempre vencer quantos Julianos Apóstatas aparecerem, sejam eles embora mais numerosos do

(1) *Apoc.* 16, 10.

(2) *Lactânc.* c. 49.



que os grãos de areia que povoam as praias do mar, as pétalas das flores, as fôlhas das árvores e as estrelas do céu!

Valeriano, vencido e escravo dos persas, serviu ao rei Sapor de banco para montar a cavalo; foi esfolado depois de morto e sua pele dependurada no Templo como trofeu de vitória <sup>(1)</sup>.

Em seguida ao cativo e morte de Valeriano todo o Império se abalou.

«*Está feito*», reza a profecia. Quere dizer:

*Roma pagã* com o seu *Império*, — então tipo dos perseguidores do reino de Cristo de todos os tempos e de todos os países do mundo —, foi julgada, sentenciada, condenada.

O seu Império ocidental, primeiramente, foi dividido: Honório imperou em Ravena; Constantino, nas Gálias; e Átalo, em Roma.

Depois, veio a invasão dos bárbaros.

O *Cordeiro* venceu a *Bêsta*, entregando-a aos 10 reis bárbaros, que tinham pelejado com ela contra Elle: os godos, os saxões, os hunos, os francos, os vândalos, os suevos, os alanos, os borgonheses, os hérulos.

Eles reduziram-na à última desolação: despojaram-na, devoraram-lhe as carnes e incendiaram-na.

Até ali não tinham sede de domínio determinada.

Quando aliados de Roma, eram simples aventureiros, simples guerreiros.

Depois da vitória sobre Roma, fizeram-se reis, assumiram o poder.

Estabeleceram-se todos nas terras do Império Romano: os persas e sarracenos, na Ásia; os vândalos, na África; os godos, alanos e suevos, na Espanha; os lombardos, na Itália; os borgonheses, na Gália; os francos, na Germânia; e os hunos, na Panóia.

---

(1) *Lact.* De mort. persec. c. 5 e seg. tes.



Jesus Cristo venceu-os: *de gentios tornaram-se cristãos.*

O divino Cordeiro, imolado sôbre o Calvário, venceu a primeira vez padecendo e morrendo; e decretou continuar a vencer sofrendo e, não obstante ser imortal e glorioso, morrendo em seu *Corpo místico*: a sua Igreja.

Venceu e vencerá sempre por Ela, jurem embora o contrário os homens! venceu e vencerá sempre os pequenos como os grandes colossos.

## Condenação da grande Cortesã

Não podemos deixar de transcrever quási na íntegra o capítulo dezassete, — verdadeira chave das anteriores profecias. Ele não só não favorece a interpretação *calvinista* e *adventista*, mas confirma a *católica*.

*«Então veio um dos sete anjos, que tinham os sete cálices, e falou comigo, dizendo: Vem cá e eu te mostrarei a condenação da grande cortesã que está assentada sôbre as grandes águas; com a qual fornicaram os reis da terra e que tem embebedado os habitantes da terra com o vinho da sua prostituição...*

*E vi uma mulher assentada sôbre uma bêsta de côr de escarlate, cheia de nomes de blasfêmia, que tinha 7 cabeças e 10 pontas» (1)...*

*«E estava escrito na sua testa êste nome: Mistério: A grande Babilónia, a mãe das fornicções e abominações da terra.*

*E vi esta mulher embebedada do sangue dos santos e do sangue dos mártires de Jesus. E quando a vi, fiquei espantado com uma grande admiração.*

*Então disse-me o anjo: Porque te admiras? Em te*

(1) *Apc. 17, 1-3.*



*direi o mistério da mulher e da bêsta que a leva e tem 7 cabeças e 10 pontas.*

*A Bêsta, que tu viste, era e já não é, e ela há-de subir do abismo e há-de ser precipitada na perdição...*

*As 7 cabeças são 7 montes, sôbre os quais a mulher está assentada; são também 7 reis.*

*Morreram 5, resta ainda um e outro ainda não veio...*

*E as 10 pontas, que tu viste, são 10 reis que ainda não receberam reino, mas êles receberão poder como reis, uma hora depois da Bêsta.*

*Estes têm todos o mesmo intento e darão a sua força e o seu poder à Bêsta.*

*Estes pelejarão contra o Cordeiro e o Cordeiro os vencerá, porque Ele é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis, e os que são com Ele são os chamados, os escolhidos e os fieis.*

*Disse-me mais o anjo: As águas, que tu viste, onde a cortesã está assentada, são os povos e as nações e as línguas.*

*E os 10 chifres, que tu viste na testa, êstes aborrecerão a cortesã e a reduzirão à desolação, e a deixarão nua, e comerão as suas carnes, e queimá-la-ão no fogo.*

*Porque Deus lhes pôs nos seus corações o executarem o que é do seu agrado d'Ele: que é darem o seu reino à Bêsta, até que se cumpram as palavras de Deus.*

*E a mulher, que viste, é a grande cidade que reina sôbre os reis da terra (1).*

\*

*A Cortesã, a Bêsta e Babilónia são realidades históricas, embora simbolicamente expressas.*

---

(1) *Apo.* 17, 5-18.



A alusão a Roma, ao Império Romano, aos seus imperadores e aos reis bárbaros que lhes sucederam, dividindo entre si o Império, parece clara.

Este capítulo é, repetimos, como que a *chave das anteriores profecias e síntese poderosa e profética da história da Bêsta e do Cordeiro e dos seus respectivos reinos*.

O reino da Bêsta sempre a pelejar contra o reino do Cordeiro e o reino do Cordeiro sempre a vencê-lo.

O domínio do Cordeiro é sempre de ordem espiritual.

Não se trata, pois, do *milénio adventista*; trata-se das pugnas que Ele na pessoa de sua Igreja há-de travar e vencer através dos séculos até à sua consumação.

Se o Filho de Deus, se o Messias, se Jesus Cristo não veio a *primeira vez* a este mundo reinar como qualquer potentado, como Ele próprio afirmou a Pilatos, alto representante do Império Romano, para o tranqüilizar <sup>(1)</sup>, muito menos assim virá a *segunda*.

— Estava escrito na sua testa este nome:

«*Mistério*».

Que significará esta palavra que S. João viu escrita na testa da Mulher que estava montada sobre a Bêsta?

*Mistério!* Em que consistirá êle? — perguntará o leitor.

— Certamente nisto: em que sob o nome de *Cortesã* está uma personagem mística: *Babilónia*; e sob *Babilónia*, *Roma*.

---

(1) Joa. 18, 36.



## Roma está bem representada e bem caracterizada

Babilónia na Bíblia é representada como terra de ídolos, encantamentos, malefícios, adivinhações <sup>(1)</sup>, como «monte empestado» que corrompe a terra <sup>(2)</sup>.

«Vinho de Babilónia» eram os erros e vícios com que embriagava todo o mundo <sup>(3)</sup>.

Babilónia foi tomada e saqueada por Ciro.

Bem se parece, quanto a tudo, com Roma pagã, como pode ver-se nos profetas, especialmente em Jeremias <sup>(4)</sup>.

*Roma está, pois, bem representada.*

Ainda quanto à palavra «mistério», ela bem podia significar que Roma fundamentava o seu domínio nos «mistérios da sua religião».

De facto, tinha os seus *livros sibílinos*, secretos e misteriosos, em suma veneração, crendo que nêles estavam, como em cofre sagrado, os destinos do seu Império.

*Quanto à caracterização:*

Está assentada sôbre sete montes ou colinas.

De Roma escreveu Orácio <sup>(5)</sup>: *Dis, quibus septem placuere colles*. E Propércio <sup>(6)</sup>: *Septem urbs altu jugis*. E Ovidio <sup>(7)</sup>: *Sed quae de septem totum circumspectit orbem montibus, imperii Roma, Deumque locus*.

Quere dizer em vernáculo: que Roma estava assentada sôbre sete colinas, que do cimo delas contemplava o mundo e que era o panteão dos deuses.

«Está assentada sôbre as grandes águas» <sup>(8)</sup>, diz

---

(1) Is. 47, 9, 12.

(2) Jerem. 51, 7.

(4) Jerem. cc. 50-51.

(5) Carmen. saeculare, 7.

(6) Propert. 3, 10.

(7) Ovid. Trist. I, 5, 69.

(8) Apc. 17, 1.



o Profeta; e o anjo explica-lhe: «*As águas, que tu viste, onde a Cortesã está assentada, são os povos e as nações e as línguas*» (1).

Quem dominava então sobre mais ou tantas nações como Roma?

Dela escreveu Marcial: «*Terrarum Domina, gentiumque Roma*».

S. João chama-lhe ainda: «*Mãe das fornicções e abominações da terra*» (2).

A Bíblia chama *fornicação* à idolatria.

*Mãe das fornicções* equivale pois a *Mãe das idolatrias*.

E não o era Roma onde se adoravam todos os deuses e os próprios imperadores depois da morte recebiam o título «*Divos*»?

Diz mais S. João que com ela «*fornicaram os reis da terra*» e embebedou os seus habitantes «*com o vinho da sua prostituição*» (3).

Pois de Roma pagã escreveu S. Leão Magno: «*Cum per se omnibus dominaretur gentibus, omnium gentium serviebat erroribus; et magnam sibi videbatur assumpsisse religionem, quia nullam respuebat falsitatem*».

Quere dizer: como dominava sobre todos os povos, não rejeitava nenhum dos seus erros e falsidades, fazendo consistir nisso a sua grande religião.

Por outros termos: sede de imenso império, para ela fluíam e dela refluíam todos os erros e falsidades.

Note-se ainda que S. João lhe não chama *adúltera*: infiel ao seu espôso; nem diz que fêz *adulterar* os povos, mas fornicar.

Se porém de algum modo pudesse aplicar-se à Igreja Romana, como inconcebivelmente pretendem

---

(1) *Apc.* 17, 15.

(2) *Apc.* 17, 5.

(3) *Apc.* 17, 2.



*calvinistas e adventistas*, ela em verdade teria adulterado e feito adulterar os fiéis, atraçando o seu Espôso — Jesus Cristo, e a missão que Ele lhe confiara.

E, por agora, a êste propósito ou, antes, a êste inacreditável despropósito, nada mais.

## **Lamento da queda de Babilónia, de Roma idólatra, e do seu colossal Império**

Deus parece ter oferecido à *Bêsta* de 7 cabeças e 10 chifres, a Roma pagã e o seu Império, a paz e a duração na pessoa de Constantino, como oferecera uma e outra a Jerusalém, nas vésperas da consumação de sua iniquidade (1).

Apesar de Deus lhe haver conservado ainda por algum tempo a realeza, não se converteu; voltou ao culto dos seus ídolos sob Juliano, atribuindo todos os males do Império ao seu anterior abandono.

Dai o seu crescente ódio ao reino de Deus, a sua Igreja; o seu desespero, as suas blasfémias, contra o céu e seus santos.

Quem rejeita as larguezas da divina misericórdia, cai fatalmente aos golpes da divina justiça que, por muito tarde que venha, chega sempre a tempo.

\*

*Babilónia, a Grande, Roma idólatra, compareceu diante de Deus «para lhe dar a beber o cálice do vinho da indignação da sua ira» (2).*

*«Está feito» (3): foi julgada, sentenciada, condenada.*

---

(1) *Lc.* 19, 42.

(2) *Apc.* 16, 19.

(3) *Apc.* 16, 17.



«Porque os seus pecados chegaram até o céu e o Senhor se lembrou das suas iniquidades» (1).

«E depois disto vi descer do céu outro anjo, que tinha um grande poder; e a terra foi alumiada da sua glória.

E exclamou fortemente, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia...» (2).

«Ai, ai, daquela grande cidade de Babilônia, aquela cidade forte...» (3).

Ai, ai, daquela grande cidade que estava coberta de linho finíssimo, e de escarlata, e de grã, e que se adornava de ouro, e de pedras preciosas, e de pérolas...» (4).

«Ai, ai, daquela grande cidade, na qual se enriqueceram todos os que tinham navios no mar...» (5).

«Em um momento veio a sua condenação» (6).

«Em uma hora desapareceram tantas riquezas...» (7).

«Em uma hora foi desolada» (8)...» porque nela foi achado o sangue dos profetas e dos santos e de todos os que foram mortos sobre a terra» (9).

«Então um forte anjo levantou em alto uma pedra, como uma grande mó de moinho e lançou-a no mar, dizendo:

Assim, com este ímpeto, será precipitada aquela grande cidade de Babilônia, de sorte que ela se não achará jamais (10).

«Caiu, caiu aquela grande Babilônia que deu a

---

(1) Apc. 18, 5.

(2) Apc. 18, 1-2.

(3) Apc. 18, 10.

(4) Apc. 18, 16.

(5) Apc. 18, 19.

(6) Apc. 18, 10.

(7) Apc. 18, 17.

(8) Apc. 18, 19.

(9) Apc. 18, 24.

(10) Apc. 18, 21.



beber do vinho da ira da sua fornicção a tôdas as gentes» (1).

«A Bêsta era e já não é...» (2).

\*

Em 410, sendo imperador do ocidente o infeliz Honório e sumo pontífice Inocência I, Roma foi assolada, destruída e incendiada por Alarico, rei dos godos (3).

Em 455 tornou a ser saqueada por Genserico, rei dos vândalos.

Em 476 foi tomada, quasi sem peleja, por Odoacro, rei dos hérulos.

O Império estava já então retalhado em partes, tendo cada nação bárbara levado a sua.

Roma, perdido o seu Império, ficou sendo o jôgo das nações que tinha vencido, o ludíbrio dos seus príncipes e presa do primeiro que tentava a sua conquista.

Átila poupou-a por atenção e respeito ao papa S. Leão.

S. João viu e profetizou todos êstes acontecimentos a 200 anos de distância: *o triunfo do Cordeiro e a derrota das duas Bêstas*: a idolatria e a falsa ciência.

\*

A tudo isto assistiu a Igreja dos mártires, a Igreja dos papas, a Igreja de S. Pedro, a Igreja de Cristo, de pé, contemplando o incêndio e a ruína do politeísmo imperial, vitoriosa de tôdas as heresias, e prosseguiu na sua divina actividade civilizadora em meio dos bárbaros.

---

(1) *Apc.* 14, 8.

(2) *Apc.* 17, 8.

(3) *S. Jerón.*, *S. Ag.* e *Paulo Orósio*.



Eis como o Cordeiro os venceu por meio de sua Igreja:

Eram gentios, pagãos, idólatras, como os romanos; depois, parte aderiu à heresia, especialmente ariana; outra parte tornou-se perseguidora; *alfim porém fizeram-se todos cristãos, católicos.*

Realizou-se a profecia: «*Morta a Bêsta, o poder, o domínio, a vitória foi dada ao Filho do homem, ao povo dos santos do Altíssimo*», i. é, à Igreja; «*e todos os povos e nações e línguas o servirão*».

Já se disse que é impossível furtar-se hoje à divina influência do cristianismo, da Igreja dos Papas.

## A Aleluia triunfal dos santos

Ao baque estrondoso da grande Babilónia, perseguidora do «*povo dos santos do Altíssimo*», eles, parte gozando já das inefáveis e eternas delícias da pátria, parte combatendo ainda as duras batalhas do exílio, foram convidados a exultar:

«*Exulta sobre ela (a grande cidade que em uma hora foi desolada), ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas, porque Deus julgou a vossa causa, quanto a ela*» (1).

«*Depois disto ouvi uma como voz de muitas gentes no céu, que diziam: Aleluia. A salvação e a glória e o poder é ao nosso Deus... porque êle condenou a grande cortesã... e vingou o sangue de seus servos das mãos dela.*

E outra vez disseram: *Aleluia* (2).

E o cântico da Aleluia e dos louvores e adoração a Deus continuou a reboar pelos céus.

«*E ouvi uma como voz de muita gente e um como estrondo de muitas águas e como o estampido de gran-*

(1) *Apc.* 18, 20.

(2) *Apc.* 19, 1-3.



des trovões, que diziam: *Aleluia; porque reinou o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso*» (1).

É a voz da Igreja universal.

«*Alegremo-nos, e exultemos, e demos-Lhe glória; porque são chegadas as bodas do Cordeiro e a sua esposa está ataviada... Bem-aventurados os que foram chamados à ceia das bodas do Cordeiro... Estas palavras de Deus são verdadeiras*» (2)...

A Espôsa do Cordeiro é a Jerusalém celeste.

Depois de combater na terra, transmuda-se para o céu.

O linho finíssimo de que se veste «*são as virtudes dos santos*» (3): dos santos que ainda combatem e sofrem na terra, e dos santos que já descansam e exultam no céu.

O Profeta de Patmos continua:

«*Depois vi o céu aberto, e eis que apareceu um cavalo branco e o que estava montado em cima dele se chamava o Fiel e o Verdadeiro, que julga e peleja com justiça... e na sua cabeça estavam postos muitos diademas... e vestia uma roupa salpicada de sangue e o seu nome, por que se apelida, é o Verbo de Deus*» (4).

Este capítulo apresenta-nos uma nova imagem de Cristo-Conquistador: o *Fiel*, o *Verídico*.

Corresponde, quanto à essência, à do capítulo sexto (5), mas enriquecida com muitos traços do capítulo primeiro (6).

Cinge «*diademas numerosos*», para simbolizar os muitos povos conquistados no decurso indeterminado da história.

«*E seguiram-no os exércitos que estão no céu, em*

---

(1) *Apc.* 19, 6.

(2) *Apc.* 19, 7, 9.

(3) *Apc.* 19, 8.

(4) *Apc.* 19, 11-13.

(5) *Apc.* 6, 2.

(6) *Cf.* *Apc.* c. 1.



*cavalos brancos, vestidos de fino linho branco e limpo.*

*E da sua bôca saía uma espada de dois gumes, para ferir com ela as nações. Porque êle as governará com uma vara de ferro, e êle mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus Todo-Poderoso.*

*E êle traz escrito no seu vestido e na sua coxa: O Rei dos reis e o Senhor dos senhores» (1).*

Este verdadeiro Rei aparece em oposição ao Dragão, ao príncipe do mundo, ao Anti-Cristo, com suas multiplices cabeças coroadas (2).

\*

Os dois exércitos, com os seus respectivos Chefes, enfrentam-se:

*«E vi a Bêsta, e os reis da terra, e os seus exércitos congregados para fazerem guerra àquele que estava montado no cavalo e ao seu exército» (3).*

Não se descreve a batalha, mas diz-se o resultado dela:

*«Mas a Bêsta foi prêsa e com ela o falso profeta, que tinha feito os prodígios na sua presença, com os quais êle tinha seduzido os que tinham recebido o carácter da Bêsta e adorado a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no tanque ardente de fogo e de enxôfre; e os outros morreram à espada que saía da bôca do que estava montado sôbre o cavalo » (4).*

A profecia, — é mister í-lo repetindo sempre —, a profecia terá a sua plena realização à *segunda vinda de Cristo*; mas ela tem-se realizado, realiza-se e realizar-se-á durante todo o movimento de conversão ao cristianismo.

(1) *Apc.* 19, 14-16

(2) *Apc.* 19, 11-15. *Cf.* *Apc.* c. 13.

(3) *Apc.* 19, 19.

(4) *Apc.* 19, 20-21.



Não se trata pois de *milénio à adventista*, mas do *reinado espiritual de Cristo através dos séculos, mediante a sua Igreja*.

O leitor estará cansado e quiçá aborrecido de o ler, tantas vezes o temos escrito; mas encha-se de paciência para continuar a ler as que ainda faltam, como nós temos de encher-nos dela para as continuar a escrever.

O assunto assim o exige, como exige, a meu ver, se transcreva na íntegra o *capítulo vinte*, visto nêle especialmente se encastrar o *Adventismo*.

Diga-se desde já que êle não oferece novidades ao leitor, porque o Vidente resume neste capítulo as suas precedentes profecias.



## XIII

O capítulo vinte do Apocalipse.

Leve comentário.

Prisão do Dragão.

A expressão «mil anos».

O capítulo vinte do Apocalipse e o milénio adventista.

Duas vidas, duas mortes, duas ressurreições.

### **O capítulo vinte do Apocalipse**

*«E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na sua mão;*

*E êle tomou o Dragão, a Serpente antiga, que é o Diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos.*

*E meteu-o no abismo, e fechou-o, e pôs sêlo sobre êle, para que não engane mais as gentes, até que sejam cumpridos os mil anos; e depois disto convém que êle seja desatado por um pouco de tempo.*

*E vi cadeiras e se assentaram sôbre elas e lhes foi dado o poder de julgar; e também vi as almas dos decapitados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e os que não adoraram a Bêsta nem a sua imagem, nem receberam o seu carácter nas testas nem nas suas mãos, e viveram e reinaram com Cristo mil anos.*

*Os outros mortos não tornarão à vida, até que sejam cumpridos mil anos. Esta é a primeira ressurreição.*



Bem-aventurado e santo aquêlê que tem parte na primeira ressurreição; a segunda morte não tem poder sôbre êles, mas antes serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com êle mil anos.

E depois que os mil anos forem cumpridos, será Satã desamarrado da sua prisão e sairá e seduzirá as nações que estão nos quatro ângulos da terra, a Gog e a Magog, e os congregará para dar batalha, cujo número é como a areia do mar.

E subiram sôbre o âmbito da terra e cercaram os arraiais dos santos e a cidade querida.

Mas desceu do céu, por mandado de Deus, um fogo que os tragou; e o Diabo, que os enganava, foi metido no tanque de fogo e de enxôfre, onde assim a Bêsta.

Como o falso profeta, serão atormentados de dia e de noite, por séculos dos séculos.

E vi um grande trono branco e um que estava assentado sôbre êle, de cuja vista fugiu a terra e o céu, e não foi achado o lugar dêles».

«E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam em pé diante do trono; e foram abertos os livros, e foi aberto outro livro, que é o da vida; e foram julgados os mortos, pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.

E o mar deu os mortos que estavam nêle; e a morte e o inferno deram os seus mortos que estavam nêles e se fêz juízo de cada um dêles, segundo as suas obras.

E o inferno e a morte foram lançados no tanque de fogo.

Esta é a segunda morte.

E aquêlê, que se não achou escrito no livro da vida, foi lançado no tanque de fogo» (1).

---

(1) Apc 20, 1-15.



## Leve comentário

Primeiramente comentemos muito ao de leve este capítulo, tendo presente o sentir tradicional dos exegetas católicos.

### Prisão do Dragão

S. João declara que o Dragão é o mesmo que a Serpente antiga, que o Diabo, que Satanás <sup>(1)</sup>.

Observar-me-á o leitor:

— Se o espaço de *mil anos* é símbolo da duração do reino de Cristo desde o seu *primeiro* ao *segundo advento*; e se Cristo venceu, amarrou e encarcerou o Diabo durante o referido período indeterminado de tempo, enquanto reina nos céus com as almas bem-aventuradas e sobre a terra com a sua Igreja, — como anda êle pelo mundo tão à solta?...

A prisão de Satanás simboliza o triunfo do cristianismo.

Cristo venceu-o, arrancando-lhe o domínio que êle obtivera sobre o género humano ao seduzir directamente a *mulher* e por ela o *homem*; reelevando o homem ao estado sobrenatural, restituindo-lhe a graça e com ela o direito à glória, de que o maldito o esbulhara; em suma, diminuindo-lhe as forças e a liberdade de nos tentar e aumentando-nos os meios de resistência para o vencer.

Se depois de assim batido, nos parece tão à solta, estando prêso, que seria se o não estivesse?

O cão raivoso, embora prêso, também morde, se alguém se aproxima dêle, se invade o espaço que a corrente lhe deixa livre; e diz a profecia que o Diabo foi prêso com «*uma grande cadeia*» <sup>(2)</sup>.

(1) *Apc.* 20, 2.

(2) *Apc.* 20, 1-2.



Ficou-lhe, pois, ainda grande espaço livre para poder morder.

Quem não quer portanto ser mordido, não se aproxime.

Quem pretende divertir-se com um cão de má catadura, por sabê-lo acorrentado, expõe-se e sujeita-se às conseqüências.

Se fôr mordido, queixe-se de si e não do cão; não diga que êle estava solto; diga, sim, de si que foi imprudente, temerário.

E Deus não faz milagres para dar vitória a temerários, para ressalvar imprudências.

Quem se mete no fogo, queima-se.

São tantos e tais os meios, que Cristo nos deixou, de obter vitória contra o Diabo, que só os temerários e os covardes são vencidos.

Para êstes não há vitória, porque a não querem; há derrota.

Depois queixam-se de que o Diabo continuou à solta, de que Cristo o não amarrou e portanto afirmam que é falsa a profecia ou que o «*milénio*», o «*reino de Deus*» ainda não começou.

Que pretendem? que querem? Pretendem, querem que Deus amarre a liberdade humana, como amarrou o Diabo?

\*

Na ordem, ou melhor, na desordem das temeridades muito havia a considerar; mas não, que êste trabalho já ultrapassou muito, mesmo muito, muitíssimo, os limites que, em meu espírito, ao iniciá-lo, lhe tracei.

Ah, quantos não tomam compromissos e gravísimos e de enormes conseqüências de diversa ordem, temporal e eterna, com uma temeridade inaudita, pois



evidentemente vêem e, se o não vêem, fazem-lho ver, que não têm as necessárias aptidões para os cumprir!?

Um só exemplo. Quanto aos demais, o leitor que reflita.

Fazem-se padres...

Depois...?

Depois revoltam-se contra o celibato eclesiástico, contra a Igreja... e passam-se para o Protestantismo, para o Adventismo, para o Espiritismo, Teosofismo, Mancebismo, em suma, para o campo de concentração dos escandalosos e «traidores»...

— Que tremendas verdades, observará o leitor! Queimam como ferro em brasa.

— Pois quem se não queira queimar, que se não meta no fogo.

Sem dúvida! — leitor. São indiscutivelmente verdades duras; mas são verdades e verdades flagrantes: «*Dura veritas, sed veritas*, como escreveu Santo Agostinho.

O número destes infelizes, bem dignos do nosso dó e para os quais eu peço também o de Deus, i. é, que haja deles misericórdia e os converta, — pois a todos anelo a glória e a nenhum a pena —, o número destes infelizes, só entre portugueses, dava para pastorear uma Diocese...

## A expressão «mil anos»

A expressão «*mil anos*» não deve entender-se à letra: tem um significado simbólico.

É bem certo que «a letra mata e o espírito vivifica» (1)

Os milenaristas espirituais, como vimos, fundam-

(1) 2 Cor. 3, 6.



se na *letra*, na *morte*, e por isso o seu sistema necessariamente rui.

Assim, o número *mil anos*, de que usou S. João para marcar o período ou duração do triunfo e vitória do Senhor, de modo algum favorece o *milénarismo espiritual* e muito menos o *sensual* <sup>(1)</sup>.

O Profeta vê Satã prêso e encarcerado, i. é, diminuído em sua liberdade de tentar e vencer o homem por *mil anos*.

Quere dizer: por todo o tempo que o *reino de Deus* permanecer sôbre a terra.

Então o Senhor triunfará com os justos e a sua Igreja; e os velhos erros do paganismo, vencidos e destruídos, serão para sempre impotentes contra a verdade divina.

Eis certamente o sentido das duas profecias: danieliana e joanina.

\*

S. João empregou o número *mil* por ser de significação mística entre os judeus. Quis expressar com ele a duração dos tempos messiânicos sôbre a terra.

Nem é caso único.

Com esta mesma significação de período indeterminado de tempo, de longa e indefinida duração, se encontra em diversos outros lugares da Bíblia, como no Deuteronómio <sup>(2)</sup>, Paralipómenos <sup>(3)</sup>, Salmos <sup>(4)</sup>, Cântico dos Cânticos <sup>(5)</sup> e Eclesiástico <sup>(6)</sup>, etc.

Mais.

---

(1) Cf. Dan. 7, 14-27; Apc. 20, 1-15.

(2) Deut. 7, 9.

(3) I Paralip. 16, 15.

(4) Slm 104, 8.

(5) Cant. 4, 4.

(6) Eclis. 16, 3.



Encontra-se até na literatura profana (1).

A interpretação da palavra *mil* não é pois forçada. Quem tiver dúvidas pode verificar.

Depois, a natureza está cheia de mistérios; é insensatez pretender que a graça os não tenha.

O Apocalipse há-de ser sempre o que em verdade é: uma selva tão espessa e misteriosa que todo aquêle que, sem esclarecido *guia*, se embrenhar nela, arrisca-se a perder-se e a não atinar com a saída.

Quanto a *guias esclarecidos e divinamente esclarecidos*, temos apenas um *oficial*.

Deixemo-nos conduzir por êle: é a *Igreja católica*.

A razão foi já tantas vezes dita que quási me envergonho de a repetir mais uma vez.

## **O capítulo vinte do Apocalipse e o milénio adventista**

Nada indica na profecia joanina o *pretenso milénio de ordem material*.

Segundo a interpretação mais conforme com o espírito tradicional cristão, o Vidente refere-se ao tempo indefinido que decorrerá da ressurreição triunfante de Jesus Cristo à ressurreição final dos corpos, no fim do mundo.

Durante êste período, desconhecido para nós, as almas dos justos, apenas despojadas da vestidura do seu corpo, gozarão no céu da visão beatífica, e as almas dos condenados, igualmente separadas do seu corpo, padecerão já as penas do inferno.

Portanto Jesus Cristo reinará já por sua bondade e justiça num reino que não conhecerá revoltas nem injustiças.

---

(1) Cf. *Aensid.* 1. 2; *Tanchuma*, f. 225; *Westenium*; *Rosenmuller, Scholia in Apoc.* t. V, pg. 821, — citados por *Mons. Elie Méric: «L'Autre Vie»,* t. 2, pg. 97



\*

Dobados os séculos incluídos sob a expressão alegórica de *mil anos*, Jesus Cristo descerá do céu, em toda a sua majestade e glória, os povos ressuscitarão e os tempos serão completos.

Antes porém desta consumação final dos tempos, *haverá a anunciada, tremenda e pavorosa revolta* do génio do mal contra a Igreja.

Mas Deus, infinitamente bom e infinitamente poderoso, não abre mão dos seus: a prova será de breve duração, a vitória certa e o triunfo estrondoso:

Satanás será vencido e destruído com todos os seus aliados e encarcerado para sempre.

S. João, ao descrever esta última batalha, não fala de eleitos.

E como havia de falar, se a fé e a razão repelem semelhante hipótese?

De facto, a fé ensina que as almas dos justos, após a morte, a morte do corpo, se tiverem pago já o último ceutil de sua dívida à divina justiça <sup>(1)</sup>, entrarão imediatamente na posse e gozo da infinita e eterna beatitude.

E hão-de abandoná-la e reincarnar para se baterem sangrenta e vitoriosamente com os inimigos da verdade?

\*

Todos êstes sonhos quiméricos, comentários inadmissíveis do Apocalipse, do mais misterioso dos livros que ainda caíu nas mãos do homem, deixam-nos absolutamente indiferentes e incrédulos.

Preferimos sentir com Bossuet <sup>(2)</sup>:

---

(1) *Mt.* 5, 26.

(2) *Bossuet*: t. 2, pg. 562 (Edition Vivès).



«Se devêssemos tomar à letra a Cidade em que Jesus viria reinar com os seus mártires, ressuscitados e gloriosos, em corpo e alma, não saberíamos explicar como viriam assediá-la as nações inimigas, reinando sensivelmente nela Deus, com um povo imortal.

É necessário pois tomar esta Cidade em sentido espiritual, entender por ela a Igreja; em sentido espiritual tomar igualmente este campo, entendendo por elle a sociedade dos filhos de Deus ainda inteiramente revestidos de sua carne mortal e em lugar de tentação; e portanto também tomar em sentido espiritual este combate, entendendo por elle o que os hereges não cessam de oferecer-nos e em que hão-de redobrar de ardor no fim dos séculos.

Eu não quero assegurar que não haverá combates dos reis cristãos contra o Anti-Cristo: o que eu quero notar é que S. João tudo attribui a sedução; e, quanto ao mais, é segredo do porvir onde, confesso, não vejo nada».

Quando Jesus Cristo diz: «*Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem, viverão*» (1), sua palavra tem um sentido espiritual.

Ele não ensina aqui a ressurreição dos bons e o aniquilamento dos maus, *nem uma primeira ressurreição dos justos, mil anos anterior à última e geral ressurreição de bons e maus.*

Nada se encontra neste texto que autorize semelhante interpretação.

O Senhor ensina que todos os que, ao ouvir sua doutrina, se converterem à fé, viverão a *vida espiritual e sobrenatural* reservada aos justos.

E, ao contrário, que os que, tendo-a ouvido, se não converterem, à mingua de fé e de graça, serão

(1) Jo. 5, 25.



espiritualmente feridos de morte eterna e privados da glória na outra vida.

As seguintes palavras, que se encontram no mesmo capítulo, não nos deixam dúvida alguma àcerca do pensamento do Senhor (1): «*Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não incorre na condenação, mas passou da morte para a vida*».

«*Vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus*».

«*Os que obrarem bem sairão para a ressurreição da vida, mas os que obrarem mal, sairão ressuscitados para a condenação*».

Vê-se claramente que todos os mortos, bons e maus, eleitos e condenados, hão-de ressuscitar, nada indicando que esta *ressurreição geral* seja precedida *mil anos* de outra *particular*.

Que texto da Bíblia sagrada ou que testemunho de geral e autêntica tradição cristã ensina que entre a morte, o juízo e a execução da sentença mediará o período de *mil anos*? (2).

\*

Eis o ensino contínuo, firme e claro dos Santos Padres e Doutores, nomeadamente de Santo Agostinho, S. João Crisóstomo, Santo Ambrósio, dos teólogos e dos concílios gerais de Lião (1271), de Florença (1439), e de Trent., sess. 25.<sup>a</sup>.

Como admitir que o *reino dos eleitos* venha expor-se sobre a terra a *novas provas* e à *luta suprema de Satanás e seus aliados*?

O tempo da prova passou.

---

(1) Jo. 5, 24, 26, 28.

(2) Cf. 2 Cor 5, 1-15.



*«Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor!*

*De hoje em diante, diz o Espírito, que descansem dos seus trabalhos, porque as suas obras os seguem» (1).*

O nosso espírito acha bem que um dia Cristo, ressuscitado, triunfante e glorioso, reapareça descendo sobre as nuvens do céu em todo o esplendor de sua glória e em toda a majestade de seu poder. O nosso coração deseja que a Igreja, agora ultrajada e perseguida por seus inimigos, seja um dia exaltada perante eles, e eles, mortos na impenitência, para sempre confundidos em seu orgulho.

A nossa consciência aplaude que os justos e os mártires, os defensores e testemunhas da justiça compareçam um dia revestidos de glória em presença de seus algozes e vilipendiadores, cobertos de eterna ignomínia.

Mas esta *segunda vinda de Jesus* e este triunfo da justiça nada têm que ver com os sonhos do *milénarismo*, do *adventismo*.

## **Duas vidas, duas mortes, duas ressurreições**

Mais uma palavra quanto à *ressurreição*. Convi-  
rá precisar mais o assunto.

Há efectivamente *duas ressurreições*, como há *duas mortes*, como há *duas vidas*; vida natural e vida sobrenatural; morte do corpo e morte da alma; *ressurreição do corpo* e *ressurreição da alma*.

A alma é a forma substancial do corpo, o princípio da sua vida.

Separam-se?

O corpo morre; a alma continua a viver, porque é vida; não pode separar-se da vida, porque não po-

(1) *Apc.* 14, 13.



de separar-se de si mesma; não pode morrer: é de sua natureza imortal.

Quando ela tornar a unir-se ao corpo, o corpo ressuscitará.

A separação é a morte; a união é a vida.

*Isto na ordem natural.*

*Na ordem sobrenatural:*

Deus é a vida da alma, pela sua união com ela pela graça.

O pecado mortal faz-lhe perder a graça, separa-a de Deus.

Para voltar novamente à vida na ordem sobrenatural, tem que voltar do pecado mortal à graça, unir-se novamente a Deus, que é a sua vida.

É desta dupla vida, dupla morte, dupla ressurreição, que fala o Apocalipse.

Se a alma passar da vida presente à vida futura, nada tendo já, nem a mínima falta leve, a expiar, entra logo no «eterno milénio» com Cristo, «*Primogénito de toda a criatura*» (1), «*Primogénito dos mortos*» (2), «*Chefe supremo dos redimidos*» (3), gozando de todo o prémio que lhe pertence como espírito bem-aventurado, embora o corpo que tomou parte no combate só venha a participar da vitória depois de ressuscitado no último dia.

Só então o corpo entrará no gozo do seu «*milénio*», que constituirá um só «*milénio*» com o da alma, como alma e corpo constituíram um só princípio de operações.

Em resumo:

Por «*primeira ressurreição*» (4) deve entender-se a passagem do estado de culpa ao estado de graça, na vida presente.

(1) *Colos.* 1, 15.

(2) *Apc.* 1, 5; *Colos.* 1, 18.

(3) *Efés.* 1, 22; 4, 15; *Colos.* 1, 18.

(4) *Apc.* 20, 4.



De dizer, pois, o Apocalipse que o *reino de Cristo* será composto de ressuscitados não se segue necessariamente que todos tenham fisicamente morrido.

No sentido exposto, a vida presente é denominada «*primeira ressurreição*».

É na premente necessidade desta ressurreição para Cristo que o Apóstolo tanto insiste (1).

O *milénio*, — como se disse, redisse e redirá —, é de *carácter espiritual*: abrange o tempo e a eternidade; a vida da graça para uns e a vida da glória para outros. Não se estende portanto a tódá a humanidade.

Limita-se, na vida presente, aos que pertencem à alma da Igreja, porque só êstes hão-de quinhoar no prémio da glória.

É um quadro da vida da Igreja: parte passada na terra, parte no céu.

Todos os que partiram dêste mundo em graça, desde que já nada tenham a expiar no purgatório, como se disse, reinam com Cristo, sem esperar a *segunda vinda*.

Mas onde reinarão?

Sôbre tódá a terra certamente não, pois em seus quatro recantos reinarão ainda Gog e Magog.

Êstes não reconheceram a realeza de Cristo.

Depois o Vidente de Patmos apresenta-nos o *Cordeiro* no monte Sião, a Igreja, aguardando o ataque das *Bêstas* e seus cúmplices, como que em suas linhas de defesa, cercado de sua numerosa escolta: os *fiéis* (2).



Parece, efectivamente, que Sião, a Cidade santa,

(1) *Cl. Rm.* — repetidas vezes; *Efés.* 3, 14; *Coloss.* 3, 2

(2) *Apc.* 14, 1.



a Igreja, será o campo de batalha dos *santos* <sup>(1)</sup> contra Gog e Magog que, instalados pelo demónio, pretendão tomá-la, assentar sua sede nesta *Jerusalém espiritual*.

Daqui se vê também que a *prisão de Satã por mil anos* e sua impotência, durante êles, de seduzir as nações não é *absoluta*.

Ainda lhe fica muita liberdade de acção.

Ao contrário, Cristo não reinaria apenas sobre *Sião espiritual, a Igreja, com os santos e sobre os santos*, como que esperando o ataque de Gog e Magog, do seu imenso povo.

O Diabo não podia estar ligado senão *relativamente* <sup>(2)</sup>.

Virtualmente vencido e aniquilado, não podia seduzir novas nações, nem estender o seu reino; mas podia, embora com muito esforço, manter em determinados pontos o seu exército de reserva e preparar o assalto final.

\*

Santo Agostinho aproxima esta prisão de Satã do que Jesus Cristo diz do *Forte armado* <sup>(3)</sup>.

Jesus Cristo ligou Satã, quando começou a destruir seu império, a atacar sua casa.

Mesmo no meio das perseguições o *Forte armado*, o antigo *Príncipe dêste mundo* perdia continuamente terreno, porque lhe tinha sido tirada a sua grande arma <sup>(4)</sup>.

*A sua reclusão no abismo* pode não diferir es-

---

(1) *Apc.* 16, 6.

(2) *Cf.* S. Ag. *Civit. Dei*, XX, VII-VIII; Bossuet *ad loc.*

(3) *Cf.* *Mrc.* 3, 27; *Luc.* 11, 22.

(4) *Apc.* 12, 10.



sencialmente, quanto ao sentido, da sua queda sôbre a terra, de que fala o *capítulo doze* (1).

A prisão de Satã durará *mil anos*.

«Depois convém que ele seja desatado por um pouco de tempo» (2).

Já expusemos o significado da expressão «*mil anos*»; e igualmente, embora por outros termos, que assim como o domínio milenário se não estende a todos os homens, assim o cativeiro de Satã não é absoluto.

\*

«E vi cadeiras (tronos) e se assentaram sôbre elas e lhes foi dado o poder de julgar» (3).

Os assessores de Deus, sentados sôbre tronos para julgar o mundo, são talvez as criaturas celestes, como se lê em Daniel (4), e os eleitos da humanidade, segundo a promessa de Jesus Cristo aos Apóstolos e estas palavras de S. Paulo (5): «Não sabeis que os santos julgarão o mundo?»

\*

Ao lado dêles S. João vê as *almas dos decapitados pela Bêsta*, os mártires, os confessores, os cristãos fiéis que perseveraram até o fim, todos os que não adoraram o *monstro*, quer se trate de mortos quer de vivos.

O profeta vê os fiéis da terra presentes no céu, em companhia dos anjos e bem-aventurados, exercendo com eles funções litúrgicas de sacerdotes e de can-

---

(1) *Apc.* 12, 9-18.

(2) *Apc.* 20, 3.

(3) *Apc.* 20, 3; *Dan.* 7, 9; *Mt.* 19, 28; *Lc.* 22, 20 e paralelos

(4) *c.* 7.

(5) *I Cor.* 4, 2.



tores, porque já estão no céu por seus pensamentos e affectos, etc., etc.

É certo que todos os fiéis em *sentido amplo* e os padres católicos em *sentido stricto* constituímos sôbre a terra e nos céus um só Sacerdote com Jesus Cristo e com Ele oferecemos ao Pai um só sacrifício.

Jesus Cristo não está dividido: nem como Deus, nem como Homem; nem como Vítima, nem como Sacerdote.

Não obstante isto ser verdade, aventa-se-me que o motivo particular aqui é o seguinte:

S. João fala do *milénio triumphal*, do reino da glória, do paraíso, em que os santos reinarão com Cristo (1).

Chama-lhes «*sacerdotes de Deus e de Cristo*», porque unidos a Cristo constituirão com Ele um só Sacerdote e com Ele oferecerão um só Sacrifício de louvor ao Pai (2).

\*

— Porque chamará S. João ao paraíso espaço de *mil* anos? — perguntará o leitor.

— Chama-lhe espaço de *mil* anos, como chama Babilónia a Roma pagã e Bêsta de 10 chifres ao Império Romano.

— Mas porque não empregou êle expressão mais apropriada?

S. João não fala de corpos; fala sòmente de almas. Escreve: «*Vi as almas dos degolados por darem testemunho de Jesus... e vivcram e reinaram com Cristo mil* anos (3)».

Certamente quis significar o espaço *indeterminado*

---

(1) *Apc.* 20, 5-7.

(2) *I Petr.* 2, 5, 9; *Slm.* 49, 14, 23; 106, 22.

(3) *Apc.* 20, 4.



de tempo que vai desde que deram a vida do corpo por Cristo até que Ele lha restitua na ressurreição final.

Na verdade, a alma só receberá todo o prêmio a que as suas boas obras lhe deram direito, quando assumir, vir e possuir o seu corpo também glorificado.

Na integridade de sua natureza praticou o bem e o mal?

Só na integridade de sua natureza receberá prêmio ou castigo condigno.



## XIV

O milénio apocalíptico.  
Eterno destino dos inimigos do Reino de Deus.  
A Bêsta do Apocalipse.  
O Anti-Cristo.  
Os livros apocalípticos.

### O milénio apocalíptico

Primeiramente fixemos bem esta afirmativa tantas vezes feita e que deve ficar indelêvelmente gravada em nosso espírito: *o reino milenário apocalíptico é de carácter meramente espiritual.*

Ele é para S. João uma *realidade, não puramente futura*, mas desde então já em substância *actual*.

O *milénio do tempo* e o *da eternidade* constituem uma única unidade indivisível, como a Igreja da terra, do purgatório e do céu.

Por outros termos: há *um só milénio*, como há *uma só Igreja*.

Ele não começa com a «*Parousia*», ou *segunda vinda* de Cristo; precede-a necessariamente <sup>(1)</sup>.

O ponto mais delicado e mais discutido é saber se ele deve acompanhar ou seguir cronològicamente os factos precedentemente profetizados.

Se não é, parece certo, que não há pròpriamente sucessão cronológica mas simultaneidade entre as realidades do *milénio* e as das visões precedentes; que as não pode seguir, mas que as deve acompanhar, coexistir com elas.

---

(1) Cf. *Apc.* 14, 1-5; cc. 29; 7, 9-17; 21-22.



Isto mesmo parece também deduzir-se da aproximação do que se diz em diversos capítulos, entre os quais devem enumerar-se o *nono* e o *duodécimo*.

\*

Vê-se que a *relativa impotência do Dragão*, desde a Ascensão de Cristo <sup>(1)</sup>, o não impede de perseguir a *Mulher* e de incitar as *Bêstas* contra a Igreja.

E vê-se sobretudo que a derrota das *Bêstas* não pode preceder a insurreição e ruína de Gog e Magog.

Com efeito, todos os reis da terra, susceptíveis de se tornarem aliados do Anti-Cristo, se amotinaram e encontraram em Harmagédon.

Sairam da bôca da *Bêsta*, do *falso profeta* e do *Dragão* <sup>(2)</sup>.

Todo êste exército das *Bêstas* foi vencido e aniquilado <sup>(3)</sup>. Depois desta vitória decisiva do Verbo, onde restariam inimigos seus?

Ê pois necessário que os representados por Gog e Magog estejam incluídos entre os que pereceram neste desastre.

Portanto, a *batalha* descrita no c. 20, 8-10 contra os santos do *milénio* não é mais do que uma recapitulação da *batalha* das *Bêstas* contra a Igreja.

Logo o *milénio* devia coexistir com o império do Anti-Cristo.

A comparação com o c. 16, 1-5 favorece esta conclusão, porque o exército dos ascetas concentrado em volta de Cristo no monte Sião, *cidade querida* do c. 20, 8, opõe-se ao exército dos que adoraram a *Bêsta*, que são os povos gentios do império romano <sup>(4)</sup>, contemporâneos de S. João.

(1) *Apc.* c. 12.

(2) *Cf.* *Apc.* 16, 13-16, 20, 8.

(3) *Apc.* 19, 19-21.

(4) *Apc.* 13, 14-17



Assim, a descrição do c. 14, 1-5 corresponde aos factos que o profeta tem diante dos olhos.

Demais, os fiéis já estão marcados na fronte com o sinal de Deus <sup>(1)</sup>, antes que o *livro dos sete selos* esteja completamente aberto, i. é, desde que Cristo entrou no céu <sup>(2)</sup> e tomou posse, *de direito*, de sua universal realza.

\*

Esta ocupação de Sião pelo *Cordeiro* e suas *fôrças* é pois um facto, cujos começos podem ser anteriores à *visão*; é idêntica ao *milénio*.

Portanto o *milénio*, êste *reino espiritual dos santos*, não começou apenas com a paz de Constantino; começou com a época dos Apóstolos. Identifica-se com o *reino de Cristo* na Igreja e no mundo.

Isto mesmo se depreende do c. 16, 21.

O *milénio* não constitui um período cronològicamente separado do resto das idades messiânicas; coincide com elas.

Assim opinam Santo Agostinho, André de Cesareia e a tradição católica, para aquém da ruína do *quirlismo*, exceptuados os joaquinitas.

## **Eterno destino dos inimigos do reino de Deus**

A profecia do *milénio* constituiu sempre um só todo com as restantes profecias e é simplesmente a *figura do domínio espiritual da Igreja militante, unida à triunfante*, desde a glorificação de Jesus até o fim do mundo <sup>(3)</sup>.

---

(1) *Apc.* 14, 1.

(2) *Apc.* etc. 3.

(3) *Apc.* 20, 11.



O *capítulo vigésimo*, e bem assim o *duodécimo*, resume o conjunto das lutas da Igreja contra o Diabo e seus aliados e seu resultado definitivo: o triunfo de Cristo.

Os adoradores da *Bêsta* e os do *Cordeiro* são-nos apresentados sempre como dois exércitos em frente um do outro.

Até se indica o campo de batalha dos santos: a sede da *cidade querida*: Sião ou Jerusalém, — símbolo da Igreja.

\*

Como se disse, *Jerusalém* umas vezes representa uma *cidade*; outras, uma *mulher*; e quer represente uma *cidade*, quer uma *mulher*, representa sempre a *Igreja*.

S. João figura a Igreja em Jerusalém e Jerusalém numa *Mulher*.

A *Mulher do capítulo 12* é a *Igreja*, a *Sião espiritual*.

A *Igreja-Mulher* é a *Mãe* dos filhos de Deus, cujo *Primogénito* é o *Messias*; e também a *Espôsa de Deus-Homem*, como a *Sinagoga* o era de Javé.

A *Espôsa do Cordeiro* é a *Mulher* do c. 12, refugiada no deserto, fugindo das ciladas do Dragão.

A *Jerusalém celeste* está também sobre a terra, onde sofre e ora <sup>(1)</sup>.

\*

Estas simples noções projectam não pouca luz sobre muitas passagens misteriosas de tão misterioso livro.

---

(1) *Apc.* 22, 17.



O «*povo dos santos do Altíssimo*», a Igreja sai sempre vitoriosa, porque o Cordeiro, que é no meio dela, é ao mesmo tempo o «*Leão de Judá*» (1), bem mais temível que o leão-pantera-urso-diabo (2). Ele identifica-se com o «*Rei dos reis*» do capítulo dezasseite (3) e com o Verbo vitorioso do capítulo dezanove (4).

O Apocalipse apresenta-nos Cristo, ora como *Cordeiro*, ora como *Cavaleiro*, i. é: como Salvador pessoal e como *Palavra* conquistadora; como que flutua entre a idéia pessoal do Verbo e a do desenvolvimento histórico do Evangelho, pelos prégadores que envia (5).

\*

Os exércitos inimigos do «*reino de Deus*»

«*Subiram sôbre o âmbito da terra e cercaram os arraiais dos santos e a cidade querida.*

*Mas desceu do céu, por mandado de Deus, um fogo que os tragou; e o Diabo, que os enganava, foi metido num tanque de fogo e de enxôfre, onde assim a Bêsta como o falso Profeta serão atormentados, de dia e de noite, por séculos dos séculos*» (6).

Eis a sorte que espera todos os perseguidores de Jesus Cristo e do seu reino, a sua Igreja, e dos seus fiéis servos: os *verdadeiros católicos*.

Riam-se, se quiserem agora, que terão bem tempo de chorar: a eternidade (7).

---

(1) *Apc.* 5, 5.

(2) *Apc.* 13, 2.

(3) *Apc.* 17, 14.

(4) *Apc.* 19, 11-16.

(5) *Cf. Apc.* cc. 5, 6, 14 e 19.

(6) *Apc.* 20, 8-10.

(7) *Lc.* 6, 25.



## A Bêsta do Apocalipse

*A Bêsta apocalíptica de modo algum pode ser a Igreja Romana, como pretendem os calvinistas modernos, chefiados pelo seu ministro Jurieu, e os adventistas.*

Não são apenas os católicos que o afirmam, mas também, geralmente, os seus mesmos adversários, e entre eles os mais doutos calvinistas, como Grócio, Hammond e Vóssio, que o têm como *indiscutível*.

Efectivamente, chamar à *Igreja Bêsta do Apocalipse* e ao Papa *Anti-Cristo* é simplesmente um inqualificável desafôro e os desaforos não se discutem: condemnam-se e desprezam-se.

É alto crime ignorar a história das benemerências da Igreja Católica, pelo menos em suas grandes linhas. Maior, negar-lhe a existência, como «*Reino de Deus*».

Que crime não será, pois, transformar a sua história de inauditos heroísmos, de incomensuráveis beneficências, de altíssimas virtudes e canonizadas santidades, na *história da Bêsta do Apocalipse e do Anti-Cristo*?

Este crime não tem nome.

O Diabo sempre maldisse de Deus, sempre contraditou e contrafez a sua obra.

Nisto se resumem todos os capítulos da sua história.

Senão, que é a história das heresias, das falsas religiões, senão a história de Satã?

Ele e elas é que são a *Bêsta do Apocalipse* e o *Anti-Cristo*.

\*

— Que lembrança foi essa de chamar *Bêsta do*



*Apocalipse* à Igreja Romana e *Anti-Cristo* ao Papa? — perguntará o leitor.

— Que lembrança foi essa? Foi o cúmulo de des-  
pudor; foi uma lembrança satânica.

Senhores *calvinistas e adventistas*!

Então a *Igreja dos Apóstolos*, dos Mártires, dos Confessores, das Virgens, dos Santos Padres, dos Apologistas, dos Clementes, dos Inácios, dos Justinos, dos Ireneus, dos Policarpos, dos Ciprianos, dos Jerónimos, dos Agostinhos, dos Basílios, dos Ambrósios, dos Epifânios, dos Fulgêncios, dos Atanásios, dos Hilários, dos Cirilos, dos Crisóstomos, dos Efréns, dos Gregórios, dos Bernardos, dos Tomás de Aquino, dos Boaventuras de Banhoréia, dos Albertos Magnos, dos Alexandres de Hales, dos J. Duns Escotos, dos Bossuet e de mil outros génios cristãos; a Igreja católica, em suma, com tudo o que lhe pertence, com tudo o que é obra sua, que é tudo quanto há de puro, de santo, de belo, de grande, de admirável, de verdadeiramente humano e divino no mundo, — é a «*Bêsta do Apocalipse*»?!

E há quem isto pense, quem isto sinta, quem isto diga e escreva no século XX?

Então a *dinastia do Pontífice romano*, que nos tem dado tantos mártires, tantos santos, tantos chefes da cristandade ilustres pelo sangue, pelo talento, pelo génio, por suas muitas letras e virtudes, a *dinastia de S. Pedro* é a *dinastia do Anti-Cristo*?!

Senhores *calvinistas e adventistas*: um pouco mais de respeito por quem os ouve e por quem os lê, já que o não têm por tão altas e venerandas personagens!

\*

O ignominioso titulo de *Anti-Cristo* recebeu-o o Papa primeiramente de Lutero, num dos seus momen-



tos de desespero e de raiva, ao ver-se por êle condenado e expulso do grémio da Igreja.

Que sinceridade a dêstes senhores!

Se o Papa *sancionasse a sua falsa doutrina*, continuaria a ser o Vigário de Cristo, o legítimo sucessor de S. Pedro; como porém *a condenou*, como zelou a integridade e pureza do Evangelho, o património da doutrina de Cristo, que recebera das mãos dos seus antecessores, mesmo à custa da perda da Alemanha, Inglaterra e outros países, passou a ser o «*Anti-Cristo*».

Oh! a sinceridade protestante, cismática, herética!

Muitos protestantes seguiram o pai Lutero, continuando a chamar «*Anti-Cristo*» ao Papa.

Os *adventistas* têm renovado com satânico fervor esta insultuosa linguagem.

Nalguma coisa se haviam de distinguir.

Encastelam-se nas profecias de Daniel e do Apocalipse e é dislate, insulto e blasfémia de revoltar.

Atribuem à Igreja romana os crimes de Babilónia, da Roma pagã, e por isso lhe chamam «*Bêsta do Apocalipse*» e ao Papa «*Anti-Cristo*».

Conclusão: o «*reino de Deus*» ainda não começou.

Efectivamente, fora da Igreja católica, onde está êle?

Excluído o Papa, quem é o Vigário de Cristo?

Não sendo, pois, a Igreja católica o «*reino de Deus*», não há nenhum; o mesmo se diga do Vigário de Cristo, não sendo o Papa.

\*

Da mesma falsa e nefanda premissa tiram outra falsa e nefanda consequência.

Quem serão os que hão-de gozar do seu decantado *milénio*?

Os católicos certamente não.



Já se disse que há um só *milénio*, como há uma só Igreja.

Portanto gozará do *milénio eterno* o que tomar parte no *milénio temporal*.

Ora, segundo o Apocalipse, só haverá *milénio* para «os que não adoraram a *Bêsta*, nem a sua imagem, nem receberam o seu carácter nas testas nem nas mãos (1)».

«Os que venceram a *Bêsta* e a sua imagem hão-de ter na mão cítaras de Deus e cantá-lo» (2).

Os que tinham o sinal da *Bêsta* e adoraram a sua imagem, sôbre êsses «veio um golpe cruel e perniciosíssimo (3).

«Seus nomes não estão escritos no livro da vida» (4).

«E aquêle que se não achou escrito no livro da vida, foi lançado no tanque do fogo» (5).

Ora, como para êles a *Bêsta do Apocalipse* é a Igreja e os católicos são os seus adoradores, segue-se que para estes não há *milénio*, nem *paraíso*.

Os santos da Igreja Católica, os heróis da fé, da caridade, da humildade, da paciência, da obediência, pobreza, castidade e demais virtudes, a verem os Luteros, os Calvinos, os Zuínglios, os Henriques VIII, as Isabéis de Inglaterra, os do «divre-exame», da liberdade bíblica e mil outros, subir com Cristo, primeiro para o *milénio* e depois para o *paraíso*, e êles continuarem a dormir no pó durante o *milénio* e serem por ultimo lançados no inferno?!...

Isto pensa-se?! Isto crê-se?! Isto diz-se?! Isto escreve-se?!

---

(1) *Apc.* 20, 4.

(2) *Apc.* 15, 2-4.

(3) *Apc.* 16, 2.

(4) *Apc.* 13, 8.

(5) *Apc.* 20, 15.



## O Anti-Cristo

S. Paulo chama-lhe: «o homem do pecado, o filho da perdição; aquêle que se opõe e se eleva sôbre tudo o que se chama Deus, ou que é adorado, de sorte que se assentará no templo de Deus, ostentando-se como se fôsse Deus...»

E vós sabeis que é o que agora o detém, a fim de que seja manifestado a seu tempo.

Porque o mistério da iniquidade já de presente se obra; sômente que aquêle, que tem agora fé, a conserve, até que este homem seja destruído.

E então aparecerá o tal iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o assôpro da sua bôca e o destruirá com o resplendor da sua vinda » (1).

A meu ver, concorda com S. João.

O Anti-Cristo judaico é a Bêsta de 7 cabeças e 10 pontas, saída do mar, cuja origem remonta a Daniel.

Ora esta Bêsta não é uma pessoa, mas uma colectividade, animada do espírito satânico; é um império ou impérios.

O homem do pecado é uma colectividade histórica contínua.

S. João não menciona nenhum Anti-Cristo pessoal.

Escreveu nas suas Epístolas:

«Filhinhos, é chegada a última hora; e como vós tendes ouvido dizer que o Anti-Cristo vem, também já desde agora há muitos Anti-Cristos, donde conhecemos que é chegada a última hora.

Eles saíram de nós, mas não eram de nós, porque, se elles tivessem sido de nós, ficariam certamente connosco; mas isto é para que se conheça que não são todos de nós» (2).

(1) 2 Tess. 2, 3-II.

(2) I Jo. 2, 18-19.



Um parêntese:

Ouvís o que o Discípulo amado diz de vós — os que primeiro fostes católicos e depois vos passastes para o *adventismo*, o *calvinismo*, o *protestantismo*, de um jacto, para seitas anti-católicas?

Apelida-vos de *Anti-Cristos*.

Mais ainda: diz que sempre o fostes e que não faltam *Anti-Cristos* entre os mesmos católicos.

Efectivamente, quem poderá enumerar os hipócritas?...

O Apóstolo continua:

«*Quem é mentiroso, senão aquêle que nega que Jesus seja o Cristo? Este tal é um Anti-Cristo, que nega o Pai e o Filho.*

*Todo aquêle que nega o Filho, não reconhece o Pai; todo o que confessa o Filho, reconhece também o Pai»* (1).

«*Todo o espírito que não confessa Jesus... é o Anti-Cristo, do qual tendes ouvido que vem; e agora já está no mundo»* (2).

O que não confessa que Jesus Cristo veio em carne, «*êste tal é impostor e Anti-Cristo»* (3).

Conclusão:

O *Anti-Cristo* não é uma pessoa; é uma colectividade: é o conjunto de homens que negam Cristo, teórica ou praticamente, e, antes de todos, os *hereges*, *cismáticos* e *apóstatas* e portanto também vós *adventistas* que abandonastes a verdadeira Igreja de Cris-

(1) I Jo. 2, 22-23.

(2) I Jo. 4, 3.

(3) 2 Jo. I, 7.



to: a Igreja de S. Pedro, a Igreja Católica, Apostólica, Romana.

Saístes do *Reino de Deus*, estabelecido sôbre a terra.

Reentrai, ao invés não sereis admitidos no *Reino dos céus!*

Operais já no mundo como o «mistério da iniquidade» de que fala S. Paulo <sup>(1)</sup>.

Em seguida ao trágico desfêcho da *última batalha entre o Cordeiro e a Bêsta*, S. João descreve a *Resurreição* e o *Juízo final*, segundo o que estava escrito nos *Livros*, que então foram abertos <sup>(2)</sup>.

## Os livros apocalípticos

«...*E foram abertos os livros, e foi aberto outro livro, que é o da vida; e foram julgados os mortos pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras*».

Os livros tradicionais, memoriados pelo Apocalipse, são 3:

O 1.º — contém os *decretos* de Deus sôbre o mundo e sôbre a Igreja <sup>(3)</sup>.

O 2.º — contém os nomes dos predestinados <sup>(4)</sup>.

O 3.º — contém as acções dos homens, segundo as quais o seu destino será fixado no dia do juízo <sup>(5)</sup>.

«*E aquêle, que se não achou escrito no livro da vida, foi lançado no tanque de fogo*» <sup>(6)</sup>.

O que absolutamente importa, o que é absolutamente necessário, — «*uma só coisa é necessária*» <sup>(7)</sup>»

(1) 2 Tess. 2, 7.

(2) Apc. 20, 12.

(3) Cf. Apc. c. 10.

(4) Apc. 3, 5; 13, 8; 20, 12 e 15; 21, 27.

(5) Apc. 20, 12 e 15.

(6) Apc. 20, 15.

(7) Lc. 10, 42.



—, é ter o seu nome escrito «no livro da vida do Cordeiro» (1).

S. João não descreve o inferno; caracteriza-o com uma só palavra: «a segunda morte, o tanque de fogo» (2).

---

(1) *Apc.* 21, 27.

(2) *Apc.* 20, 14; 21, 8.



## XV

Epílogo e fecho do Apocalipse.

A nova Jerusalém.

Duas palavras aos adventistas-sabatistas.

Portugueses!

Senhores protestantes portugueses de toda e qualquer seita, denominação, sistema religioso, adventistas e racionalistas!

Aos meus críticos.

### Epílogo e fecho do Apocalipse

Os últimos dois capítulos são dedicados à descrição da *«santa cidade de Jerusalém, que descia do céu, da presença de Deus»* (1).

*«E vi um céu novo e uma nova terra...*

*E eu, João, vi a cidade santa, a Jerusalém nova... adornada como uma esposa ataviada para o seu esposo.*

*E ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens e ele habitará com eles. E eles serão o seu povo e o mesmo Deus, no meio deles, será o seu Deus.*

*E Deus lhes enxugará todas as lágrimas de seus olhos; «e não haverá mais morte, nem haverá mais choro, nem mais gritos nem mais dor, porque as primeiras coisas são passadas.*

*Então o que estava assentado no trono disse: Eis*

---

(1) Apc. 21, 10.



ai faço eu novas tôdas as coisas. E êle disse-me: *Escreve, porque estas palavras são muito fiéis e verdadeiras.*

*Também me disse: Tudo está cumprido; eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Eu darei gratuitamente a beber da fonte da água da vida ao que tiver sede.*

*Aquêlê que vencer possuirá estas coisas e eu serei seu Deus e êle será meu filho.*

*Mas pelo que toca aos tímidos, e aos incrédulos, e aos execráveis, e aos homicidas, e aos fornicários, e aos que dão veneno, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no tanque ardente de fogo e de enxôfre, que é a segunda morte» (1).*

\*

Assim terminarão as batalhas do Cordeiro e seus exércitos com a *Bêsta, suas hostes e aliados*. Será esta a última palavra da sua história: da história das conquistas e vitórias de Cristo na fundação, difusão e estabelecimento do seu *Reino espiritual sôbre a terra*, e da história das derrotas de Satã e dos seus na longa e acerba guerra contra o «*povo dos santos do Altíssimo*».

Eis a derradeira evolução do *bem* e a derradeira evolução do *mal*!

A derradeira evolução do *bem*: a *vida eterna*.

A derradeira evolução do *mal*: a *morte eterna*.

É da passada, contemporânea e futura história desta evolução, desta tremenda luta e desta imensa vitória, — uma e outra de ordem espiritual —, que trata o Apocalipse joanino, e não de milênios de ordem material.

Quem teimosa, pertinaz e hereticamente os espere,

---

(1) *Apc.* 21, 1-8.



em vez da vida que sonha, encontrará a «segunda morte», que o mesmo Apocalipse lhe comina.

## A nova Jerusalém

A nova Jerusalém é uma realidade, parte actual e parte futura.

Os verdadeiros fiéis de Cristo, vivos ou falecidos, povoam-na já.

Comparando o fim do c. 7 ou o começo do 14 com os cc. 21 e 22, vê-se que o *Cordeiro*, que reina no céu e na cidade celeste, está também presente sobre a terra, na Sião terrestre, a Igreja militante.

Ele dá aos que crêem n'Ele — em alimento o maná, os *frutos da árvore da vida*, e em bebida as suas *águas*, i. é, a *graça e os seus instrumentos*, penhor da glória.

Comparando as *promessas* do fim dos cc. 2 e 3 com as descrições do céu, vê-se que o *reino de Deus* inaugurado pela Incarnação tem duas fases: uma na terra, outra no céu; mas muitas vezes são apresentadas no mesmo quadro por causa da *identidade substancial da graça e da glória*.

\*

*As alegrias temporais*, que, de onde em onde, entremeiam a presente vida, como que passam despercebidas a S. João.

Parece só ver as *provas* a que estão sujeitas as almas dos fiéis.

Apresenta-no-las porém gozando já de *alegrias íntimas e marcadas com um nome tão misterioso*, que só elas mesmas conhecem (1).

---

(1) *Apc.* 2, 17.



Em virtude do *sinhal de Deus* com que estão marcadas na fronte, são preservadas da tribulação que inunda o mundo.

Mas *esta promessa de preservação*, de mistura com o anúncio de *numerosas provas*, deve tomar-se *em sentido inteiramente espiritual*.

Significa que nem as calamidades cósmicas ou históricas, nem as perseguições das *Bêstas e do Dragão* fariam perder a *alegria íntima* aos que perseveraram em *união com Jesus*.

Não se trata, pois, de *felicidade temporal*, das *antigas promessas de fecundidade...*

## **Duas palavras aos adventistas-sabatistas**

A Bíblia, como fica dito, só lhes serve quando a podem dobrar a seu favor, embora com perigo de a rasgar.

Como a «Lei de Moisés» mandava observar o «sábado» (1) e Jesus Cristo diz no Evangelho «*Passarão o céu e a terra, mas não passarão as minhas palavras*» (2) os homens receosos de ofender a Deus (olha que santinhos!) observando o «Domingo», continuam a guardar o «sábado» judaico.

Porque se não declaram judeus e observam toda a «Lei de Moisés»?

Era mais simples e mais lógico do que serem cristãos e ao mesmo tempo judeus.

Porque adulteram a Bíblia, interpretando-a a seu bel-prazer?

Mas, para que correr atrás de lebre já alcançada?

\*

---

(1) *Exod.* 20, 8; 16, 23. *Dout.* 5, 15, etc.

(2) *Mt.* 24, 35; *Mrc.* 13, 31; *Luc.* 21, 33.



Um dos grandes escândalos dos fariseus era saberem e verem que Jesus-Cristo curava ao «sábado».

Então Ele lhes disse, entre muitas outras coisas, como se pode ver em S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas (1): «*O Filho do homem é Senhor até do sábado mesmo*».

E portanto também a sua Igreja, porque Ele lhe delegou todos os poderes que recebera do Pai e tomou o solene e divino compromisso de aprovar no céu quanto ela fizesse na terra (2).

«O sábado foi feito em atenção ao homem e não o homem em atenção do sábado» (3).

Como a substituição do «sábado» pelo «Domingo» começou logo no tempo dos Apóstolos, como se depreende do mesmo Apocalipse (4), é de crer que fôsse feita directamente pelo mesmo Jesus Cristo durante os quarenta dias que depois de ressuscitado conversou com eles àcerca do «*reino de Deus*», i. é, a sua Igreja (5).

Em suma: trata-se apenas de um preceito da lei natural, sim, quanto à sua substância, mas de mera liturgia quanto ao dia em que deve cumprir-se.

A sua transferência pois do «sábado» para o «Domingo» estava bem adentro dos âmbitos dos poderes que a Igreja recebeu do seu divino Fundador.

E é bem razoável e bem justo que o dia em que Deus iniciou a obra da criação e consumou a da redenção, o dia da ressurreição de Cristo e da descida do Espírito Santo seja o dia consagrado pela Igreja ao culto divino.

S. João declara logo no começo do seu Apocalipse

---

(1) Mt. 12, 8; Mrc. 2, 27-28; Lc. 6, 5

(2) Mt. 16, 19.

(3) Mrc. 2, 27.

(4) Apc. 1, 10.

(5) Act. 1, 3.



que a sua revelação ocorreu no *dia do Senhor*: em *domingo* (1).

Ainda uma palavra:

O *sétimo milénio espiritual*, ou «descanso de Deus», coincide com todos os outros *sábados*, como fica dito e redito, embora por termos diferentes.

É o *sabatismo* de que fala S. Paulo aos hebreus (2), em que os fiéis devem entrar, segundo a divina promessa, e em que entram já desde esta vida pela graça e depois da morte pela glória, segundo o mesmo Apocalipse (3), sem esperar a «*parousia*» ou *segunda vinda*.

Mais uma vez:

O número *mil anos* é um símbolo do reinado messiânico.

O *milénio* ou *reino messiânico* vai do *primeiro* ao *segundo advento*.

Segundo *tradição rabinica*, que não apenas cristã, só deve terminar com o mundo.

O *reinado de Cristo* com os santos sobre a terra (santos são todos os que se encontram na graça de Deus), é a actual condição da Igreja militante.

O seu *milénio* ou *reinado eterno* é a *Igreja triunfante e glorificada*.

## Portugueses!

Embora hoje a grande questão religiosa não seja o Protestantismo, sob nenhuma de suas inúmeras «*denominações*», pois está agonizante, senão morto, mister se torna todavia acautelar o nosso povo, o povo português, que foi sempre e ainda é tão católico, de certas *propagandas passionais, interesseiras* e não sei se diga também *políticas*, que surgem de onde em onde com pruridos de proselitismo.

(1) *Apc.* 1, 10.

(2) *Cf. Hebr. cc.* 3. e 4.

(3) *Apc.* 14, 13.



Mau português é todo aquêlê que pretende dividir, parcelar política e mais ainda religiosamente os seus compatriotas, quer se trate de protestantismo, quer de espiritismo, teosofismo, hermetismo, maçonismo, rotarismo ou de qualquer outra seita religiosa, com *capa de pública ou particular beneficência*, ou mesmo sem ela.

Não *há instituição de beneficência* que não caiba adentro da Igreja católica, tanto mais que foi ela a sua primeira inspiradora e instituidora.

### **Srs. protestantes portuguezes de tôda e qualquer seita, «denominação», sistema religioso, adventistas e racionalistas!**

Saibam e não esqueçam que só a Igreja católica tem autoridade divina para declarar o que na Bíblia deve entender-se em *sentido literal* e o que é mister entender em *sentido espiritual* e *qual êle seja*.

Os senhores não têm autoridade, nem para uma, nem para outra coisa.

Querem salvar-se? Querem entrar um dia no *Reino da eterna glória de Cristo*?

Entrem no «*reino que Ele estabeleceu sôbre a terra — a sua Igreja*» — e cumpram fielmente o código de suas leis dogmáticas, morais e litúrgicas.

Aceitem de boamente e bom coração a economia da graça redentora, estabelecida por Jesus Cristo:

«*Ide pelo mundo todo e prègai o Evangelho a tôda a criatura*.

*O que crer e fôr baptizado, será salvo; o que porém não crer, será condenado*» (1).

Atentem porém em que estas palavras «*Ide pelo mundo todo e prègai o Evangelho a tôda a criatura...*»

(1) *Mrc.* 16, 15-16.



não foram ditas a nenhuma seita religiosa e menos ainda a seita protestante, *espiritista ou adventista*, pois nem sequer existiam, nem mesmo à «*Igreja Discente*», i. é, à *Igreja Discípula*, à *Igreja dos fiéis*, — mas somente e exclusivamente à «*Igreja Docente*», à *Igreja Mestra*, aos *Apóstolos e seus legítimos sucessores*.

Não adulterem este mandado de Cristo à sua Igreja, andando pelo mundo a pregar «protestantismo, espiritismo, adventismo ou quaisquer outros erros», a semear joio, cizânia no campo, na seara do Senhor <sup>(1)</sup>

Desejam cooperar na difusão do Evangelho, do «*reino de Deus*»?

Submetam-se à sua Igreja e sigam as suas diretrizes.

É o lema da actual «*Acção Católica*».

Alistem-se nela.

Não perturbem a hierarquia, a ordem estabelecida por Jesus Cristo.

Aceitem-na; vivam o *Evangelho integral*, que é o meio mais eficaz de proveitosamente o difundir.

Não têm fé? Não crêem? Não querem salvar-se?

Deixem-se de questões de religião, de mistificações religiosas!

Não abusem da ignorância do povo! Não o iludam! Não o sugestionem para os seus fins políticos, interesseiros!

Sejam pelo menos dignos!

Não insultem, nem a história, nem a Igreja católica, nem os seus mais altos representantes, nem os seus fiéis!

Não chamem à luz treva, nem à treva luz!

A quem conhece a história das religiões, as lúdimas aspirações da natureza humana e as leis do raciocínio, impõe-se fulminantemente esta conclusão:

«*Ou a religião católica é a única verdadeira ou*

---

(1) Mt. c. 13.



*não há nenhuma que o seja; ou puro catolicismo ou puro racionalismo».*

Como porém a razão nem a si mesma se baste, adiramos ao Evangelho integral; permaneçamos firmes e inabaláveis em nossa fé <sup>(1)</sup>, a fé da santa Igreja católica, apostólica, romana, «a fé de Deus» <sup>(2)</sup>, «a fé de Jesus Cristo» <sup>(3)</sup>, «a fé do Filho de Deus» <sup>(4)</sup>.

*Ainda quando nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie um Evangelho diferente do que vos temos anunciado, seja anátema»* <sup>(5)</sup>.

Portanto «*Vigiai, estai firmes na fé e fortalecei-vos*» <sup>(6)</sup> para os seus combates, vitórias e triunfo.

### **Aos meus críticos**

Quero fechar êste meu livro como o abri: com duas palavras aos meus críticos de amanhã e de ontem.

Dêem-me pois licença de ocorrer antecipadamente a um ou outro de seus possíveis reparos.

Talvez não falte quem observe:

— As apóstrofes, com ares oratórios, são demasiadas.

— Não digo que não. Direi, sim, que efectivamente escrevo como sempre prèguei, abonando o dito de um ilustre crítico de «O problema cruciante do além».

E faço-o, — surpresa quiçá para algum leitor —, e faço-o reflectida, pensada e estudadamente.

Segui sempre êste mesmo método em minhas prègações, entre nós, aqui no continente como nas ilhas, na Nova Inglaterra como na Califórnia, em Hawaii

(1) *I Petr.* 5, 9.

(2) *Mrc.* 11, 22.

(3) *Rm.* 3, 26.

(4) *Gal.* 2, 20.

(5) *Gal.* I, 8-9.

(6) *I Cor.* 16, 13.



como no Brasil, — tendo-me dado sempre bem com êle, pois, felizmente, nem por isso as multidões fugiram de mim, mas para mim.

Se alguma vez não tive grande auditório, foi uma verdadeira excepção, devida a circunstâncias locais ou regionais, que não ao meu sistema de anunciar a palavra de Deus.

Se acaso percebesse, — o que em boa verdade não era difícil —, que êle não só não favorecia, mas ao invés prejudicava o meu ideal missionário, que era toda a minha paixão, tê-lo-ia imediatamente modificado.

A fôrça dos meus nervos nunca foi tão grande, que a não pudesse dominar.

Quantas vezes não tive que pedir-lhes, por necessários, efeitos que êles mal podiam produzir?

Daqui, certamente, o seu actual esgotamento.

Admira, porventura, que alguém que apenas prègou ou pregue uma ou outra vez, uma ou outra semana, um ou outro mês seguido, e em sua terra, discorde de quem vai mundo em fora, com o fim exclusivo de despertar as multidões adormecidas no esquecimento ou indiferença religiosa, inteiramente entregues ao cuidado, à ansiedade de bens terrenos, e de as levar a deixar preguiças espirituais, trabalhos, passatempos e maus caminhos; de as arrancar de tudo isto e mais alguma coisa e de as fazer voltar à fé e à prática da religião da sua infância, consumindo neste santo e árduo apostolado anos e anos seguidos, excedendo o número de prédicas o número de dias?

Ah, então a cooperação do prègador com a divina graça tôda é pouca, embora empenhe nela não só tôdas as faculdades do seu espírito e sentimentalidade do seu coração, mas até tôda a elasticidade dos seus nervos!

Quem a valer quer salvar almas, tem que dar-se,



sacrificar-se, imolar-se, como o divino Mestre se deu, se sacrificou, se imolou.

Ele, «modo divino»; o seu arauto, «modo humano».

Percebem-se os nervos em acelerado movimento, em agitação; não são porém êles que se movem, que se agitam a si mesmos. O motor é e deve ser outro.

Como o temor de Deus e de sua justiça não é o principio único de bem, também os nervos não são a origem única do movimento oratório ou literário. Há outros propulsores.

O orador, o agitador de multidões que se apresente a falar meio-morto, embora com sobeja razão o esteja, abre falência em sua missão.

A morte não gera a vida; friezas não acendem fervores; desânimos não produzem entusiasmos.

Impõe-se-lhe portanto, em tais circunstâncias, um verdadeiro milagre: transformar fraquezas em fôrças.

Ouvem-no? Dividem-se as opiniões. Entre elas não falta esta: — Que poder de nervos!

— Pura ilusão! O motor, repito, é muito outro. Sabe-o Deus e o orador.

Depois, todo o orador, — sacro ou profano —, que não põe em acção, quando fala, todo o seu ser. físico como espiritual, não merece o nome de orador, embora os seus discursos sejam um primor de arte e bem dizer.

Os livros ensinam a bem-falar, mas não criam o orador; ensinam muito, mas não ensinam tudo: a experiência também ensina alguma coisa.

\*

A propósito.

Dizia-me em S. Paulo, Brasil, alguém que tinha grande facilidade de palavra e foi pouco depois ele-



vado ao episcopado: — Eu não sou orador; eu sou um grande falador.

E era verdade.

Ser grande *falador* e ser *orador* não são uma e mesma coisa.

Deus libèrrimamente distribuiu os seus dons.

Todos temos alguma coisa; mas haverá, fora de Deus, quem tenha tudo?

Os sêres somos uns para os outros.

É assim no reino mineral e vegetal, e é assim no reino animal e humano.

Cada um dá do que tem. As sobras de uns constituem o preciso dos outros.

\*

Prossigo no primeiro pensamento.

Quem, falando ou escrevendo, tem em mira exclusiva o bem das almas, não atende tanto às boas normas oratórias ou literárias, quanto ao que a experiência própria lhe mostrou ser-lhes de real proveito.

Sigo em meus escritos o mesmo método que sempre segui em minhas prédicas, porque tenho nêles o mesmo fim que tive nelas: o bem das almas.

A alma é tudo, como disse o divino Mestre.

— Mas afinal em que consistia êsse método? — perguntará o leitor, observando ainda: — Não conviria expô-lo mais claramente em duas palavras, sendo possível?

— Consistia em fazer passar o assunto diante do auditório como em fitas cinematográficas.

Quando era rapaz, até o desenhava mentalmente em quadros nas paredes da Igreja. Ia olhando para êles e falando.

E ainda: De onde em onde despertava a atenção do auditório com uma apóstrofe inesperada.



Isto, certamente, não servirá para todos; mas como pode servir para alguém, aqui lho deixo em testamento, pois a minha vida não deve ir longe.

Em minha franciscana pobreza, que hei-de legar senão bons conselhos?

Confesso, sem rubor, que, tendo-os seguido como normas durante 46 anos, nunca os encontrei maus.

Serei um excêntrico?

Serei. Por isso eu próprio costumava dizer dos meus *sermões*: «são sermões à P. Rolim».

Digam outro tanto, se lhes aprouver, dos meus livros: «São livros à P. Rolim».

\*

Quanto a *exageros de lógica*, êles não são exclusivos de oradores. Quem os não comete? Comete-os o autor, o escritor e o crítico, e por vezes o crítico bem maiores que o escritor, fazendo-o pensar, sentir e dizer o que êle não pensou, nem sentiu, nem disse.

E há simples exageros de expressão em críticos mais ruinosos que muitos exageros de lógica de autores: prejudicam a venda do livro e por isso mesmo o bem que podia fazer às almas.

Como denominarei êstes sucedidos?

Ausências momentâneas de reflexão de que todos, mais ou menos, padecemos.

Dir-se-á também:

— Em muita coisa não há aquela clareza de idéias que muito era para desejar.

— Sem dúvida! mas nem todos os bons desejos são, sobretudo em determinadas circunstâncias, realizáveis.

Nem sempre, nem em tudo, se pode ou deve ser claro.



Como se há-de descrever uma noite de trevas, como se fôra um dia de muito sol?

Por vezes a clareza de idéias depende de um conjunto de condições nem sempre totalmente exequíveis. Não será êste um dos casos?

\*

— E a demonstração, quantas vezes não fraqueja?...

— O meu fim não foi esgotar assuntos: foi difundir idéias sãs.

Não escrevo livros de texto para académicos: escrevo livros de propaganda para quem não tenha tempo, nem oportunidade, nem paciência, nem mesmo capacidade para ler pesados infólios.

Mas..., como não pretendo tirar «patente» de todos os reparos que possam fazer-se a êste meu livro, deixo os muitos mais aos críticos e leitores.

E vou fechá-lo por modo pitoresco, para não desmentir a fama que tenho de o ser.

Vai, livrinho meu, mundo em fora!

Não estranhes te critiquem.

Quem não quiere ser criticado, fecha-se em casa e nem sequer assoma à janela.

Vai pois! Inclina-te respeitosamente aos teus críticos e prossegue o teu caminho, a fazer bem. Sabes que para outra coisa te não escrevi.

Se alguém, irritado, te sair à frente, responde-lhe docemente, parafraseando S. Paulo aos coríntios <sup>(1)</sup>:

— Ó irmão, se te contristei, foi em bem; por isso, em vez de me arrepender, folgo de o haver feito.

Lê-me, pois, novamente com paz, com o desejo único de acertar, e talvez, o que te pareceu então amargo, te pareça agora doce.

---

(1) 2 Cor. 7, 8.







# ÍNDICE

Eu e o leitor ... ..	5
----------------------	---

Os desertores. Crise geral. A maior das crises é a do juízo. A pasmosa exegese e hermenêutica adventista. Os adventistas presumem de faróis. Justa observação de Apeles ao sapateiro. O que hoje mais se vê: são sapateiros a subir acima de chinelas. As mais graves e mais delicadas questões políticas. A crise da reflexão e a actual guerra. A crise de reflexão e a vocação profissional. Vocações eclesiásticas e religiosas feitas a martelo. Ofensiva de idéias. Ignorância religiosa. A escola de religião do povo é a igreja. Desperdício e aproveitamento do tempo. Verdade e mentira. A verdade salva. A mentira arruína. A mentira protestante não salva ninguém ... ..	7
---	---

## II

Princípios e factos. Divina e hierárquica fundação da Igreja. Pedro — o supremo Pastor dos cordeiros



e ovelhas de Cristo. Cristo impõe a Simão o nome de Pedro e promete-lhe a entrega das Chaves. Infalibilidade e pecabilidade. Investição de Pedro no Sumo Pontificado. Supremacia religiosa da Igreja Romana ... .. 28

### III

Quem não é católico necessariamente se condena, ou poderá salvar-se? Fora da Igreja não há salvação. Que é a Igreja? Em que consiste a alma da Igreja? Que é necessário para pertencer à alma da Igreja? Fé sobrenatural. Graça santificante. Quem pertence à alma da Igreja? ... .. 41

### IV

Que se entende por Corpo da Igreja? Jesus Cristo propôs-se estabelecer uma Igreja visível. Obrigação de pertencer ao Corpo da Igreja. Obrigação grave de receber o baptismo. Os três baptismos. O baptismo da água. O baptismo de sangue. O baptismo de desejo ... .. 55

### V

Dever grave de pertencer ao Corpo da Igreja pela unidade da fé. Os Apóstolos e a unidade da fé. Os Santos Padres e a unidade da fé. Os Concílios e a unidade da fé. Procedimento da Igreja para com os hereges. A «heresia» é directamente oposta à fé. A



unidade da fé não pode basear-se no «livre exame». O Protestantismo e a Dogmática cristã. Os Chefes protestantes e o «Magistério superior». ... .. 63

## VI

Necessidade de pertencer ao Corpo da Igreja pela unidade de culto e de govêrno. Os protestantes quebraram a unidade da fé, de culto e de govêrno. São cismáticos e hereges. O cisma, como a heresia, é igualmente condenado pelos Santos Padres. Síntese e conclusão. ... .. 79

## VII

Umas quantas perguntas aos protestantes de tôdas as côres — adventistas e não adventistas — a propósito do seu tão decantado amor à Bíblia. Leitura da Bíblia na idade-média. Edições da Bíblia antes de 1534. Nem todo o Evangelho está nos evangelhos. Os evangelhos podem perecer. O Evangelho, não. O Evangelho é tôda a mensagem de Jesus Cristo aos homens. Os evangelhos são apenas parte. ... .. 93

## VIII

Primeiras origens do Milenarismo ou Adventismo. Sua história. Milenarismo judaico. Milenarismo cristão. O Milenarismo de alguns Santos Padres. Contraditores. O Milenarismo e as seitas protestantes.



O Adventismo moderno e contemporâneo. O fundador do Adventismo. Seitas adventistas. ... ..	107
--	-----

## IX

Profecias de Daniel. Visão de uma estátua de extraordinária grandeza. Que representa a pedra que tudo reduziu a pó? O quinto império. Visão de quatro feras pavorosas. Quem é o povo dos santos do Altíssimo? Profecia do Filho do homem. Será messiânica esta profecia? O reino messiânico. O Messias. Visão de um carneiro e de um bode. ... ..	144
---	-----

## X

Abuso do Apocalipse. O dogma católico da segunda vinda de Cristo. O Apocalipse. Expressões a esclarecer e a fixar. O Cordeiro, Rompimento dos selos. Comentário. Quem é o Cavaleiro do cavalo branco? A Mulher vestida de sol. ... ..	168
---	-----

## XI

Visão da Bêsta de 7 cabeças e 10 pontas. Por que permite Deus o mal? Visão da Bêsta de 2 pontas. De que Cordeiro se fala nesta visão? O número da Bêsta é 666. O Evangelho eterno. O juízo de Deus. O Filho do homem vem segar a sua messe. Parábola da zizânia. ... ..	182
---	-----



## XII

Visão dos 7 anjos com as últimas 7 pragas. Fim dos perseguidores do Reino de Cristo: a sua Igreja. Condenação da grande Cortesã. Roma está bem representada e bem caracterizada. Lamento da queda de Babilónia, de Roma idólatra e do seu colossal Império. A Aleluia triunfal dos santos. ... .. 200

## XIII

O capítulo vinte do Apocalipse. Leve comentário. Prisão do Dragão. A expressão «mil anos». O capítulo vinte do Apocalipse e o milénio adventista. Duas vidas, duas mortes, duas ressurreições. ... .. 218

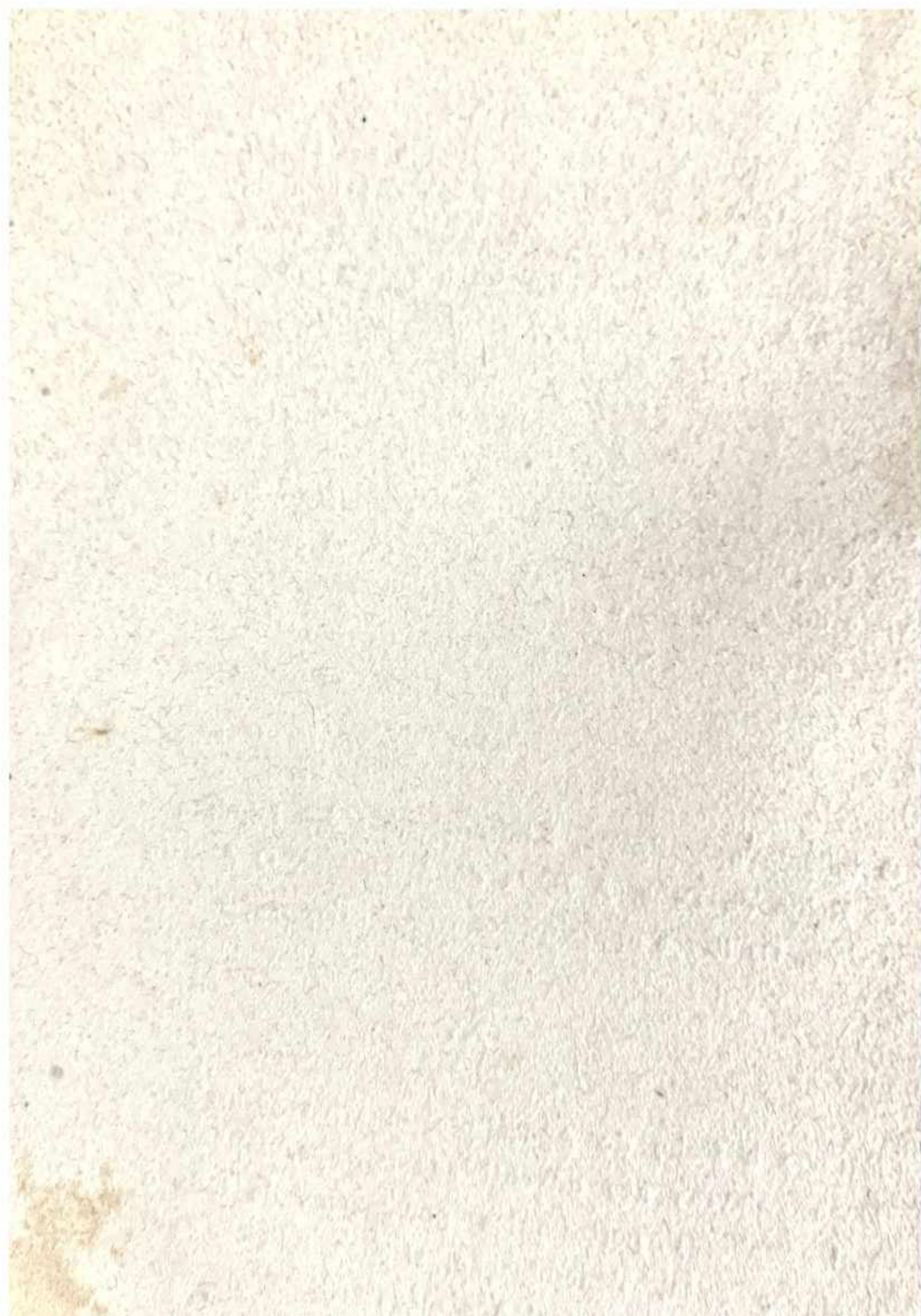
## XIV

O milénio apocalíptico. Eterno destino dos inimigos do Reino de Deus. A Bêsta do Apocalipse. O Anti-Cristo. Os livros apocalípticos ... .. 235

## XV

Epílogo e fecho do Apocalipse. A nova Jerusalém. Duas palavras aos adventistas-sabatistas. Portugueses! Senhores portestantes portugueses de tóda e qualquer seita, denominação, sistema religioso, adventistas e racionalistas! Aos meus críticos ... .. 248







## DO MESMO AUTOR

- Sermões da Semana Santa.  
Devocionário Franciscano.  
Normas da Vida Cristã.  
A Santa Missão (2.<sup>a</sup> ed., esg.).  
Guia da Missão (5.<sup>a</sup> ed.)  
Trezena de Santo António.  
Novena da Imaculada Conceição.  
Novena de S. Francisco.  
Novena de S. Luís, Rei de França.  
Novena de Santa Isabel da Hungria.  
Santo António de Lisboa.  
Casa de Santo António de Lisboa.  
O Problema Espiritista.  
Manual (Pequeno) das Filhas de Maria (*trad. do ital.*).  
Religião, sim! Padres, não (2.<sup>a</sup> ed.).  
Florinhas de Fátima — Francisco (2.<sup>a</sup> ed., no prelo).  
O Problema Cruciante do Além.



THE HISTORY OF

THE CITY OF  
NEW-YORK  
FROM THE  
FIRST SETTLEMENT  
TO THE PRESENT  
TIME  
BY  
JOHN B. HENRY  
OF THE  
CITY OF NEW-YORK  
IN TWO VOLUMES  
VOL. I.  
NEW-YORK  
PUBLISHED BY  
J. B. HENRY  
AT THE  
PRINTING OFFICE OF  
J. B. HENRY  
NO. 101 NASSAU ST.  
1854



ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE  
LIVRO, A 26 DE MAIO DE 1943, NAS  
OFICINAS DA UNIAO GRAFICA, RUA  
DE SANTA MARTA, 48 — LISBOA











